



# Texto e Leitura

UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS APINAYÉ E KRAHÔ

Francisco Edviges Albuquerque  
organizador

# **TEXTO E LEITURA: Uma prática pedagógica das escolas Apinayé e Krahô**



**Reitor:** Márcio Antônio da Silveira

**Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários - PROEX:** George França dos Santos

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESQ:** Waldecy Rodrigues

**Diretor do Campus de Araguaína:** Luiz Eduardo Bovolato

**Coordenação do Projeto de Educação Escolar Apinajé na Perspectiva Bilingue e Intercultural:** Francisco Edvigés Albuquerque

**Diretor de Educação Básica Presencial/DEB/CAPES:** Carmem Moreira de Castro Neves

**Coordenação Geral da CGV/DEB/CAPES:** Helder Eterno da Silveira

**Coordenadora de Apoio à Inovação e Pesquisa em Educação (CINPE/CGV/DEB/CAPES):** Fernanda Litvin Villas Boas

**Equipe Técnica/CAPES:** Carine Pereira Mariani, Janaína Cássia Carvalho e Sílvia Helena Rodrigues

**Coordenação Regional/FUNAI/ Palmas:** Cleso Fernandes de Moraes

**Chefe do NPPDS/FUNAI/ Palmas:** Corina Maria Rodrigues Costa

**Coordenação Técnica da FUNAI/ Tocantinópolis:** Bruno Aluísio Braga Fragoso

**Diretoria Regional de Ensino de Tocantinópolis/DRET:** Luciana Gomes de Souza Pimentel

**Supervisor Pedagógico Indígena/DERET/Tocantinópolis:** João Joviano de Medeiros Neto



**Grão Chanceler**

Dom Washington Cruz, CP

**Reitor**

Prof. Wolmir Therezio Amado

**Editora da PUC Goiás**

**Pró-reitora da Prope e Presidente do Conselho Editorial**

Profa. Dra. Sandra de Faria

**Coordenador Geral da Editora da PUC Goiás**

Profa. Nair Maria Di Oliveira

**Conselho Editorial**

Aidenor Aires Pereira - Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás

Edival Lourenço - União Brasileira de Escritores

Getúlio Targino - Presidente da Academia Goiana de Letras

Helóisa Helena de Campos Borges - Presidente da AFLAG

Profa. Heloísa Selma Fernandes Capel - UFG

Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante - Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profa. Dra. Márcia de Alencar Santana - PUC Goiás

Maria Luíza Ribeiro - Presidente da AGL

Profa. Dra. Regina Lúcia de Araújo - Pesquisadora

Prof. Ms. Roberto Malheiros - PUC Goiás



# **TEXTO E LEITURA: Uma Prática Pedagógica nas Escolas Apinayé e Krahô**

**Francisco Edviges Albuquerque (Org.)**



Goiânia

2012



## **Projeto: A Educação Escolar Apinajé na Perspectiva Bilíngue e Intercultural**

Esta publicação foi viabilizada com recursos do Programa do Observatório da Educação Escolar Indígena/ CAPES/SECAD/INEP - Edital 001/2009 - Projeto 014.



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)  
Apoio:



**PROEX - Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários**  
**PROPESQ - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**  
**LALI - Laboratório de Línguas Indígenas / Campus de Araguaína**  
**NEPPI - Núcleo de Estudo e Pesquisa com Povos Indígenas / Campus de Araguaína.**

---

T355 Textos e leitura: uma prática pedagógica nas escolas Apinayé e Krahô/ Francisco Edviges Albuquerque (org.). – Goiânia: Ed. América, 2012.  
144 p.: 30 cm

ISBN 978-85-9921-885-3

1. Educação escolar indígena. 2. Textos e leitura – ensino – índio Apinayé. 3. Texto de leitura – ensino – índio Krahô. I. Albuquerque, Francisco Edviges (org.). II. Título.

CDU 37: 397

---

Todos os direitos reservados aos indígenas Apinayé/ Krahô: Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio de processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos, internet, *notebook*. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal, cf. Lei no 6.895, de 17/12/80) com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (art. 102, 103 parágrafo único, 104, 105, 106 e 107 itens 1, 2 e 3 da Lei N° 9.610 de 19/06/98. Lei dos Direitos Autorais).

**Professores Indígenas  
Apinayé colaboradores  
do Projeto**

Rosana Dias Apinajé, José Durico Dias Apinajé, Fernanda R. Apinajé, Maria dos Reis Pandy Corredor Apinajé, Davi W. Apinayé, Ana Rosa Ribeiro Salvador Apinajé, Edvaldo Ribeiro Apinajé, Itamar Kamàt Apinagé, Silivam Oliveira Apinagé, Iramar Dias de Sousa Apinajé, Jurandy Pereira Ribeiro Katàm, Diana Apinayé, José Eduardo Dias Pereira, Maria Célia Dias de Souza Apinajé, Josué Dias de Sousa Apinayé, Moacir Xertente, Vilson Corredor Ribeiro Apinayé, Francisco Ribeiro da Costa Apinajé, Valdir hapor Dias apinayé, Juan Apinayé, Ivam Corredor Dias, Fernanda R. Apinajé, Eloíza Gretxo Dias Perreira Apinajé, Maria Cipand Apinajé, Emílio Dias de Sousa Apinajé, Júlio de Sousa Apinajé, Júlio Kamêr Apinajé.

**Professores Indígenas  
Krahô colaboradores do  
Projeto**

Isaias Cripô Krahô, Roberto Krahô, Ovídio Krahô, Gelma Krahô, Celia Cukre Kurjj Krahô, Simone Croulay Krahô, Ataúlio Krahô, Júlio Inxicaprêc Krahô, Cornélio Kôc Krahô, Paulinho Rôrhj Krahô, Carlito Rôpar Krahô, Carlito Ajtá Krahô, Elton Hiku Krahô, Simão Cajcar Krahô, João Lucas Cahhi Krahô, Crimo krahô, Edivaldo Wakê Krahô, Ivonete Y. R. Yow Krahô-Kanela, Aguinaldo Vieira Hàka Krahô, Rogério Côtetet Krahô, Augusto Pruxum Krahô, Tais Rôcuhtô Krahô, José Dilson Krahô, Anízio Capej Krahô, Marciana Amxykuyj Krahô, Sara Crerô Krahô, Ovídio Krahô, Carlito Rôrpàr Krahô, Carlito Ajtá Krahô, João Lucas Cahli Krahô, Cornélio Kôc Krahô, Guimo Parhy Krahô, Aguinaldo V.H Krahô, Elton Hiku Krahô, Ely kujj Tep Krahô, Anízio Capej krahô, Edivaldo Wake Krahô, Fábio Inscycaprec Krahô, Tais Pocuhto Krahô, Simão Cajcar Krahô, Guilherma Krahô, Rogério Cotete Krahô, Dilson Krahô, Dioclides T. Krahô, Marciana Krahô, Rubens Txuwo Krahô, Ariel P. Krahô, Ataúlio Wathur Krahô, Roberto K. Krahô, Gregório Huhte Krahô, Iramar Irroia Wew Krahô, Edivaldo Paraty Krahô, Gilvan Hitopo Krahô, Ariel Pepha Krahô, Otamir Kaxêr Krahô, Jucilene Muxà krahô.

**Professores Indígenas  
Apinajé Revisores**

Ana Rosa Ribeiro Salvador Apinaje, Emílio Dias Apinayé, Josué Dias de Sousa Apinayé, José Eduardo Dias pereira, Apinayé, Julio Kamêr Apinayé, Maria Célia Dias de Souza, Apinajé e Paulo Laranja Apinayé.

**Professores Indígenas  
Krahô Revisores**

Rogério Côtetet Krahô, Tais Rôcuhtô Krahô, José Dilson Krahô, Ely Kujj Tep Krahô, Ataúlio Wathur Krahô, Roberto K. Krahô, Edivaldo Paraty Krahô, Otamir Kaxêr Krahô, Renato I. Krahô

**Assessoria Linguística** Francisco Edviges Albuquerque

**Equipe do Projeto:**

**Coordenação** Francisco Edviges Albuquerque

**Professores  
Colaboradores** Miguel Pacífico Filho e Thelma Pontes Borges

**Bolsistas De Graduação** Ayrton Alves Brauna, Leilane Pereira da Costa, Tatiane Pereira de Oliveira, Thais de Souza Carvalho, Welison Portugal de Souza.

**Bolsista de Mestrado** Jane Guimarães Sousa

**Professoras de Educação  
Intercultural (Bolsistas)** Ana Rosa Ribeiro Salvador Apinayé e Maria Célia Dias de Sousa Apinajé.

**Capa** Félix de Pádua

**Diagramação e  
Digitação** Wagner José Pires e Rhondhylene Alves Pereira Costa.

**Revisão:** Francisco Edviges Albuquerque

**Adaptação Gráfica** Félix de Pádua





# APRESENTAÇÃO

Este Livro é resultado de uma experiência de trabalho, ao longo de quinze, anos com os professores indígenas Apinayé, através do Projeto de Apoio Pedagógico à Educação Escolar Indígena Apinayé/Krahô e das ações do Programa do Observatório da Educação Escolar Indígena/UFT/CAPES, Projeto 014/2009.

O livro trata de uma coletânea de textos, que será usada pelos professores das escolas indígenas Apinayé e Krahô e está dividido em duas partes. A primeira parte traz uma série de textos produzidos pelos professores indígenas Apinayé, e a segunda pelos professores indígenas Krahô, levando em consideração os aspectos linguísticos, históricos e culturais desses povos, visto que os professores indígenas foram os agentes das ações que resultaram na organização desse material didático.

A coletânea que compõe o livro consiste num banco de textos do livro **TEXTO E LEITURA**: uma prática pedagógica nas escolas Apinayé e Krahô, versando temas como as narrativas do dia-a-dia dos povos indígenas Apinayé/Krahô, bem como narram a história oral desses povos e de seus mitos. A linguagem é peculiar, uma vez que nasce de um contato intercultural e de uma maneira particular de como os indígenas veem o mundo cosmológico, bem como da forma de organizar seus conhecimentos.

É importante salientar que a organização deste livro partiu da iniciativa e da reivindicação dos professores indígenas das escolas Apinayé/Krahô. Ele surgiu, então, com o objetivo maior de contribuir para uma educação escolar intercultural e diferenciada, com materiais didáticos produzidos com a participação efetiva dos referidos professores. Desta forma, os textos retratam os aspectos sociolinguísticos e culturais desses povos e toda a gama de relação que eles (os indígenas) estabelecem com a natureza e com os outros.

Infelizmente, ainda existe pouco material didático nas escolas indígenas do Tocantins. E os materiais produzidos pelos professores indígenas ainda são mais escassos. Assim, a prática pedagógica Apinayé e Krahô na elaboração dos textos contidos neste livro tomou por base as interações do dia-a-dia das sociedades indígenas, nos diversos domínios sociais desses povos, bem como da realidade didático-pedagógica e histórica vivenciada pelos professores indígenas em sala de aula das escolas de suas aldeias e pelos aspectos da história de cada um desses indígenas ao longo do contato com a sociedade não-indígena.

Para isso, os textos obedecem às características estruturais das línguas e da sociedade indígena Apinayé e Krahô, levando em consideração as relações culturais entre esses povos, o que os possibilitará a entender a interculturalidade. Desta forma, esperamos que este trabalho possa contribuir para uma prática pedagógica que vá além da sala de aula das escolas dessas aldeias.

Queremos frisar, também, a importância dos aspectos linguísticos que aparecem nos textos em relação à forma e o significado dos recursos da língua indígena Apinayé e Krahô, que possam contribuir para as práticas pedagógicas dos professores indígenas do estado do Tocantins, que possuem o português como segunda língua, nas atividades de ensino de língua de gramática.

Estes aspectos estão presentes nos textos, enfatizando a necessidade de se trabalhar com o significado, com os aspectos linguísticos de significação, de produção de efeitos de sentido entre os interlocutores para a comunicação. É importante ressaltar também esses aspectos, porque temos conhecimento de que a tradição escolar vem privilegiando o trabalho apenas com a forma, com a estrutura gramatical, isto é, tem se centrado na classificação dos elementos linguísticos.

De acordo com Azeredo (2000), a escola, tem valorizado o papel cultural da palavra, particularmente, na modalidade escrita, como instrumento de aquisição, criação e veiculação do conhecimento, com uma tendência a deixar na sombra sua importância como expressão de comportamento social como modo pelo qual se define o “tom” das interações humanas. Essa dimensão social da língua se imprime em sua extraordinária maleabilidade e adaptabilidade às circunstâncias comunicativas, aos interesses dos falantes e aos caprichos do tempo e da história.

Esperamos que as ideias consubstanciadas, neste livro, sejam de fundamental importância para os professores indígenas Apinayé e Krahô a que se destina esse material didático, mas especialmente, aos professores indígenas do Estado do Tocantins, que têm o português como segunda língua, não apenas como conteúdo de atualização do saber sobre a língua indígena/português e as políticas de ensino/aprendizagem, mas, sobretudo, como promoção de uma reflexão coletiva e estímulo a uma concepção crítica dos conteúdos, metodologias e estratégias de trabalhos em sala de aula das escolas Apinayé e Krahô, bem como as demais escolas indígenas do Estado do Tocantins.

Francisco Edviges Albuquerque

# Sumário

Apresentação.....	9
-------------------	---

## **PRIMEIRA PARTE**

<b>Textos Apinayé.....</b>	<b>15</b>
A Caçada .....	16
A Pesca.....	17
A Convivência do Povo Apinayé.....	18
Pintura Corporal do Tatu.....	19
Uma Festa na Aldeia.....	20
Arco e Flecha .....	21
A Lenda de Perna Aguda.....	22
Cultura Apinajé .....	23
Roça de Toco .....	24
Corrida da Tora .....	25
A Festa do Povo Apinayé .....	26
O Dia da Pescaria.....	27
O Dia da Caçada.....	28
Água.....	29
A Festa da Primeira Chuva.....	30
Apinajé Kukrêx.....	31
Texto Sobre o Buriti.....	33
História do Gavião Branco .....	34
A Paisagem.....	35
As Caças.....	36
Casamento na Cultura Apinajé .....	37
História da Pescaria .....	38
História da Garça .....	39
Historia da Aldeia São José.....	40
Aldeia Prata .....	41
O Rio Tocantins .....	42
Krure ho mẽ Hprõt Jarênh.....	43
Pescaria .....	44
Mẽ Pa Te Amnhĩnhpêx Jarênh.....	45
Tora.....	47
Corrida de Tora .....	48
Kanhêr ho Prõ Xwỳnh .....	49
Partido do Katàm e Wanhmẽ.....	50

Myti nẽ Mytwrÿre .....	51
A Casa Apinayé.....	54
Festa da Primeira Chuva .....	55
A Natureza .....	56
O Planeta Terra .....	57
História do Gavião e Passarinho .....	58
História do Babaçu .....	59
O Peixe Puraquê .....	60
Aldeia Girassol.....	61
A Festa de Nominação .....	62
A História da Borduna.....	63
Mẽ Kot Amnhĩ Jõt.....	64

## SEGUNDA PARTE

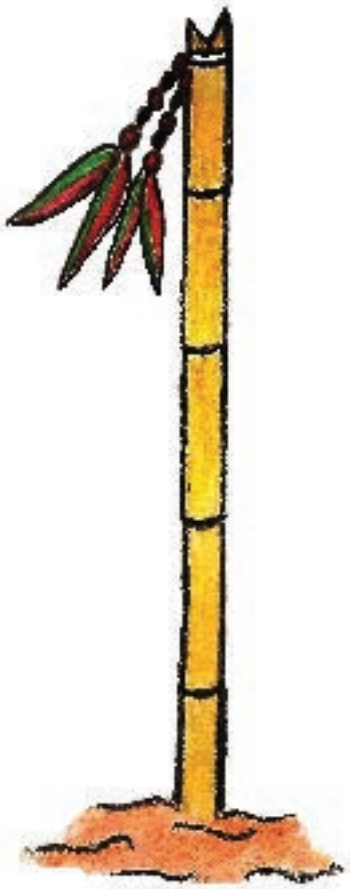
<b>Textos Krahô</b> .....	65
A Pintura Krahô .....	66
Mito de Tyrkrẽ.....	67
Tyrkrẽ Jarẽn Xà.....	68
O Mito de Tyrkrẽ.....	70
A História do Tyrkrẽ.....	71
Tyrkrẽ.....	73
Tyrkrẽ Jarẽn Xà .....	74
Tyrkrẽ Jarẽn Xà .....	76
A História da Machadinha.....	77
Aldeia Krahô .....	78
Ahkrajre Pihôc Jarẽn Xà .....	79
Pintura da Lontra .....	80
Pinturas Corporais.....	82
A Velha .....	83
A Raposa a Rolinha e o Urubu .....	84
Pintura Corporal.....	85
Pyt.....	86
Pintura do Papamel .....	87
A História do Sapo.....	88
Awxêt Pyryre .....	89
Histórias dos Povos Indígenas.....	90
Pintura do Verão.....	91
Lenda da Onça e do Macaco.....	92
Pintura das Moças .....	93
Pintura Corporal.....	94
A História do Jabuti, da onça e da Mucura .....	95

Os Esqueletos Humanos .....	97
O Mito do Guerreiro .....	99
História do Passarinho, da Raposa e do Urubu .....	100
História do Tyrkrê .....	101
Pintura das Mulheres .....	102
Pintura Corporal do Wacmêjê .....	103
Pintura Corporal Catâmjê .....	104
A História da Flechinha .....	105
Cabacinha .....	106
A Pescaria .....	107
O Guerreiro Krahô .....	108
Planta Medicinal .....	109
Pé de Buriti .....	110
O Formato das Aldeias .....	111
Danças de Rua .....	112
Pé de Cabaça .....	113
O Cinto .....	114
Maracá .....	115
A colheita de Frutas do Cerrado .....	116
Machadinha .....	117
Ritual Fúnebre de Pessoas Adultas .....	118
Alimentação dos Krahô .....	119
A Caçada .....	120
Plantas Medicinais .....	121
A Casa Krahô .....	122
Colar .....	123
Roça de Toco .....	124
Estrada para o Pátio .....	125
A História da Estrela .....	126
Carĩre mẽ Xore Jarẽn Xà .....	127
História da Galinha e da Raposa .....	128
O Esporte Krahô .....	129
O Jogo de Flecha .....	130
Descrição de Reserva Indígena Kraolândia .....	131
A Importância de Pé de Buriti para os Krahô .....	132
Mateiro e o Catingueiro .....	133
Kore .....	134
Uma Caçada na Aldeia .....	135
O Homem Morcego .....	136
Aldeia Manoel Alves Pequeno .....	138
História da Cobra .....	139
Cantigas do pẽp Cahàc .....	141

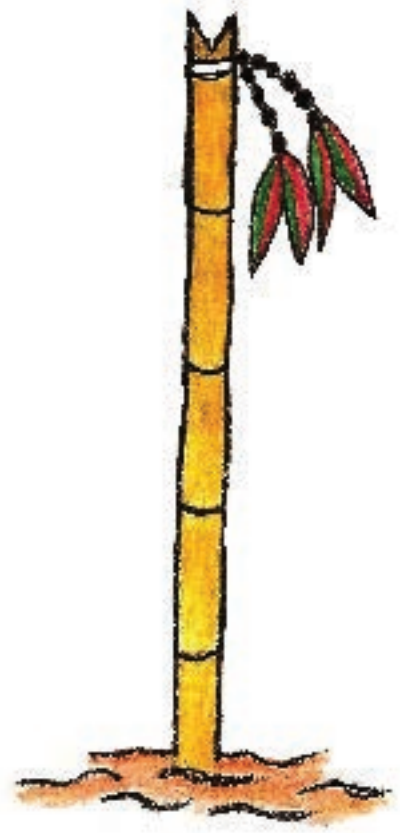


# PRIMEIRA PARTE

---



## *Textos Apinayé*





## *A Caçada*



**Desenho e texto: Rosana Dias Apinayé**

Pedro estava saindo para caçar e pescar, quando os filhos dele chegaram da cidade trouxeram um frango e costela de porco. Então ele desistiu de ir caçar. Mandou a mãe cozinhar o frango para os filhos e quando ficou pronto Pedro pediu a mulher para tirar a panela do fogo e servir os meninos.

Porém, no outro dia, Pedro resolveu ir caçar e pescar. Matou um tatu e pegou quinze peixes na lagoa. Assou dois peixes e levou treze, chegando a casa, salgou-os para comer, no outro dia, com a família. Mas o tatu foi vendido para comprar as munições, porque Pedro era um homem muito pobre. Então, foi assim que aconteceu com o Pedro.

## *A Pesca*



**Desenho e texto: Itamar Apinayé**

Dois amigos foram pescar no rio Butica, um era Mãtyk e o outro era Gôhtũm. Foram lá, fizeram barraco e pela de manhã, os dois foram pescar, chegamo ao ribeirão, Mãtyk foi o primeiro que jogou anzol na água, pegou uma tartaruga, e Gôhtũm deu risada de Mãtyk, logo mais na frente, Mãtyk começou a pegar peixe grande, e Gôhtũm pegava só peixinho pequeno, porém o sol estava baixo, pois já estava anoitecendo; Mãtyk falou para Gôhtũm: vamos embora, porque nós temos que tratar de nossos peixes. Gôhtũm respondeu que sim, vamos daí, eles foram embora para o barraco e juntaram os peixes, e fizeram jirau e botaram os peixes para assar.

Em seguida, Gôhtũm falou para Mãtyk: hoje é o último dia, então vamos à caçada. Os dois foram à caçada, Gôhtũm foi por um caminho e Mãtyk por outro, os dois se dividiram. Gôhtũm foi, mas voltou, novamente, catando peixes grandes e foi embora na frente. De repente, Mãtyk chegou ao barraco e viu apenas peixes pequenos, então foi embora atrás de Gôhtũm.



## *A Convivência do Povo Apinayé*



**Desenho e texto: José Durico Dias**

A pescaria é muito importante para o povo Apinayé, pois faz parte de nosso costume e serve de alimento para nossos filhos. Assim, os Apinayé pescam nos riachos e no rio Matrichã, como forma de fortalecimento de nossos costumes e cultura. Atualmente, uma de nossas atividades principal é pescaria, pois, para os Apinajé, quando alguém da comunidade encontra uma lagoa, rio ou riacho, chama as pessoas para irem à pescaria. Se houver muitos peixes, pegam bastante, mas também livram as crianças, para elas aprenderem a pescar também, pois pescar faz parte de nossa cultura e de nossa convivência e de nosso dia-a-dia, portanto, nós, Apinayé, temos que manter nossos costumes tradicionais e ensinar isso para nossas crianças. Nos nossos rios, lagoas e riachos, existem vários tipos de peixes e os Apinayé continuam pescando para alimentar sua família.

## *Pintura Corporal do Tatu*

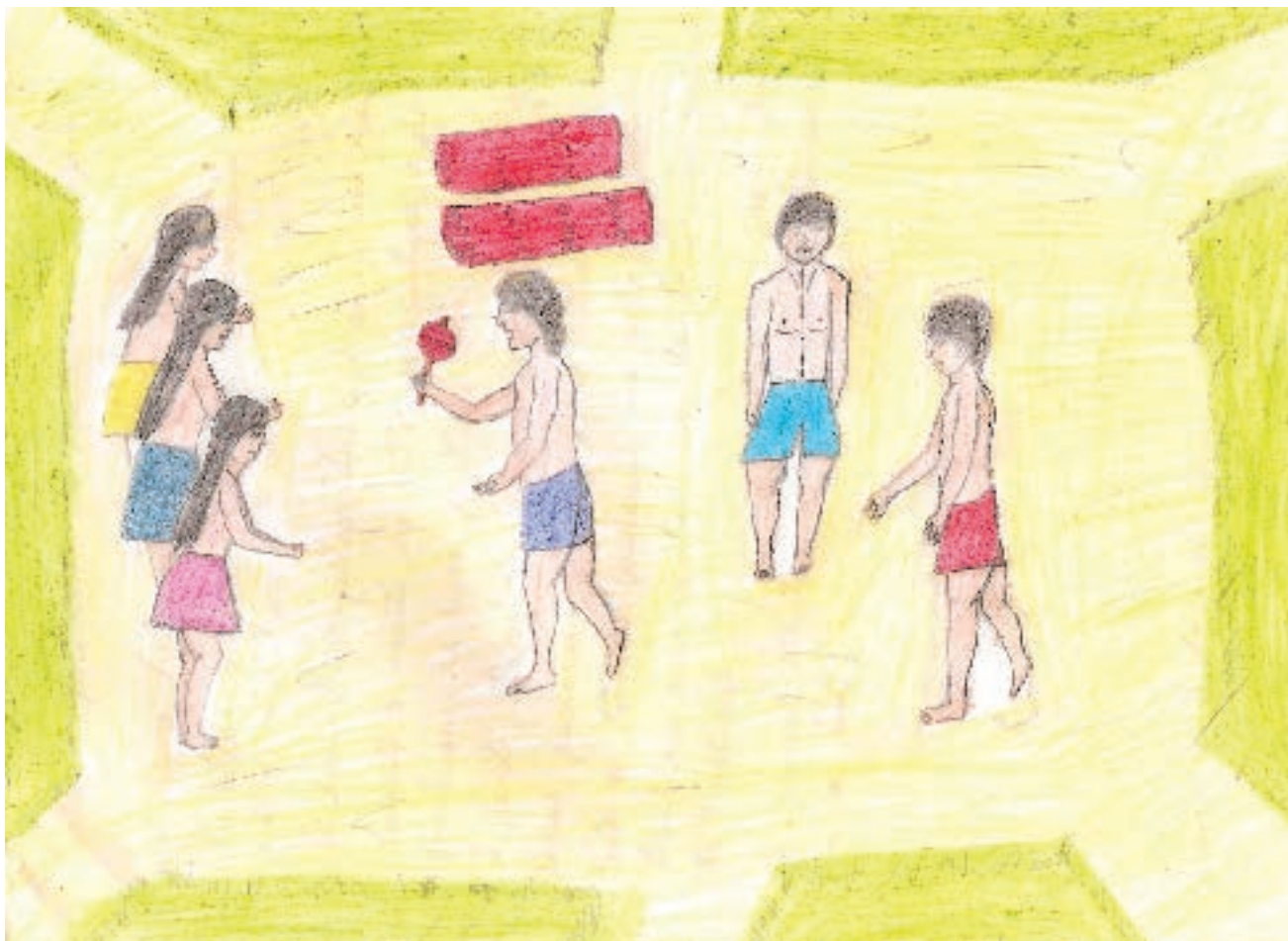


**Desenho e texto: Fernanda R. Apinajé**

As mulheres usam a Pintura corporal do tatu conhecida, como tradição do povo Apinayé. Essa pintura se chama de Kore e Tõnkàre, e os mais velhos gostam de pintar as mulheres jovens, mas também agora, estão repassando esses conhecimentos para os filhos e netos, como forma de manutenção e de revitalização da cultura do povo Apinayé.

Tudo isso é muito importante para que as crianças e jovens conheçam as pinturas mais antigas, visto que os velhos se pintavam assim e temos que manter até hoje pelas crianças e jovens indígenas, para não deixar a cultura Apinayé se acabar.

## *Uma Festa na Aldeia*



**Desenho e texto: Maria Reis Pandy Corredor Apinajé**

Na aldeia São José, acontecem as festas no mês de outubro. Os homens e mulheres Apinayé dançaram e cantaram durante a noite no pátio. As mulheres e homens se juntaram para se pintarem.

À tarde, todos os homens correram com a tora, depois pularam nas ruas e no pátio e à noite, retornaram para cantar e um cantador acompanhava com o maracá. As mulheres sentaram, tomaram café e fumaram observando tudo, e as crianças também escutaram, observaram e brincaram.



## *Arco e Flecha*



**Desenho e texto: Davi Wamimen Chavito Apinajé**

Antigamente, os Apinayé pescavam com arco e flecha e muitos tinham a facilidade de pescar, principalmente, os mais velhos. Porém, as pescarias aconteceram quando chegava o verão, pois os rios diminuíaam o volume das águas ficavam melhor para pescaria. Ao terminar de pescar com o arco e flecha, os velhos levam para a casa os peixes, botam no fogo e depois de cozidos os peixes, serão bem servidos. Esse tipo de pescaria só acontece no verão, nos rios pequenos ou nos rios grandes.

Mas, hoje os mais novos já não praticam a pescaria com arco e flecha. Essa prática já está sendo esquecida pelos índios Apinayé, embora os mais velhos falam que os novos estão interessando mais é na espingarda e nos anzóis e, com isso, irão esquecer de pescar com a sua própria arma de pescar, que são arco e flecha.

## *A Lenda de Perna Aguda*



**Desenho e texto: Ana Rosa R. Salvador**

Antigamente dois homens foram caçar e, quando anoiteceu, os dois decidiram dormir. Eles limparam o lugar para dormir, fizeram fogo, deitaram bem perto um do outro. O cunhado falou tenha cuidado com fogo, você vai queimar sua perna. Então ele mudou a perna de lugar e depois dormiram.

À meia noite, o cunhado estava quase dormindo, quando ouviu um barulho, acordou, olhou para o amigo, viu que ele estava com a perna no meio do fogo.

Com isso, a perna saiu do corpo dele. Ele apanhou a perna jogou lá em baixo do pequi.

Depois falou para o cunhado ir caçar pequi e trazer para nós comermos. O cunhado foi, mas não achou pequi, viu apenas a perna dele e ficou com muito medo.

Voltou se deitou vigiando, mas não dormiu. Ficou só olhando para o cunhado, muito assustado e não dormiu mais. De repente, apontou a perna para cunhado, disse agora, quando estiver caçando, e a caça vier, vou fazer assim. Então o cunhado levantou-se depressa, saiu correndo e foi embora.

## *Cultura Apinajé*



**Desenho e texto: Edivaldo Ribeiro Apinajé**

A cultura tradicional dos Apinayé começa no dia 19 de abril. Nós começamos a nossa festa nessa data e temos mais de 15 dias de manifestações culturais.

Assim, nós, Apinayé, nos juntamos na aldeia Mariazinha, que é local onde a festa acontece e comeremos durante muitos dias. Existem várias atividades culturais, e começamos ao meio dia com um almoço para todos. Depois do almoço, começa a festa corrida da tora que é o nosso objetivo de fazer maior pra ver quem vai ganhar.

Os homens casados disputam a corrida da flecha, para ver quem será o ganhador. Os outros a Corrida da Tora. Nossa cultura é assim; só muda a história.



## *Roça de Toco*



**Desenho e texto: Itamar Kambàd Apinagé**

Antigamente o povo indígena Apinayé se reunia para botar roça de toco. Geralmente, o cacique e a comunidade se reúnem no pátio para conversar sobre a roça e saber se a comunidade concordava. A comunidade concordando, o cacique fazia um mutirão para roçarem toda a mata para depois fazerem a derruba das árvores.

Os homens roçam tudo, depois derrubam, esperam um bom tempo, para depois tocar fogo. Além disso, tanto as mulheres, os homens como as crianças vão todos para a roça. Os homens cortam os galhos, as mulheres e as crianças encoivaram. Passados alguns dias, retornam para plantar, primeiro plantam mandioca e depois plantam arroz, inhame, batata doce, abóbora, cará, banana e fava.

Terminado todo o plantio, eles esperam as chuvas e quando começa a chover, retornam para limpar o roçado e, se der muitos legumes, o cacique se reúne de novo com a comunidade, para ver se todos vão ajudar na colheita ou se divide para cada casa. Se eles não concordarem, dividem para cada casa em cada casa cuidar de sua colheita. Portanto, é assim que os Apinayé faziam suas roças.



Desenho e texto: Davi Wamimen Chavito Apinajé

### **Grã ho Prõt**

Na htem myt wrÿ mẽ mẽ hkĩnh nhĩpêx o pa. Kot nhÿrmã mẽhõ ty nhũm kwÿjaja hã akuprõ nê kãm grer ho apkati, mẽ kĩnhja pê na pàr kapêhti jakamã na htem gwra ho prõt ho kuhê. Nhũm kwÿjaja gãm mẽ kuku nê hõrkwÿ wÿr anhgrà. Apinajejaja na htem ã anhĩpêx anhÿr o pa.

Kot nhÿrmã mẽhõ ty nhÿm kwÿjaja hã akuprõ nê kãm grer o apkati nê pàr kapêti jarê. Apêx.

Pumê Jarãhã Katàm nê Kamã harê mẽkĩnh nhĩxi pê Pàr Kapê pumu.

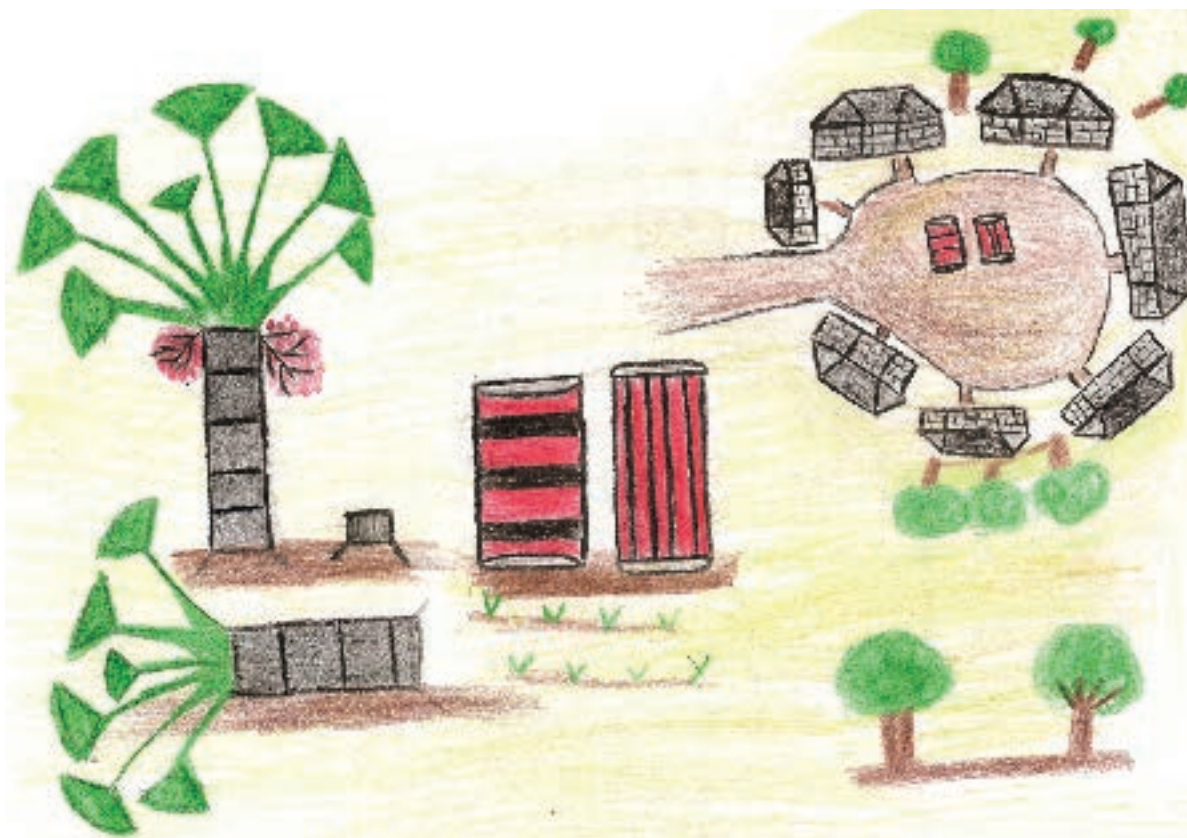
### ***Corrida da Tora***

Os Apinayé, por meio de suas tradições, ainda comemoram Pàr Kapê, que significa festa de Tora Grande. Isso acontece em cada período, mas de certa forma, voltado para os rituais fúnebres, pois, quando uma pessoa morre, todos os parentes e famílias participam do velório durante a noite. Essas pessoas irão escolher a festa de Tora Grande e as cantarias.

Essa festa é chamada Tora Grande e será escolhida pelos parentes e marcada a data de realização dela. Quando a data é marcada, inicia-se a corrida de tora e cada lado ou metade tem seu adversário, chamado Katàm e Wanhmẽ, como se fosse aposta, quem corre mais, ganha e quem corre menos perde a corrida e será discriminado, pois é assim que a corrida acontece com os Apinayé.

Depois, os corredores irão esperar, no pátio, os parentes da pessoa que morreu, para trazerem os alimentos para os corredores, então assim que a festa acontece.

## *A Festa do Povo Apinayé*



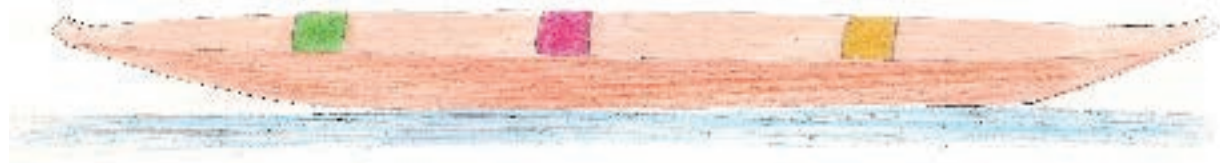
Desenho e texto: Silivan Oliveira Apinagé

Quando o povo está feliz e quer festejar, faz muitas corridas. Os homens vão caçar, e quando chega à tarde, cortam um tronco de buriti e correm para aldeia. Chegando à aldeia, eles levam a tora para o pátio e põem no chão.

Então correm, cantando para a casa do cantador e o trazem para o pátio. Ele canta seus cantos para que todos dançam. À tardinha todos param, fumam e comem. Então se reúnem outra vez e dançam até a noite, depois param de novo para se deitar. Dormem por algum tempo, então quando galo canta, chamam um ao outro novamente, cantam e dançam até o sol aparecer. Param outra vez e durante o dia vão trabalhar na roça e à tarde vão cortar outro tronco de buriti, vão correr e gritar com ele. Um vai correr por algum tempo com o tronco, o outro vai pegá-lo. Assim eles fazem na corrida da Tora com o tronco de buriti nas festas.



## ***O Dia da Pescaria***



**Desenho e texto: Itamar Kambàd Apinajé**

Certo dia um homem foi pescar no rio e chegou ao ribeirão, viu uma tartaruga nadando e viu também uma pessoa remando a canoa. Então, ele pegou o peixe, levou para casa, para a menina tratar, cozinhar e comer. A filha assim o fez e quando o peixe estava pronto, serviu para toda a família, que comeu e ficou satisfeita.

## *O Dia da Caçada*



**Desenho e texto: Itamar Kambàd Apinajé**

O homem foi caçar, viu um caititu, atirou e matou. Voltou para casa, partiu ao meio, um quarto levou para vender e outro deixou para cozinhar e comer. Então, o vovô tirou um pedaço e foi assar para comer juntamente com sua esposa.

## Água



**Desenho e texto: Jurandy Katãm**

A água é muito importante para todos nós, que vivemos na terra, pois na nossa reserva tem vários rios para nós retirarmos a água para beber, tomar banho e lavar nossas coisas.

Portanto, existe água na terra, tanto em cima como embaixo, dessa forma sem água, nós seres humanos, animais e meio ambiente não sobrevivemos, precisamos dela constantemente para nossa sobrevivência. A água é importante para todos os animais, seres que vivem na terra e para os peixe que vivem nos rios e lagos.

## *A Festa da Primeira Chuva*



**Desenho e texto: Iramar Dias de Sousa Apinajé**

Todo ano o povo Apinayé faz a festa da primeira chuva. Quando chega a primeira chuva, o povo vai para caçada, para matar caça. Volta para aldeia, à tarde, quando chega da caçada, reparte a caça em quatro ou cinco pedaços, põe na vasilha e leve para irmã, mistura com a massa de mandioca para fazer bolo.

A irmã bota fogo no moqué, quando o moqué estiver pronto, pega um pedaço de pau, espalha as brasas, põe o bolo na folha da bananeira, cobre com e deixa ficar a noite toda. No outro dia pela manhã, por volta das seis horas, o cacique canta no pátio, depois chama todos para o pátio, retiram o bolo do moqué, dividem para todos e quem recebe o bolo, retorna para o pátio para comer junto com os outros.

## *Apinajé Kukrêx*



**Desenho e texto: Emílio Dias Apinajé**

Panhĩ kukrêx ja piitã na kêp substantivo concreto. Na kôhkrãn nê kuxê nê krur nê gôhtàx mẽ kawà nê kupĩp nê kuwy kapêêxà. Měmyjaja nê mēnijaja na htem hipêx. Amnepêm mẽmyjaja na prem tem kô krãn nê kuxê n krur nê gô htàx nê kawà nê kupĩp nê kuwy kapêêxà nhĩpêx o pa. Tã jarãhã na tem axte hipêx o pa kêt nê. Na hte mẽ ãm hãmri pãnhã gôhtàx nê kawà nê kupĩp nê kuwy kapêêxa pix nhĩpêx o pa.

No mēnijaja na htem mããnên kupĩp nê kawá nê kuwy kapêêxa nê mẽ ôkrexê pix nhĩpêx o pa. Měmyjaja na htem kôhkrãn nhĩpêxkaxyw nê htem pĩ tyk o hipêx nê kuxêja na htem mããnên pĩtyk o hipêx no krurja na htem krur o hipêx no gôhtàxja na htem gôhkõnh o hipêx nê krãhók nê hamrêx. No kawàja na htem pô nhĩnwỳp o hipêx nê kaxyw kupĩp nê kuwy kapêêxà na htem mããnêm pô nhĩnwỳp o hipêx jaja na htem mēnijaja hipêx.



## Nomes Substantivos

Todos os artesanatos indígenas são substantivos. São eles: borduna, arco, flecha, maracá, cofo, esteira e abano. Os homens e as mulheres constroem esses artesanatos.

Antigamente os homens utilizavam a borduna, arco flecha, maracá, cofo esteira e abano, mas nos últimos tempos quase não estão utilizando. Os homens só utilizam o maracá, cofo, esteira e abano. As mulheres também utilizam a esteira cofo, abano e colares.

Quando os homens constroem a borduna e o arco com o pau brasil. Mas a flecha é utilizada com taboquinha. Já o maracá é construído com a cabaça e pintado com a pintura indígena, enfeitado com pena de papagaio.

O cofo é utilizado de olho do babaçu, a esteira e o abano também. São esses os artesanatos que as mulheres utilizam mais até os dias atuais.

## ***Texto Sobre o Buriti***



**Desenho e texto: Rogério Kamêr Apinajé**

Buriti é a uma fruta muito comum na nossa reserva. Essa planta nós chamamos de gwra na língua Apinayé.

Nós, Apinayé, buscamos a fruta no mato para fazer suco e comer com farinha para nos alimentar. Essa fruta é muito gostosa.

## ***História do Gavião Branco***



**Desenho e texto: Jurandy Pereira Ribeiro Katãm**

O gavião andava pelo mato, para caçar, mas não viu nada. Saiu para chapada, voou mais alto até que viu um veado no limpo. O gavião pensou e disse meus filhotes estão mortos de fome, pois já faz três dias que não pego nada. Então vou pegar este veado para levar um pedaço de carne para meus filhos comerem.

O filhote de gavião branco caçava também com a mãe outro local, mas o pai voava mais alto ainda, até viu a mãe do gaviãozinho e disse: olha, a sua mãe está ali - vamos lá. Chegando perto disse para mãe: eu já matei o veado para vocês. Dê este aí para o seu filho. O filho respondeu: você é meu pai.

## *A Paisagem*



**Desenho e texto: Diana Apinajé**

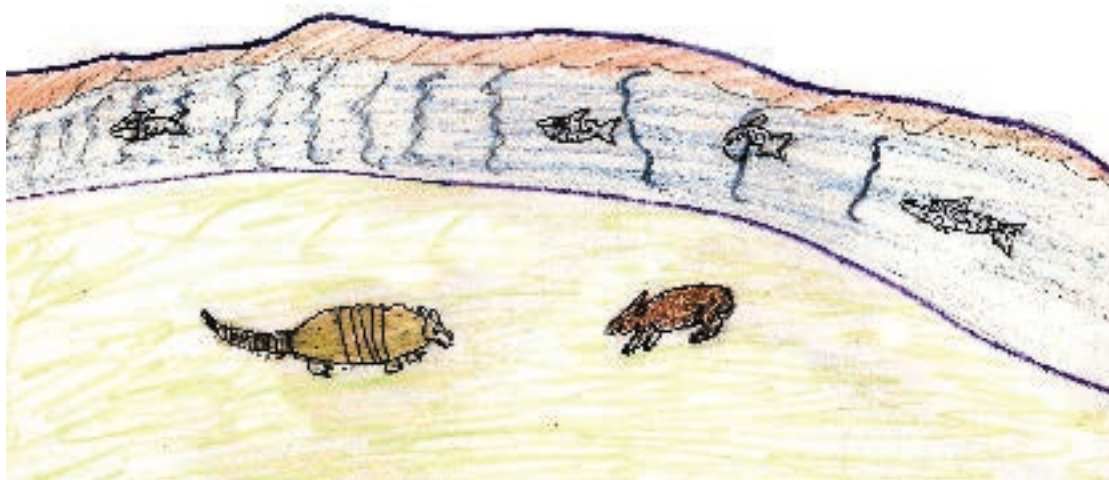
A Paisagem vive no lugar muito bonito, bem fresco para dar vida melhor à família e dar muitas folhas, flores para todos os animais, que chegam em baixo para conversar com os amigos, com os filhos e se alimentar de sementes que caem no chão, brotam nascem para da nova vida também

A paisagem, que é tão bonita, tem muita água, que dá vida para a natureza. Então, quando a água cai, molha todo o chão para ficar bem fresco, as árvores ficam tão alegres e crescem mais rápido.

A água cai no chão, e o sol enxuga as árvores e a terra, para ficar bem limpa. Porém, se o sol esquentar muito, as folhas caem no chão, quando a água cai, nascem as folhas, elas ficam tão bonitas e felizes.



## *As Caças*



**Desenho e texto: Emílio Dias Apinajé**

Antigamente havia muita pesca, e caça na reserva Apinayé. Os homens iam caçar e pescar, por tinguí nas águas dos rios e lagos. Eles pegavam muitos peixes e caçavam nas matas e matavam tatu, cutia, veado, caititu, paca e outros animais. Mas hoje em dia, não existe mais caça como antigamente. Existe, mas muito pouco, porque houve invasão dos não-indígenas, que entram na nossa área, caçam e pescam, por isso não tem como os Apinayé se alimentarem, por isso, quando alguém vai para o mato caçar, não mata mais nada e volta sem caça para aldeia.

Os Indígenas não têm como alimentar os filhos, pois quando os filhos ficam com fome, choram, e os pais não têm nada para dar para os filhos comerem.

Portanto, antigamente não era assim, tudo era muito bom, com muita fartura de caça e pesca, e os pais tinham com que alimentar as famílias e todos viviam felizes com a barriga cheia. Hoje está muito difícil para nós indígenas sobreviver nas aldeias sem caça e sem peixe nos rios de nossa reserva.

## *Casamento na Cultura Apinajé*



**Desenho e texto: José Eduardo D. Pereira Apinajé**

Na nossa cultura Apinayé, quando uma pessoa quer casar, primeiramente, o pai e a mãe da menina chegam para o pai e a mãe do rapaz e pedem o rapaz para filha.

Se o rapaz gosta da menina, a família dele combina tudo direitinho, vai ao padrinho e a madrinha do rapaz, explicar sobre o casamento.

A madrinha e o padrinho marcam uma data para que todas as madrinhas combinem para preparar os mantimentos para a festa como: a caça, carne, arroz e mandioca.

Depois que tudo que tiver pronto e, chegado o dia, eles se juntam num local que eles marcarem para fazer um grande bolo, que é o paparuto. E nesse dia, todo mundo vai comemorar com muitas coisas e presentes.

Depois de fazerem o bolo, vão entregar para a madrinha da noiva. Eles sempre fazem em termo de troca com esse bolo. Depois de troca, ao meio dia, elas vão preparar as pinturas e os enfeites dos noivos, na parte tarde.

E quando terminar de aprontar eles, o irmão da noiva vai ao rapaz para levar a noiva.

Depois da entrega da noiva, as madrinhas vão chorar, comer, tomar café, suco e bolo.

No final da cerimônia, o cacique aconselha os dois para que eles possam constituir família e nunca mais se separarem. Depois disso eles estão casados para sempre.

## *História da Pescaria*



**Desenho e texto: José Eduardo Dias Pereira**

Para o povo Apinayé, quando chega a época do verão, um dos representantes da comunidade, ou o próprio cacique chama toda a comunidade para fazer a pescaria. Eles combinam o local onde vão fazer a pescaria.

Então todos os homens vão arrancar o tingui, depois trazem e deixam onde vai ser preparado ou então no pátio da aldeia para todos baterem. Enquanto isso, um cantador vai cantar com as mulheres, para que dê muitos peixes nesse rio.

Após eles prepararem todo o tingui, de manhã cedo, eles vão levar para o local onde vão colocar. Somente os homens mexem com isso, e o restante das pessoas vai aguardar a tinguizada.

A maioria, como as mulheres, os jovens e as crianças, vai aguardar a tinguizada para pegar os peixes mortos.

Os mais velhos vão preparar a comida para os pescadores que estão no rio, fazendo a tinguizada. Então na nossa cultura Apinayé sempre, fazemos a tinguizada, que é uma prática cultural muito importante para nós.

Portanto, sempre plantamos tingui para usarmos nas pescarias, que irão alimentar as nossas famílias.

## *História da Garça*



**Desenho e texto: Josué Dias de Sousa Apinajé**

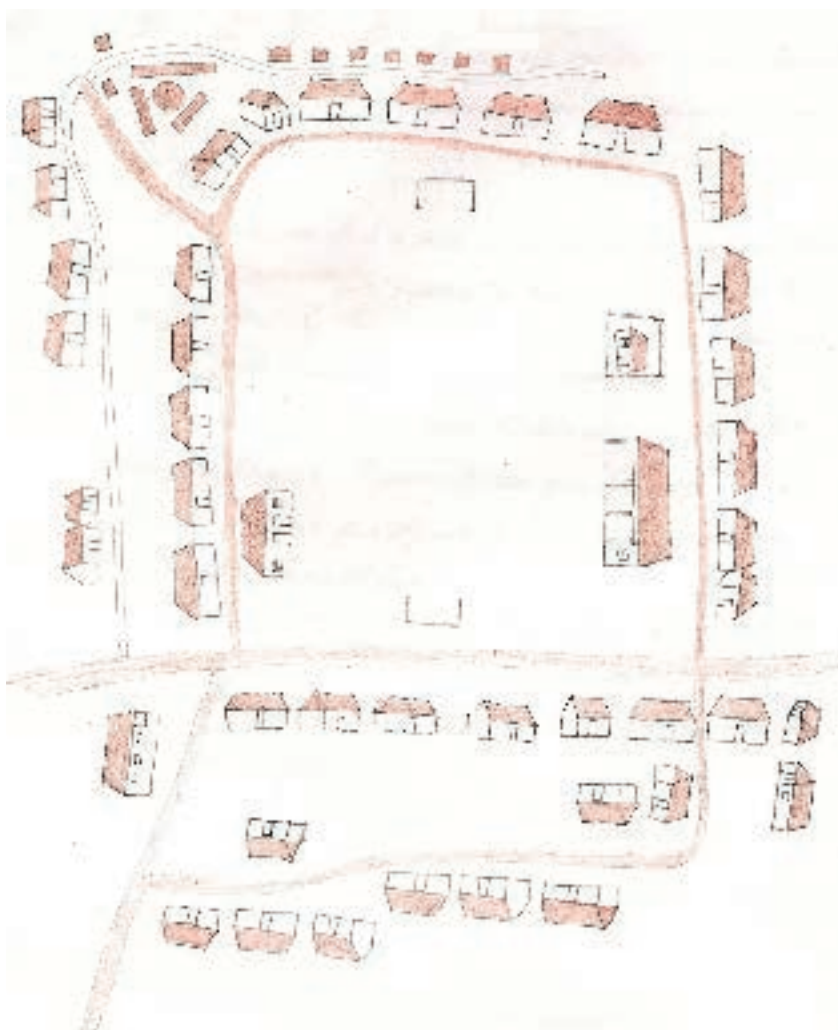
No passado, os Apinayé eram muito unidos. Quando um guerreiro desse uma ordem todos obedeciam. Para isso, tinha um guerreiro para uma turma mais velha e para uma turma jovem.

O Guerreiro tinha uma irmã muito bonita e ele a amava. Um dia ele sentou para pensar e teve uma ideia de levar todos os irmãos para uma caçada.

Quando anoiteceu, ele foi ao pátio para combinar tudo com seu grupo. No dia seguinte, eles tiraram todas as irmãs para mata. Chegando ao mato, deixaram todas elas e saíram para caçada. Lá ele mato combinou com seu grupo para fazer o sexo com as irmãs. Todos aceitaram fazer sexo com sua própria irmã, mas havia um menino com eles, que descobriu falou tudo para o chefe o que tinha acontecido no mato. O chefe dele ficou muito vergenhado e combinou com sua turma para ir por mato. No mato combinaram de virarem garça. Todos aceitaram virar garça e foram procurar rio para ser alimentar com peixe.



## Historia da Aldeia São José



**Desenho e texto: José Eduardo Dias Pereira**

A aldeia São José é situada no norte do Tocantins, na região do bico-do-papagaio, no município de Tocantinópolis.

A aldeia São José é conhecida como Krĩnhĩnure, porque ela fica no centro da baixada. Nessa aldeia moram aproximadamente 1.847 indígenas.

Na aldeia existem o posto da FUNAI, posto de saúde e odontológico, e uma escola que atende do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Existem também um caminhão e um trator de pneu para atender aos serviços para a comunidade.

A aldeia São José é a maior de todas as aldeias e tem a população enorme. Por isso, algumas pessoas estão retirando para fundar outras aldeias.

Hoje, já tem 24 aldeias espalhadas por toda a reserva Apinayé, com forma de estratégia, para evitar a entrada dos não indígenas na área. Essa aldeia é uma sede que atende a outras 13 aldeias.

## *Aldeia Prata*



**Desenho e texto: Moacir Xerente**

Aldeia Prata fica na terra indígena Apinayé. A nossa aldeia fica no limite da terra indígena, a 13 km de Tocantinópolis. Moram na nossa aldeia doze famílias, totalizando sessenta pessoas.

Hoje como a aldeia está aumentando, estamos conseguindo estruturá-la melhor. As casas estão sendo construídas no formato das aldeias, em torno de um círculo. A aldeia está ficando no formato redondo, construída em madeira e coberta com palha de babaçu, as paredes também são fechadas com palha.

Temos o pátio no centro da aldeia, para a comunidade se reunir, tomar suas decisões e para realizar também a festa cultural.

Nas casas está sendo colocada água encanada; possuímos uma escola e posto de saúde provisório.

## ***O Rio Tocantins***



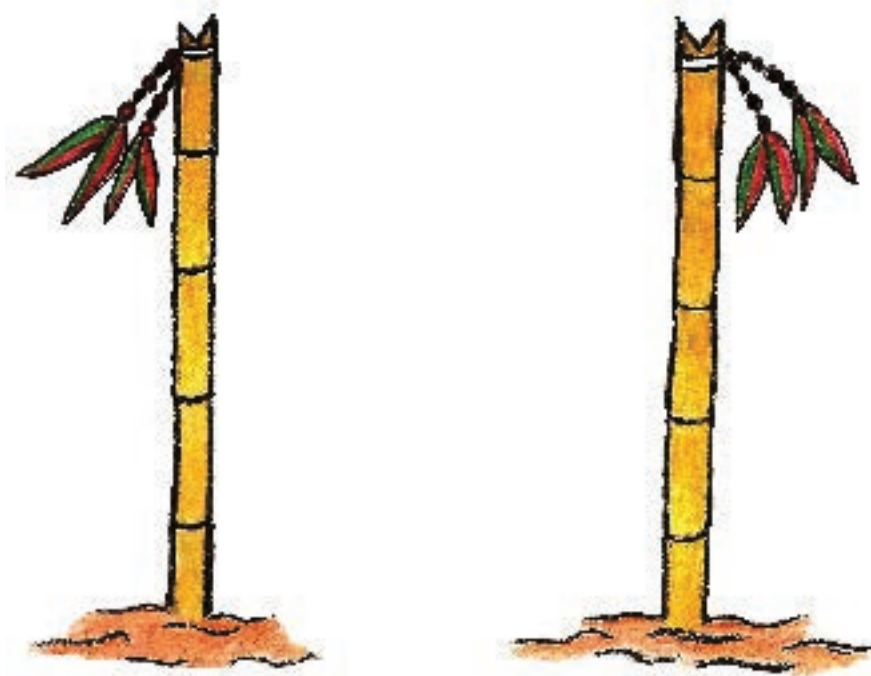
**Desenho e texto: Vilson Corredor Ribeiro**

O Rio Tocantins fica na reserva indígena da Aldeia Mariazinha que fica aproximadamente 3 km dessa aldeia, onde temos a nossa riqueza. Existe muito peixe e a água é muito boa. Nós indígenas não esquecemos a nossa cultura, pois lá nesse rio, buscamos os peixes, para alimentar nossa família. Além do peixe, pegamos jacaré que tem uma carne muito boa. Nós caçamos tatu e paca na reserva Apinayé, além dos indígenas, os brancos caçam e pescam no Rio Tocantins, principalmente, no outro lado do Maranhão, onde a correnteza é muito forte.

Do lado da reserva, a água é parada, por isso os brancos se abrigam para pescar de rede tarrafa, para pegar branquinho, Curimatá, surubim, piau, cruvina e outros peixes.

Mas os indígenas Apinayé de Mariazinha vem lutando para não deixar os brancos pescarem na reserva.

## *Krure ho mẽ Hprõt Jarēnh*



**Desenho e texto: Francisco Ribeiro da Costa Apinajé**

Krur o mẽ prõt o mẽkĩnh. Wanhmẽ Katàm. Krur ã mẽhkĩnh na kot anhỹ. Na te panhĩja krur ã mẽhkĩnh nẽ ã prõt. Tã nhũm we Wanhmẽ ja mra htỳx nẽ kure. Nhũm pa nhĩ Katàm anhỹ mra htỳx nẽ kure. Na wanhmẽ nẽ Katàm wa ha pēnhkukre nẽ wa axpēnhre. Nhũm hã pēnh kuhkre ja mã. Tã na Wanhmẽ mra hkêt nhũm Katàm kure. Wanhmẽ na kaprĩ nẽ pijaàm nẽ. tã na Katàm kuhô mēmos ja mà nēhkĩnē mamo, tã nhũm mẽ ho pēx ne piihtã ma õ krĩ wỳr pa. Hamri nhũm mẽ piitã anhrà.

### **A Brincadeira de Flecha**

Os índios Apinayé gostam de correr muito com a flecha. Quando começa a festa de flecha a comunidade toda vai brincar.

Muita gente vai disputar a corrida, para ganhar as coisas deles, porque Wanhmẽ pode correr mais que o outro e ganhar qualquer coisa do Katàm.

O Katàm vai correr mais de que o Wanhmẽ. Ele vai ganhar as coisas do Wanhmẽ, que vai perder.

Então qualquer um dos dois partidos que ganhar vai levar as coisas, porque a comunidade gosta de fazer festa para o povo brincar.

Para manter viva a cultura Apinayé, os partidos do Wanhmẽ e Katàm gostam de disputar entre eles.



## *Pescaria*



**Desenho e texto: Francisco Ribeiro da Costa Apinajé**

A comunidade Apinayé quando realiza uma pescaria no lago, apenas duas pessoas vão ao lago, para esvaziá-lo e desviar a água para os outros lagos.

Feito isso, após quatro dias, a comunidade vai ao lago, para pegar os peixes. Cada pessoa pega peixe suficiente para sua família e para seu vizinho, com quem você também vai repartir os peixes.

## *Mẽ Pa Te Amnhĩhpêx Jarênh*



**Desenho e texto: José Eduardo Dias Pereira**

Mẽ ixpê apinajaja na pa htem arĩ amnhĩ hkĩnh o ixkĩnh o ixpa. Mẽ ixte arĩ ixkĩnh rãhã o ixpa kaxyw na pa tem anê. No kot pa mẽ anhỹr ket nhũm mẽ ixkwỳja hamri mẽ ixkĩnh ho pikunor pa. Jakamã na htem mẽ pigêjtaja arĩ mẽ ixkraja, nê mẽ ixtãmnhwỳja mã tanhmã ri amnhĩto ho ixpa. Kot pa mẽ xênêpu mẽ kãm mẽmoj mex kaxyw hã karõ ho ixpa.

Nê mẽ ixpê apinajaja na ra mẽ piitã kãm kagà pumunh prãm ja o ra kãm amnhĩpê hkĩnh kwỳkaga par ho mỗ. No pu mẽ anê hãmri nê ra te kupêjê kot amnhĩpêx pyræk. Jakamã pumê ri ã amnhĩpêx anhỹr kêt nê. Pu mẽ arĩ pa hkĩnh rãhã ho papa.

## A Cultura Apinayé

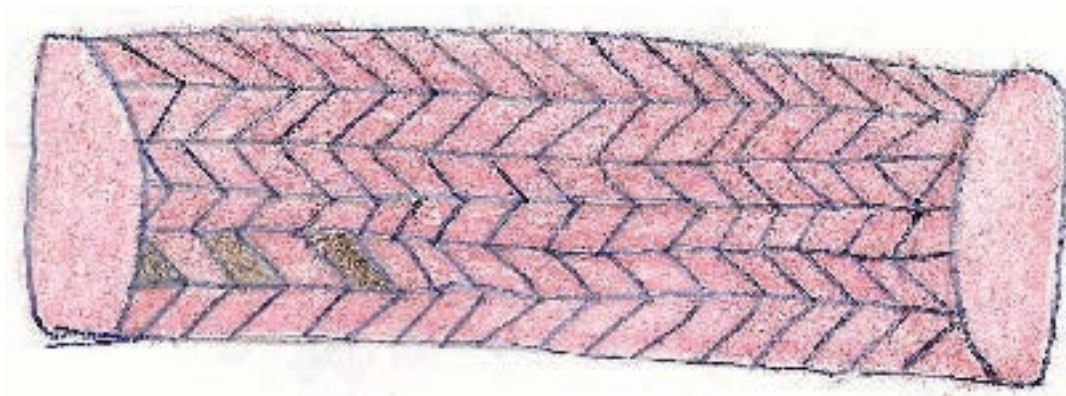
Nós, indígenas Apinayé, nunca vamos deixar a nossa cultura morrer, porque é muito importante manter viva a nossa cultura e a nossa tradição.

Nós sempre cantamos no pátio, dançamos e preservamos nossos rituais. Desta forma, estamos sempre resgatando a nossa cultura, para que os nossos filhos, netos e bisnetos possam acompanhar os nossos rituais e costumes.

Se os Apinayé deixarem ou esquecerem sua cultura, suas cantigas, seus rituais, sua língua, podem perder a própria cultura. Por isso, os professores Apinayé estão engajados nessa luta, levando nossa cultura para escola, como forma de conteúdos a serem ministrados nas aulas de suas escolas, para fortalecer cada vez mais nossas políticas linguísticas de manter viva nossa língua e nossa cultura, tanto na escola, de forma escrita, como na forma oral dentro da aldeia, repassando esses conhecimentos para os alunos na sala de aula, e sempre defender que, nós Apinayé, temos a nossa cultura, que é muito importante para todos nós.

Portanto, nós temos que nos orgulhar de nós mesmos, pois nunca vamos deixar de ser indígenas. Podemos estudar fazer um curso superior, mas nunca vamos esquecer da nossa realidade e da nossa cultura. Temos que valorizar, cada vez mais, a nossa cultura e as nossas danças tradicionais.

## *Tora*



**Desenho e texto: Maria dos Reis P. C. Apinajé**

Quando o povo Apinayé está feliz e quer festejar, faz muitas corridas. À tarde todos os homens se pintam, vão para mata cortar o tronco de buriti, preparar, para depois, eles correm com o tronco para a aldeia.

Depois a corrida da tora no pátio, um indígena vai cantando para a casa do cantador, para que ele venha cantar no pátio com as mulheres, os outros cantadores e dançam muito.

No momento da festa, durante todos os dias, a corrida de tora acontece somente à tarde. Cantam ate a tardezinha, e o povo vai para suas casas, para se arrumar, jantar, para tornar de novo para o pátio e cantar ate meia noite, depois vai para dormir.

De madrugada, quando o galo canta, retorna novamente para o pátio, cantando e dançando até amanhecer o dia. Portanto, é assim que o povo Apinayé faz a festa da Tora.



## *Corrida de Tora*



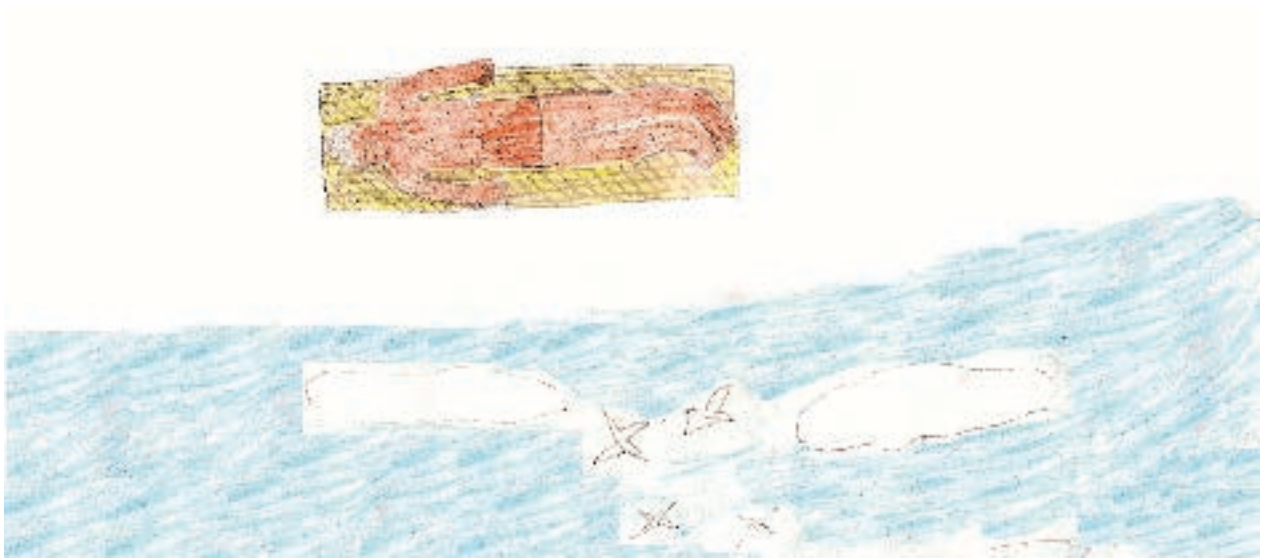
**Desenho e texto: Diane Apinajé**

Quando começa a festa de tora, todo o povo Apinayé vai se reunir no pátio para cantar e dançar. A festa é tão bonita e todos festejam com muita alegria.

Atualmente os Apinayé ainda correm com as toras, para preservar suas cantigas e seus rituais. Portanto é assim que o povo de nossa aldeia faz suas festas, correndo com a tora, corrida de flecha, festa do milho, festa da batata e as outras.

Para essa festa, o povo Apinayé usa as pinturas diferentes uns dos outros, principalmente os homens, que correm com a tora, porque cada um faz parte de uma metade. Assim, os indígenas continuam correndo com a tora, fazendo suas festas e praticando seus rituais próprios, para manter viva nossa cultura.

## *Kanhêr ho Prô Xwỳnh*



**Desenho e texto: José Durico Dias Apinajé**

Antigamente havia o índio que vivia só e gostava de ficar fora de casa, deitado e olhando para céu. Todas as noites, ele ficava olhando para o céu pensando sobre sua vida. Mas havia uma estrela, que fazia o sinal para ele.

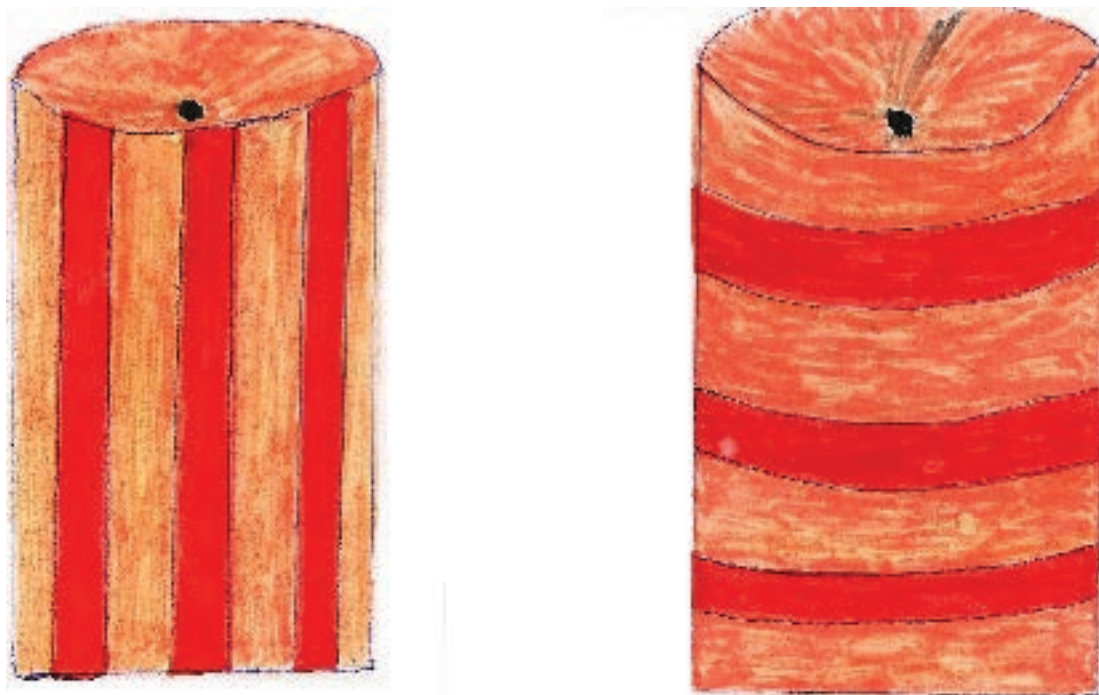
Porém, ele também olhava para estrela e começou a gostar dela. Então, passou aquela estrela muito linda e ele disse: se fosse uma índia e eu ficaria com ela.

Quando ela aproximou, ele viu que ela era muito linda. Passadas algumas noites, ela desceu do céu, falou bastante com ele e viu que ele gostava dela.

Então, ele imaginou que nunca viu uma moça tão bonita. Eles conversaram muito, mas ninguém da aldeia sabia nada um do outro.

Ela resolveu ficar com ele na casa, mas tinha muito cuidado para a família não descobrir, porque ele gostava de ficar fora e ficava só olhando para as estrelas que são muito bonitas. Daí, então, ele resolveu casar-se com ela e constituir família.

## *Partido do Katàm e Wanhmẽ*



**Desenho e texto: Valdir Hapor Dias Apinajé**

Dia 19 de abril é comemorado o dia do índio para o povo Apinayé, que se manifesta para correr com a Tora ou Par Kapê. Todos os indígenas se pintam de acordo com seu partido. Wanhmẽ e Katàm.

Nesta corrida, todo mundo participa, os homens, as mulheres, os jovens e as crianças. Primeiramente, quatro homens vão para o mato cortar o pé de buriti, depois cavam buracos nos dois lados do tronco, para prepararem o buriti. Eles preparam a tora, tanto para mulheres, homens, jovens e crianças como para os adultos.

Pintar a tora com urucu, pintura de Wanhmẽ na ã hapjê nẽ Katàm na hã kaxgàr. Nesse dia, todos os indígenas se pintam como jenipapo, tinta original dos Apinayé. Ficam todos prontos para correr. Nessa corrida, quem chegar primeiro na aldeia é o vencedor. Então, ao chegar à aldeia, eles cantam e dançam no pátio e fazem a festa com muita alegria para todos nós.

Essa festa cultural sempre acontece nas comunidades indígenas Apinayé, como forma de manter viva nossa cultura e nossos rituais. Portanto, todos os anos acontece essa festa porque essa é a nossa tradição, nossos costumes e nosso desenvolvimento. Para os Apinayé não esquecerem seu ritual de música e de danças, história, música e as festas tradicionais indígena. Tudo isso é muito importante para toda a comunidade.

## *Myti nê Mytwrÿre*



**Desenho e texto: Ivan Apinajé**

Ý nhũm xep myti mẽ mytwrÿreja wa anê ahte wa pa. Nhũm xep mytija axtem orkwÿ. Nhũm mytwrÿreja mããnêm axtem orkwÿ, nhũm we wa kuri mẽmoj kêk kumrêx. Jakamã nhũm xep mytija mytwrÿreja mã pahkrãmre. Kot pujjarahã mẽmoj hto pa Kato nê. Hãmri nhũm xep mytija kumrêx mẽmo pĩ hxô mẽ kot kur xwÿnh piitã ho Kato. Nhũm mytwrÿreja omu nê we kuxwar memo pixô ho Kato, no ãm mẽmo pixô mẽ kot kur kêt nhũm we ho Kato. Hãmri nhũm mytija omu nê kãm. Kwa mẽ mo kaxyw na ka jajê ho a Kato. Mẽ kot kur kêt tã, tã nhũm we mytija kagã xoprê piitã iho kato.

Nhũm we axte pĩ ho Kato, nhũm we mããnên mrônhi ho Kato tã nhũm. Tã nhũm mẽmo arĩgro hã nhũm mytija gwaja wÿr Kato nê kur o kuhê nê we ho ixkwÿ nhũm we ãnh rãrãre. Nhũm we mytwrÿreja ra omu nê ma wÿr htê nê we kãm kwa ixkrãm gêeti mnmo maka hte nê a nhĩnh rãrãre ho ixkwÿ anê? Nê nhũm xep kãm na pixô rãre piitã na pa hte kuku anê. Tã nhũm xep ma pixô rãre piitã kur ho ri pa. Nom ãnh rãrã kêt nê. Tã nhũm mytija ma axte gwra kur mã htê. Nhũm xep mytwrÿreja ma kôt pimnhur o htê nê wÿr kato, hã nê omu nê kãm kwa ixkrãm gêeti mẽmo na ka axtem nê inhmã axêx nê nhũm kwa akapêr kêt nê amnê pu kuku.

Tã nhũm we mytwrýreja we kumành punu nê kurê hãmri nhũm mytija omu nê we kêp hikjê ho týx nê we kãmho rerer nê ã ho anhÿr o xa. Hãmri nhũm we axte ja hta nhũm kêp týx. Nhũm we kupu nê ho pàr kura nhũm gwra pàrja kànhmã prôt nê pàr prêk rax kumrêx. Hãmri nhũm xep kãm akir nê wa ma mô. Tã nhũm xep mytija ra nhÿri nhàjti krâkãm nôtija pê akàja py nê ho mô. Nhũm xep ra mytwrýreja omu nê kãm. Kwa ixkràmngêêti nhÿri na ka mẽ akàja py nê nhũm kãn mutar. Kwa ma wÿr ixto htê pa akuxwar amnhĩm hõ py nê. Hãmri nhũm xep ma wÿr o htê nê wÿr o pøj nê mẽ kãm kwa ixkràmnhwÿja kãm mẽ anhõ mẽ akàta hõ kĩnh nê, nê nhũm xep wa kãm kwa htô wa ho mex nê apy . no ka wa homnuj pumê pa xêt pa; jakamã nhũm xep mytija mytwrýreja mã pa amã kupy.

Nê nhũm we kãm nà pa pam akuxwar amnhĩm kupy. Kot ho mexre kaxyw. Ne we kãm xa nhum xep mẽ akàja kahpa nê kãm kumê nhũm wÿr pòk o htê nhũm omu nê nomgõr nhũm pikap htêm jao ra tu mÿ nê pòk prêk rax kurê kumrêx. nhũm wa axkjê nê prôt nê ma tẽ. Nhũm xep mytija. Ma htê nê amnhÿtire nhÿr kà wÿr axà. Nhũm mytwrýreja axtem nê prôt nê gõxpõre nhÿrkà wÿr axà jakà mã na pre htu nhire xêr. Tã nhũm apkati kwÿhtã nhũm we wa mry nê wa axpênh japêr o nê wa axpênh wÿr kato. Nê wa panhã mry xet kawrà ho wa mô na gõja wÿr pøj nê wa ho kuto nê wa panhã gro. Nhũm we mytwrýreja mytija mã kwa anhõ na twÿm no inhõja na hire. Nê we xatã kãm anhÿr o nhÿ.

Hãmri nhũm xep ra kaxyw kwÿhta. Nhũm xep axte kãm anhÿr o nhũm kãm mĩ nhÿr o wÿr kumê nê ho tum kura nhũm xep amÿra. Nhũm xep kãm gônã mã nê nhũm xep gô hwÿr harĩ nê htê nê gõx kãm mrõ nhũm xep kãm gô grã. nhũm xep rĩ kaxyw gyw jamÿ nê amnhĩ tu hã haxwÿ nhũm xep kãn gô htãn nê nhũm xep gô htàn nhũm we kãm kaprãre kep tu kakrê nhũm xep kêp kakrê. Nhũm we kãm hakry tã xep wa ma akupÿm òrkwÿ wÿr mô nê pøj. Nê xep wa pãnhã guhkôn hy kre nhũm we kãhpa nhũm we wa pãnhã kurê nê gô mÿÿri katuxô hpa. Hãmri nê wa kuri greer o apkati. Kwÿhtã nhũm xep mytija mytwrýreja mã akrajaja kota ahparmã api. No ixkrajaja kota mẽ kànhmã api anê. Jakamã nhũm xep mytija kumrêx guhkõnja mẽ nhũm xep ma htê nê gõx kãm mrõ nê panhĩ amnhĩ nhĩpêx kurê kumrêx. Tã nhũm pãnhã mytwrÿrja mããnnêm ãm tãm nê. ã wa anhÿr ja o ra panhĩ ho kator rax nê. Nê we myti krajaja nhũm we piitã mex kumrêx. No we mytwrÿre krajaja nhũm we kamã mẽ kwÿjaja kà htykre nê kamã krã hkĩ karõtne nê kamã amnhĩ hto axkê ã anê. Tã mẽ ho kator pa nê we wa api nê kÿx pê mẽ o munh mex o wa krĩ. Hãmri na apêx.

## O Sol e a Lua

Desde que a terra existe, o Sol e a Lua moravam sozinhos. O Sol tinha a sua casa, e a Lua também. Cada um tinha a sua própria casa. Não havia plantas e nem animais silvestre. Não havia nada.

Certo dia, o Sol fez os frutos que a gente come. Daí, a Lua viu e fez a mesma coisa. Mas ela fez os frutos que a gente não come. Então o Sol não a aceitou ter feito estes frutos. O Sol falou para ela que os nossos netos não iriam comer esses frutos. No outro dia, o Sol fez as plantas e outros tipos de madeira. Porém, a Lua viu, fez plantas com espinhos e outros tipos de madeira ruim. No dia seguinte, o Sol fez a cobra não venenosa. A Lua viu e resolveu fazer todos os tipos de cobras venenosas.



O Sol saiu para caçar frutos para comer e encontrou um pé de buriti e os frutos do buriti estavam bem maduros. Então, o Sol comeu muito e foi embora. No outro dia, o sol fez cocô bem amarelinho. A lua viu as fezes do Sol e perguntou para ele: *ixkràmngêêti* o que você comeu que suas fezes estão amarelinhas? – Ele respondeu que havia comido todas aquelas flores amarelas.

No outro dia, a Lua saiu para comer todos os tipos de flores amarelas. Mas não adiantou nada, no outro dia o sol saiu para comer o fruto de buriti. Então, a Lua foi atrás dele, encontrou-o e perguntou: Por que você me enganou? O Sol respondeu para ela: calma se veio comer, nós dois comeremos juntos. Mas lua não estava comendo bem, não gostou de comer o buriti, jogou fora e tirou outro. Mas quando a Lua jogou aquele caroço fora, brotou um pé de buriti, que ficou muito alto. O Sol perguntou para ela: porque fez isso? A Lua respondeu: quando os nossos netos forem catar no chão, vão ficar contentes.

No dia seguinte, o Sol andando no mato, encontrou o Pica-pau e pediu o cocar dele. Então, o Pica-pau explicou para o Sol: cuidado se tu não pegares, o cocar vai cair no chão, pega fogo e todos nós morreremos. Daí, o Pica-pau tirou o cocar, jogou para o Sol e o cocar foi ficando igual ao fogo, mas o Sol pegou. Quando chegou à casa dele, logo a Lua viu o cocar e perguntou, imediatamente, para ele. Onde você pegou esse cocar? Leve-me lá para que eu possa pegar um. O Sol respondeu: tudo bem. Levou a Lua até lá, encontrou o Pica-pau, pediu o cocar. O Pica-pau falou para eles: Vocês devem tomar muito cuidado, se cair no chão, vai pegar fogo e vamos queimar todo mundo. Jogou aquele cocar, mas a Lua ficou com medo. Não pegou, caiu no chão e logo pegou fogo tão rápido e os dois correram. O Sol entrou numa casa de maribondo, chamado de coração de boi; a Lua entrou na casa de maribondo, chamado de casca branca, que pegou fogo e queimou a barriga. De manhã seguinte saiu procurando o seu colega. Até encontrar novamente.

Então, os dois saíram catando aquelas caças queimadas, chegaram à beirado rio, fizeram o fogo assaram as caças. As caças do Sol eram gordas, as caças da Lua eram magras. Então, a Lua pediu um pedaço de carne do Sol o tempo todo. O Sol tirou um pedaço de carne e jogou para a companheira dele. A Lua gritou de dor. O Sol mandou-a mergulhar na água. Depois o Sol falou assim: seca, água. A água secou, e Lua pegou a lama para passar encima da queimadura. Porém, o Sol pediu para a água voltar. Ela voltou e o Sol falou para o Jabuti que riscasse encima da queimadura. O Jabuti riscou em cima da queimadura e eles voltaram para casa, plantavam muitas sementes de cabaça. Nasceram os pés de cabaça. As cabaças amadureceram, eles tiraram todas as cabaças e levaram para o rio. Cada um deles jogava um cabaça dentro do rio. As cabaças se transformaram em seres Humanos. Todos os filhos do Sol eram bonitos e todos os filhos da Lua eram negros com os cabelos enroladas e aleijados. Assim, o Sol e a Lua fizeram seus filhos, subiram para o céu e todos os dias eles olhavam para seus filhos.



## *A Casa Apinayé*



**Desenho e texto: Valdir Hapor Dias Apinajé**

Os índios Apinayé cobrem suas casas com palha de coco babaçu. Primeiro, eles procuram um lugar bem plano para fazer a casa, depois cortam a madeira para levantar a casa.

Depois de levantamento de casa, o cacique reúne a comunidade para que todos vão cortar as palhas de babaçu para cobrirem. Eles cortam palhas, riscam, batem, cortam embira ou corda no mato para amarrar as palhas.

Ao cobrirem a casa, fecham as paredes com a palha de babaçu, porque do babaçu, os Apinayé aproveitam tudo.

Com o olho do babaçu, os Apinayé fazem as paredes das casas, cofo, abano e esteira. Então, o babaçu faz parte dos costumes e da cultura Apinayé.

## *Festa da Primeira Chuva*



**Desenho e texto: Ivam Corredor Dias**

No mês de setembro, os Apinayé fazem a festa da primeira chuva, por que é o início das chuvas. Os mais velhos, quando veem a chuva, vão à casa do cacique, conversam com ele para chamar as pessoas para fazerem a festa da chuva.

À tardinha, o cacique vai ao pátio, chamando as pessoas para participarem da reunião. Junta-se todo mundo e ele vai explicar para todos. Depois o velho faz a cerimônia e avisa para matarem muitas caças.

Quando termina a cerimônia, Todos aqueles, que estão no pátio vão, avisar as suas irmãs, para que elas preparem massa de macaxeira para fazerem o bolo de manhã cedinho, porque os homens vão para a caçada.

Quando eles voltam da caçada, cada um leva pedaço de carne para dar a sua irmã. Então ela vai fazer bolo para ele. No outro dia cedo, o velho vai ao pátio, cantando e chamando as pessoas para buscarem o seu bolo para comerem. Eles vão se juntar todos, pegar todos os bolos e começar comer, no meio do pátio. Assim finalizam a festa da primeira chuva.

## *A Natureza*



**Desenho e texto: Fernanda R. Apinajé**

Nós, Apinayé, sempre estamos preservando a natureza presente em nossa reserva, porque é muito importante para o meio ambiente, aumentando as caças, os peixes, mantendo os rios e córregos sempre limpos, pois a natureza é a nossa vida.

Por isso é muito importante cuidar do meio ambiente. Então o povo Apinayé tem lutado muito para preservar a natureza. Para isso, o cacique vem sempre falando para o povo Apinayé se organizar, não aceitar os não-indígenas caçarem e pescarem na reserva, pois os indígenas pescam apenas para o sustento da família, contribuindo para a preservação da natureza, tais como, rios, matas, córregos e animais e caças.



## ***O Planeta Terra***



**Desenho e texto: Eloiza Gretxo Dias Pereira Apinajé**

A terra é muito importante para a humanidade. Por isso, o povo Apinayé tem procurado preservar natureza, cuidando das matas, dos rios e dos córregos.

Cuidando da natureza, os Apinayé estarão contribuindo para o futuro de nossos, filhos e netos. Assim, atualmente os Apinayé fazem a derrubada dos roçados apenas no local onde vão plantar, para não prejudicarem a natureza e preservarem o restante das matas.

Nas roças, os indígenas plantam mandioca, milho, batata doce, feijão e todas as coisas que quiser, pois a nossa terra é muito boa e dá tudo que nela se planta.

Atualmente, estamos tentando preservar nossa terra e nossas matas. Pois na nossa, reserva, temos ribeirões, muitos pássaros, que cantam e voam livremente; muitos peixes nos córregos. Nas nossas roças, nós plantamos muitas coisas, para não precisarmos comprar na cidade. Portanto, é por isso, que temos que cuidar de nossa terra e da natureza.

## *História do Gavião e Passarinho*



**Desenho e texto: Francisco Ribeiro da Costa Apinajé**

O Gavião costuma de pegar passarinho, para comer, mas para isso, ele passa algumas dificuldades, pois os passarinhos fogem dele, muitas vezes, deixam o Gavião sem alimento.

O Passarinho também fica com medo do Gavião, quando ele vai pegar algum gafanhoto para se alimentar. Então, o Passarinho procura gafanhoto com muito cuidado e medo do Gavião, nos locais onde o Gavião não possa estar.

Desta forma, quando o Gavião não consegue pegar o Passarinho, ele pega os filhotes de passarinho porque os filhotes não sabem voar. Então, quando o Gavião não encontra passarinho ele procura qualquer bicho, como cobra e outros animais pequenos.

## ***História do Babaçu***



**Desenho e texto: Jurandy Katàm Apinajé**

Na região do Tocantinópolis tem muito babaçu e os Apinayé colhem para vender na Tobasa, que é a fábrica de beneficiamento, que se localiza na cidade de Tocantinópolis.

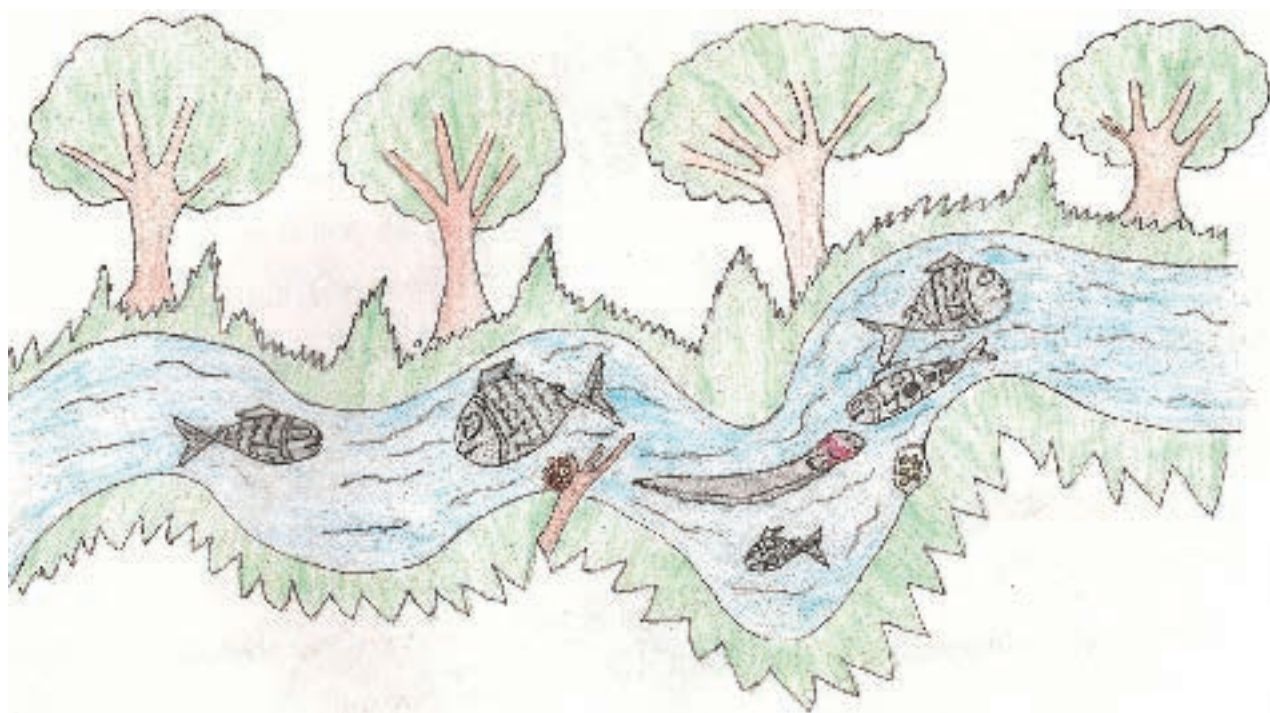
Antigamente, o babaçu não era valorizado e apodrecia no mato. Mas atualmente, o povo Apinayé da aldeia Mariazinha todos os dias colhem babaçu para vender na cidade, porque lá é muito valorizado e a Tobasa compra tudo.

A Tobasa, atualmente, mantém um posto de coleta de babaçu na aldeia Mariazinha. Compra todos os sacos colhidos nas matas, deixados pelos indígenas em pontos de coleta estratégicos, e posteriormente, trazidos para aldeia, para, semanalmente, levar para a cidade. O Pagamento de toda a colheita da semana é feito aos sábados na própria aldeia, para não precisar de os indígenas irem para a cidade.

Portanto, a história da minha aldeia se relaciona diretamente com a produção de babaçu, pois esta planta tão valiosa, além de fazer parte de nossa cultura e de nossos costumes, atualmente é fonte de renda para o povo Apinayé de Mariazinha.



## *O Peixe Puraquê*



**Desenho e texto: Francisco Ribeiro da Costa Apinajé**

Os peixes moram nos rios, alimentam-se na água e colocam os ovos em cima dos galhos de árvores. Portanto os peixes não podem ser retirados da água se não eles morrem. Da mesma forma, que os outros peixes, o puraquê também mora na água, mas coloca os ovos na água, dentro dos buracos e fica vigiando seus ovos para os outros peixes não comerem ovos deles.

O puraquê é muito valente e nos ovos deles ninguém mexe se tentar, pega um choque muito grande, por isso ninguém chega perto dele. Quando os filhotes dele nascem, ele vai andar com eles, para protegê-los de outros peixes e animais dos rios.

## *Aldeia Girassol*



**Desenho e texto: Maria Cipaud Apinajé**

A Aldeia Girassol é uma aldeia nova, criada no ano de 2006. Ela é muito bonita e tem uma paisagem maravilhosa, com muitas matas, córregos e pássaros. Nela, tem um córrego muito bom para tomar banho, possui energia elétrica, falta apenas saneamento. Possui um postinho de saúde provisório, onde os médicos atendem os pacientes.

A Aldeia Girassol possui vinte e oito casas, totalizando trinta famílias, mas do outro lado do córrego Antônio Bento, existem mais três casas, que ficam no lado esquerdo da Aldeia.

Antes de chegar à aldeia, existem as sinalização, com placa, indicando o nome da Aldeia Girassol. Então, nossa, aldeia é nova, mas muito boa e boita. Lá todos os Apinayé são unidos e felizes.

## *A Festa de Nomação*



**Desenho e texto: José Eduardo Dias Pereira Apinajé**

Quando nasce uma criança na comunidade Apinayé, os irmãos colocam o nome do avô ou bisavô. Para isso, eles logo preparam a festa de nomação. Para essa festa acontecer é feita uma reunião com a família, para marcar o dia da festa.

A festa é uma cantoria que dura a noite toda até no outro dia, quando o sol nasce. Pela manhã, o padrinho e a madrinha vão cantando até a criança, levam-na para o pátio, onde acontecerá a cerimônia de nomeação da criança. Então, ela recebe o nome e passa a ser chamada por esse nome, que recebeu dos padrinhos.



## ***A História da Borduna***



**Desenho e texto: José Eduardo Apinajé**

O Povo Apinayé, antigamente, usava a borduna, para se defender, em caso de conflito, de outros povos ou guerras. Naquela época, os Apinayé eram muito valentes e nenhum povo chegava a atacar. Além dessa utilidade, muitas vezes, os Apinayé usavam a borduna, para resolver alguns problemas da comunidade. Então, durante muito tempo, essa foi a nossa arma.

Mas hoje, nem todos os Apinayé usam a borduna em sua defesa. Atualmente, os jovens indígenas só conhecem a realidade do povo da sociedade não indígena.

Por isso, atualmente, quando os apinajé vão resolver seus problemas, muitas vezes, não usam a borduna nem a força bruta, usam apenas a caneta e a força da palavra.

## ***Mẽ Kot Amnhĩ Jõt***



**Desenho e texto: Julio de Souza Chavito Apinajé**

Mẽ myjaja na tep mẽ ôk. Ja o anhĩ jøk o pa. Kojã wa õ hãm ôkja hkĩm mẽ hãm kre tyh nhũm mex mẽ. Nẽ kamrêk re ta na mẽ ãm kãm kre kamrêk nhũn mex kumrêx. Mẽ ôkja na ãm mẽ piitã mẽ ôk na. Apinaje mẽ ôk na py krã ho na tem kukê mẽ ho anhĩ jøk. Kojã mẽ krãrê mẽ kuxô mẽ hpãnh kukê.

### **Pintura Corporal Apinayé**

Esta pintura é usada somente pelos homens Apinayé, pois as mulheres não podem usar. As mulheres não usam tinta preta, que é de jenipapo. Usam apenas a tinta vermelha do urucu.



## SEGUNDA PARTE

---



*Textos*  
*Krahô*



## *A Pintura Krahô*

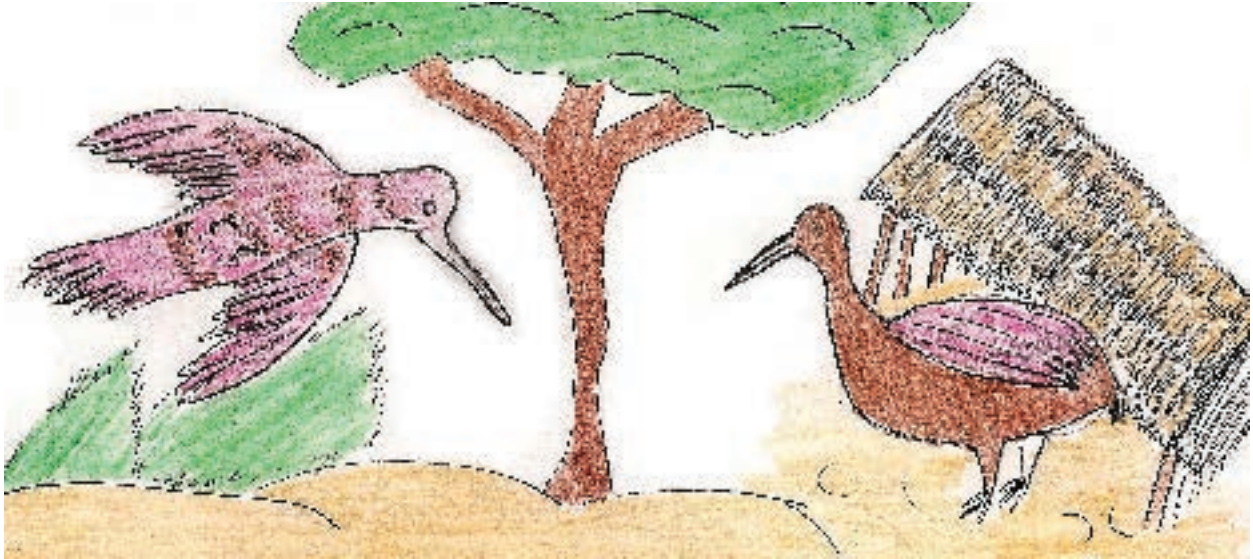


**Desenho e texto: Izaias Crirô Krahô**

Esta pintura é usada por qualquer pessoa seja cantor ou não. Esta pintura é muito usada nas festas e caçadas.

Portanto, para o trabalho dos pajés, a pintura é utilizada com Pau Brasil, pau de leite com cinza de cabaça seca ou de casca de pau queimada, jenipapo, para depois passar urucu. Pode ser usada por qualquer partido, pelo Catâmjê, Wacmêjê, mas é suada somente pelos homens e não pelas mulheres.

## *Mito de Tyrkrê*



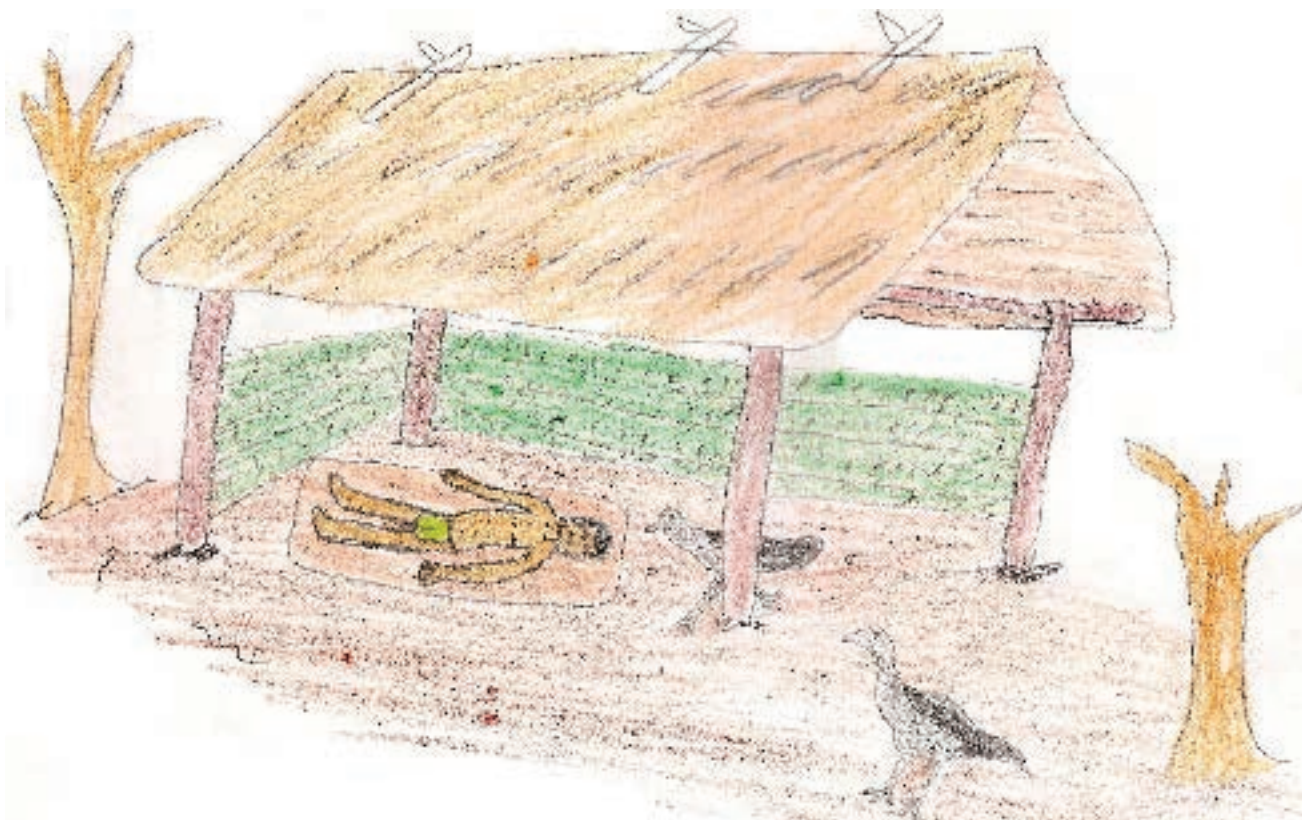
**Desenho e texto: Rogério Krahô**

Este desenho faz parte de uma história de Tyrkrê. Tyrkrê era um homem que sofreu muito alguns tempos por causa de uma formiga, que entrou no ouvido dele. Mas, ele em algum tempo encontrou sua sabedoria através do pássaro, que se chama Urubu.

Depois de resolvido o problema de Tyrkrê, o Urubu resolveu levá-lo para o céu para recuperar a saúde dele. Tyrkrê adquiriu tudo que os pássaros ensinaram para ele como: música e história. Todas essas músicas são cantadas apenas no período da noite.

A música que Tyrkrê conhecia não tinha limites; podendo ser usada tanto pelos homens, as mulheres quanto pelas crianças. Portanto, todos são envolvidos nessa cantiga. Como por exemplo, essa música: Há wa rire nã wa jêê, ha wa rire nã wa jetê xà kô wa rôrôti hoo ma xà xy cumã ijarê nã wa jêê.

## *Tyrkrẽ Jarẽn Xà*



**Desenho e texto: Ovídio Krahô**

ÿhỹ pê Tyrkrẽ ita ajco apu ipa pê jũhcaxw, ampo kôt hapac mã axunti ita axà, pê hapac ita ramãhur nẽ tahnã hapac ita hàà to hà. Pê ajco ahte mẽ hakàn pê hikwa.

Pea pê mẽ ihkwỳ mẽ anjĩ kãm pa nẽ mã hipêr mẽ krĩ to antwỳ, pea pê ihprõ mã ajco mẽ a ihkôt ajco pra nẽ ajtea apu mẽ hurkwa toa pê. Pean pê nẽ ajco apu mẽ hurkwa ita to hopên nare, pê ajco kãm apu ihtõ mẽ ajpẽn to ihpa hà m nõ nẽ nẽ apu hopên nare. Pea pê hakàn pê xõnti mẽ hin krà kôt ajco irôrôc nẽ ajco te apu ihkôt hakop nẽ ajco ajpẽn mã, jũn mã mẽ hakàn pê hikwa ita, cõt ra jũm ita ty hanẽ. Pea mã apu tahmã ajpẽn mã awjakre, nẽ ma.

Hỹrmã tẽ nẽ apu ihcuky, hàpà ikrãhtũn hanẽ. Pea mã cumã ÿhỹ hanẽ - Pea mã apu ihcuky mã apu cumã amjĩ jarẽ mã cute cyt nẽ caxuw ajpẽn to ihhẽmpej pean ms to hopir xõnti cunẽa te, jõjĩnre mẽ cuhkrytti picwỳar kãm, pean cute curia kỳj pê apu to impej nẽ cute into kãn cumã ampo cunẽa to ihhẽmpej, pea pê ramã ita caxuw cupê caj peaj hanẽ, nẽ ajco pjê kãm ampo cunẽa pupu hi xĩ te amjĩ ton xà cunẽa nã. Cute ihtõ mẽ ajpẽn to juncau xahnã. Pea hannẽ.

## **A História do Guerreiro Tyrkrê.**

Num certo dia o Tyrkrê estava numa aldeia junto com a sua esposa e quando adoeceu ninguém sabia o que estava acontecendo com ele. A comunidade resolveu mudar para construir outra aldeia, e a mulher do Tyrkrê acompanhou a população e foi fazer a casa para seu marido, para que quando todos mudassem, a sua casa já estivesse pronta para seu esposo ficar lá no seu barraco.

Mas esta mulher era muito traidora, não trabalhava, e ia namorar o irmão do seu marido. Ela não importava de seu esposo doente, ele ficava na aldeia velha. Quando ela chegava dizia a ele: nosso barraco já está pronto. Mas ela não trabalhava, só ia namorar o irmão do seu marido.

De repente o urubu viu-o, e foi até lá conversar com este homem, para cuidar dele e ele ficar com saúde novamente.

E daí os urubus se reuniam e o levaram até a lua, para o medicar e o mandar de volta para a sua comunidade.

Enfim, ele se curou e mudou de volta muito tempo depois. E daí o Tyrkrê já estava com muita saúde e era pajé do seu povo.



## *O Mito de Tyrkrê*



**Desenho e texto: Gelma Krahô**

Uma formiga entrou no ouvido do Tyrkrê e ele não sentia mais alegria. Por causa disso, a mulher do Tyrkrê não se lembrava mais dele e não dava mais atenção para ele. Passou a namorar o próprio irmão do Tyrkrê. Então a comunidade resolveu fazer uma nova aldeia. Chegou o momento de eles se mudarem, porém a mulher do Tyrkrê havia falado para ele, que iria limpar o lugar, mas ela só ia para aldeia namorar o irmão do Tyrkrê. Então ela abandonou seu marido e foi para aldeia nova e ele ficou sozinho na casa na aldeia velha. De repente os urubus começaram se juntar na aldeia e perceberam que Tyrkrê precisava de ajuda. Então os Urubus curam Tyrkrê.

## *A História do Tyrkrê*



Desenho e texto: Joel Krahô

### **Tyrkrê Jarên Xà**

Pê ajco Tyrkrê apu ipa, nê ihprô, pê ampo ita kôt axũnti hapac mã axà. Pê ajco nê ihpro ita apu to hamar nare, nê ajco impjê mẽ ihtõ ita to ajco hapactu.

Pê ramã mẽ hã krĩ ita ihwej tu, pê ajco mẽ amji mã quê ma krĩ intuw wỳr mẽ ipemtuw caxuw.

Pê ita caxuw, ajco Tyrkrê ita jĩxi ajco impjê ita mã nê ajco mehkôt ma krĩ intuw wỳr pra, mẽ hũrkwa ton caxuw.

amkrã ton caxuw pean pê ajco nê apu amkrã nare. Pê amcro nõhnã pê ma ajco krĩ tuw ita wỳr mẽ hy, nê mẽ Tyrkrê ita rer par tu, pê ahte nõ, pê xôn ti apu ipa nê ajco cuprô nê Tyrkrê pupu. Pê ajco xôn ti cuprô nê ajco hõmpu. Xôn ti te hõmpun nê amji mã harên to: jũm ita curia nê marhã ihtĩar quêt ramã ihtyc. Xõnti ajco hyrmã irôrôc partu nê ajco ihcuky ti: ikrã h tũm ampo nã man ca apu hanê? Pê cumã amji jarê ampo apu ita hajỳr nare.

## História do Tyrkrê

Tyrkrê morava com sua mulher numa aldeia muito grande. Os dias foram passando, e Tyrkrê era um homem guerreiro e forte, de repente, uma formiga entrou no ouvido dele, e com o tempo, ele não conseguia mais andar e só ficava deitado.

O povo da aldeia se reuniu resolver se mudar para uma nova aldeia. Quando chegou a hora de fazer a mudança, a mulher do Tyrkrê, que vivia enganando o próprio marido, namorando o irmão mais novo dele, também foi, deixando o marido sozinho.

Todos foram embora e os Urubus começaram se juntar e, logo, logo, um deles percebeu que havia um homem deitado sozinho ali na casa. Um falou para outro, tem alguém ali, mas não sei se ele está morto ou vivo. Todos começaram chegar perto dele começou a perguntar par ele: Ai compadre, por que você está sozinho? O que você está sentindo, esta doente?

Ele respondeu: Sim, estou doente, eu não sei o que é que entrou no meu ouvido.

Depois disso, os Urubus se reuniram ali mesmo, e um perguntava para os outros urubus: o que nós podemos fazer para que o nosso compadre fique bom?

- E o outro falou, vamos curar nosso compadre, retirando essa formiga do ouvido dele.



## *Tyrkrê*



**Desenho e texto: Célia Aukre Kury Krahô**

Tyrkrê ficou doente do ouvido, por que havia formiga dentro de seu ouvido. Magrinho e muito doente, ele ficou sozinho deitado em sua casa.

A família de Tyrkrê se mudou para aldeia nova, deixando ele sozinho na casa.

Certo dia o Urubu o viu, foi à casa dele e perguntou a Tyrkrê o que estava acontecendo com ele:

Ele falou da dor do ouvido que sentia. Na mesma hora, o urubu mandou os beija-flores buscarem os Cukôn Cariti. Quando eles chegaram, tiraram a formiga do ouvido de Tyrkrê. Depois os mosquitinhos entraram no ouvido de Tyrkrê e limparam tudo.

Em seguida, o Urubu levou Tyrkrê para o céu. Quando chegou lá no céu, dava comida da casa do gavião grande. Depois fez a festa e voltou para a terra.

## *Tyrkrê Jarên Xà*



Desenho e texto: Izaias Crirô Krahô

Pê Tyrkrê ita japac mã axũn axà, pê ajco hikwa. Pê xõnti hõmpu nê caxuw amjĩ kãmpa nê mã kôjkwa wÿr to api.

Kôjkwa wÿr to hopir nê cute hir, mã nõ. Pê xõnti caxuw amjĩ kãmpa nê hapy nê ajpên pjê wÿr apu irôrôc hagãn wÿr nê mẽ panquêtjê jĩn to hapy mã cumã ajco api nê cunã mã crat kãm to hõjahĩ.

Peã pê Tyrkrê hõmpu nê kãm cumã ihprãm nare, xãm ihkaj rehnã.. Pê cupã nê cumã ihkĩn nare hanê. Pê Tyrkrê xõnti mã harkwa to: Nare, mẽ krê, mẽ ajõã mã. Pê xõnti hapy mã ihkrêr tu. Ita jiroapê, pê hàcti ajco hĩ to pit cumã harte. Pê amjĩ kêan kãm hapy mã impej nê hicot.



## O homem Tyrkrê

O homem chamado Tyrkrê sofria muito com dor no ouvido, pois havia uma formiga dentro e fazia-o sentir muita dor, pois saía muito pus com sangue do ouvido dele.

Tyrkrê estava magro, não comia, nem caminhava, ficava apenas deitado. A família não lembrava mais dele. Portanto os Urubus viram-no abandonado, sozinho dentro da casa e levaram-no para o céu, onde ele ficou muitos meses se recuperando com ajuda dos pássaros.

Ao chegar ao céu, os Urubus pensaram e voltaram para terra em busca de alimentação. Mas finalmente eles conseguiram levar um alimento desagradável, que eram as fezes do povo dele. Porém, ele tinha nojo do cheiro horrível e acabou não comendo esse alimento.

Agora dos alimentos do gavião, ele comia apenas a carne, mas se recuperou rapidamente e voltou curado para aldeia.

## *Tyrkrẽ Jarẽn Xà*



**Desenho e texto: Simone Crowley Krahô**

Ïhỹ pê xõnti Tyrkrẽ pupu nẽ ra tahnã incrinare nẽ ajco amjĩ mã harẽ, nẽ ma hỹrmã ajkrut nẽ tẽ. Nẽ apu hõmpu, nẽ ma kyr ma tẽ apu ihcukij, mã Tyrkrẽ te cumã amjĩ jarẽn, ita caxuw pê xõnti ra apu Tyrkrẽ jamã. Pẽ xõnti junre mã awjarẽ pê mã junre ahhuware wỳr tẽ. Nẽ cute cumã hũjarẽn, mã hỹrmã tẽ nẽ t apu cumã caxár to copmã ihkõt cute tahnã cuhkõn carire mẽn mã cute cumã caxár. Pea mã ihkõt hopir coxuw, pea mãpry re jara te cumã hara to cuprõn, mã ma kàj ma tohopir.

### **O Mito de Tyrkrẽ**

Quando o Urubu viu Tyrkrẽ doente, juntou-se com os outros e contou o que estava acontecendo com Tyrkrẽ. Então, dois urubus foram ver Tyrkrẽ. Os urubus perguntaram o que ele tinha.

Tyrkrẽ contou seu problema, e os Urubus cuidaram dele. Um urubu deu recado para o beija-flor chamar os outros pássaros para tirarem o espirito da formiga, que estava no ouvido de Tyrkrẽ.

Depois chamou a Galinha D'água e ela tirou a formiga inteira do ouvido de Tyrkrẽ, depois pus e sangue desceram do ouvido de Tyrkrẽ.

Os Urubus se reuniram e chamaram Tyrkrẽ para ir ao céu. Os urubus colocaram Tyrkrẽ nas asas, ele se deitou nelas, e levaram Tyrkrẽ para o céu.

## ***A História da Machadinha***



**Desenho e texto: Ataúlio Krahô**

A machadinha é importante para os Krahô, porque através dela, o povo Krahô recuperou suas cantigas e suas histórias.

As pessoas, que estão com a machadinha, cantando no círculo da aldeia, o povo Krahô respeita muito, conversa baixinho, para não atrapalhar e ninguém pode ligar som nas casas da aldeia.

Portanto, a Machadinha não foi criada pelos Krahô. A própria natureza se encarregou de criar e entregar para o povo Krahô, que guarda com muita admiração e respeito.

## *Aldeia Krahô*



**Desenho e texto: Izaias Crirô Krahô**

Aldeia Krahô é em forma circular, com várias ruas para o pátio, que fica no meio da aldeia. O Povo Krahô conhece o pátio por congresso, por que é lá onde o povo toma as decisões.

Nas aldeias Krahô há o cacique, o segundo cacique o e prefeito. Os Krahô vivem todos organizados em conjunto nas decisões, no trabalho na roça, nas caçadas e nas tinguizadas. Todas as decisões da aldeia são informadas pelo cacique com os demais moradores da aldeia



## *Ahkrajre Pihôc Jarên Xà*



Desenho e texto: Guilherme Xahy Krahô

ÿhÿ quê hà jun mã ihkra ihtô hóc prãm quê há júri caxuw prôtti nõ ta. Nê caxuw cukê nê ihkêm pa nê hãm quê xà nê ihtyc quê hà pyt kãm to ihhóc nê ahkrajre hóc xa kôt to ihhóc. Quê há tahnã apê nê cumã ihtyc quê há hanẽan py to cumã hikay. Quê ha cumã impej.

### **Pintura das Crianças**

Nas aldeias Krahô, quando as mulheres querem pintar os filhos ou Irmãs, elas tiram jenipapo, ralam e quando terminam, botam, põem no sol, para ficar fica muito preto.

À tarde elas pintam as crianças com a pintura própria. Depois dessa pintura com jenipapo, elas completam as pinturas com urucu, para ficar muito lindo.

## *Pintura da Lontra*



**Desenho e texto: Fábio Imajcopêc Krahô**

Essa pintura acontece somente na festa da cultura indígena Krahô, quando todos da comunidade se preparam para realizar a festa da Lontra e do Peixe. A comunidade, juntamente, com cacique decide a realização da festa e, para isso, eles marcam dia da festa indígena.

Quando chega no dia da festa, todos se juntam para decidir se todos querem fazer a festa da Lontra e do Peixe. Cada pessoa fala que vai ajudar as pessoas da comunidade juntamente com cacique e perguntam se cada um deles concorda com a proposta e eles falam sim. Então, todos eles querem fazer a festa da Lontra e de Peixe.

Às três horas da tarde, todos eles vão para o campamento, chegando lá, o cacique, que é membro da comunidade, chama as pessoas em dupla, principalmente, os jovens, perguntam para eles, qual o partido que eles preferem ficar: Lontra ou Peixe? Daí, eles decidem e respondem para o cacique qual o partido que cada um preferiu. Como todos da comunidade sabem qual é seu grupo, todos juntos vão buscar a tora onde ela fica. Eles voltam com a tora para aldeia, dão duas voltas e jogam a tora no pátio.

Cada grupo vai atrás da sua rainha, pois cada um já sabe quem é rainha de seu grupo. Então, às cinco horas da manhã, as rainhas vão buscar pau de leite, no mato, para ser pintarem, com as cores de seu partido, pois cada grupo tem a sua própria pintura.

Quando terminam de se pintar, eles vão disputar a corrida de tora, para ver quem ganha ou quem perde. Aquele que ganha é o campeão da corrida de tora. Pois tudo isso faz parte da nossa cultura e de nossos costumes.

### **Pintura do Peixe**

O Peixe também tem seu partido e sua pintura própria para ser usada durante a festa. Nesse partido somente as rainhas do Peixe podem pintar os homens. As mães das meninas saem cedo para buscar pau-de-leite para fazer as pinturas

A mãe das meninas chega com pau-de-leite. Como ela chega cansada, não pode fazer e fala para sua irmã ajudá-la nas tarefas.

Elas juntam cabaças secas para queimar e fazer as pinturas. Eles avisam que as cabaças estão prontas para fazer as pinturas. Então, a mãe da menina avisa que ela está preparada para fazer as pinturas.

Com isso, o chamador, convida todos do Partido do Peixe, para se pintarem. Todos eles se pintam. É assim que tudo acontece na nossa sociedade.

## Pinturas Corporais



Desenho e texto: Júlio Inxycaprêc Krahô

Esse tipo de pintura é usado somente pelos homens mais velhos, durante as cantigas, seja no pátio, à noite, ou na casa da pensão. Então durante essas cantigas, os homens ficam acompanhando e ouvindo.

Os jovens também não aceitam essa pintura e nem pedem para a mãe ou a Irmã passar no corpo dele. Porque essa a pintura é dos mais velhos, mas é como se o Pajé fosse buscar alma da gente. Então essa é a pintura do Guará, lobo-do-mato. Este animal só grita de tardezinha e pela madrugada, atraindo, para a morte, a alma das suas famílias. Por isso, os jovens não usam a pintura de Lobo-Guará.



## ***A Velha***



**Desenho e texto: Cornélio Kôc Krahô**

Na aldeia vivia muita gente e, dentre essa gente, existiam aquelas pessoas, que eram profissionais e especialistas em determinadas coisas, tais como: caçador, curador, trabalhador de roça, fazer colar, abano, pinturas, bordunas, dentre outras.

Então, nessa aldeia, uma mulher ficou velha, sem marido, sem nenhum filho e morava sozinha. Como a idade estava avançada e não aguentava mais trabalhar, nem fazer próprio seu próprio alimento, e os vizinhos não davam nada para ela comer, ela, mesmo assim, tentou sobreviver sozinha.

A velha se zangou e foi à procura de um lugar para morar sozinha de outra forma e saiu da aldeia e foi morar numa toca da serra, perto da aldeia e ficou morando lá. Mas ela saiu bem cedo e andava, fazendo visitas ao povo nas aldeias e se alguém tivesse um filho bebê muito bonito e gordo, a velha pedia a mão da criança para cuidar dela, enquanto a mãe e o pai fossem trabalhar. Se os pais demorassem a chegar, a velha levava a criança para a toca, matava e comia assada no moquéim.

Mas um dia, um caçador profissional de capoeira descobriu que a velha já havia matado muitas crianças no local onde ela morava, mas o caçador descobriu tudo e passou a ser chamado de Tantepcakrére

## *A Raposa a Rolinha e o Urubu*



**Desenho e texto: Paulinho Kôrhy Krahô**

A Rolinha escolheu um lugar, para fazer seu ninho, mas passados uns quinze dias, os filhotes nasceram. Mas um certo dia, a Raposa foi procurar alimento e encontrou uma Rolinha com os filhotes e pediu para a Rolinha jogar seus filhotes para ela comer, porque estava com muita fome. A Rolinha jogou um filhote para Raposa, que imediatamente comeu e foi embora.

Em seguida, chegou o Urubu e encontrou a Rolinha chorando com saudade de seu filhote. Então o Urubu perguntou por que ela chorava: a Rolinha contou toda a história pra o Urubu. O Urubu falou para a Rolinha: quando a Raposa voltar e pedir seu filho, você fala para ela que não vai jogar, porque ela não consegue subir na árvore e você está esperando pelo seu amigo cachorro, e ela, com medo, vai embora.

## *Pintura Corporal*



**Desenho e texto: Carlito Kõrpår Krahô**

A pintura do Gavião é bem diferente da pintura do Papamel, pois cada um tem sua pintura específica. A pintura do Gavião é toda preta. Por isso, cada um tem seu partido: o partido do Gavião e do Papamel.

Quando o povo Krahô quer fazer a festa, chama a comunidade, para marcar a data da festa e pergunta quem aceita fazer a festa do Gavião ou do Papamel. Então, como tem a divisão, cada um escolhe seu partido ou vai para Gavião ou Papamel.

Depois de tudo acertado, à tarde, escolhem duas moças para serem as rainhas do Gavião, que surgiram à festa do Gavião. As rainhas vão para mata tirar pau de leite, misturar com carvão e pintar só as pessoas do partido do Gavião. O mesmo acontece com quem é do partido do Papamel.



## ***Pyt***



**Desenho e texto: Carlito Ajtã Krahô**

Ýhỹ ita mã pyt, mẽ pa curoxá cõjkwa pën. Ta mã ampo cunêa caxuw hakraj, quê hamrêare cunêa amê paapaj nare. Cumê pahhi tu tamã mẽ pa curo cu mẽ pahtiâr ame paapa pjê ita kãm. Pjêhcunêã curo xá mã pyt ita, mẽ pajõ pjê mẽ cupê cahàc jõ pjê hamrêan.

Pytwrýre

Ita mã Pytwrýre cõjkwa kat, kãm a pu ipa. Kõt ca me hãmpu mã nê cumâ amjiãã hõ curo xàj nare. Ta mã mã tahti to wry nê to pjê cunêã co. Quê hamrêare. Quê ampo itajê cunêã apu incrà pea quê cô hamrê. Ta mã mã ampo itajê caxuw hakrãj haprý pê pytwrýre. Hõ harên xà ita te hajÿr.

## **Sol**

Este é o Sol que ilumina, do céu, toda a nossa terra e o mundo. O Sol é a única luz que protege a nossa vida, na terra o no universo.

Portanto, sem a luz do Sol, nós não vivemos e não respiramos. Assim, sem o Sol, nós morreremos todos na terra, as plantas os animais e os rios. O Sol ilumina todas as terras do Brasil, de outros países e do mundo.

## **Lua**

A Lua brilha, no horizonte, do céu e não tem luz própria, mas protege a natureza. É Ela que manda as chuvas para molhar toda a natureza, seres humanos e todos os seres que habitam a terra.

Se não houvesse a Lua, todos os seres da natureza não teriam vida e morreriam. Portanto, a Lua é a única proteção de nossa natureza da vida na terra.



## *Pintura do Papamel*



**Desenho e texto: Elton Hiku Krahô**

### **Krokroc Hôc Xà**

Hô krokroc pihôc xà ita te hajÿr. Quê há jûm mã krokroc hôc kôt ipihôc prãm, quê ha to amjĩ cunĕa tyc nê hõ kôt kãm pit to, catát kre hõ xwahhire to hanĕ. Aramhõc to quĕt prõtti to.

Nĕ pom hõ kôt kãm into catát krere ita kãm, caha nĕĕ ihhõc nare. Nĕ jamãm krokroc mĕ hac jõ amjĩ knm na mã amĕ ipihõc to hanĕ. Pĕa hamrĕ.

A pintura do Papamel é diferente das outras pinturas. O Papamel pinta o corpo todo com tinta preta de pau-de-leite ou com jenipapo. Deixa uma parte branca com a forma de losango no meio do corpo.

A parte branca que não foi pintada representa o símbolo do Papamel. Assim, o povo Krahô prepara a pintura do Papamel somente quando vai ser realizada a festa dele e do Gavião.

## *A História do Sapo*



**Desenho e texto: Simão Cajcar Krahô**

Um dia, um homem saiu para pescar na lagoa com sua família. Na lagoa morava um Sapo muito grande, que cortou as duas pernas do homem.

O Sapo cortou as duas pernas do homem e levou para a mulher do homem um quarto dele, chegando a casa, chamou a mulher e falou: saia, ver e tratar da carne para nós comermos.

Ela, tão nervosa com a voz diferente saiu da casa para ver. Então ela pensou e, logo, logo, respondeu para o Sapo ficar, esperando que ela iria buscar palha e lenha para o moquém.

Mas, ela, voltou para casa, chamou os filhos para sair correndo, que ela iria enganar o Sapo para fugir. Assim o fez, saiu correndo, correu, correu e correu tanto, que o Sapo não conseguiu alcançar.

O homem maldito se transformou em hihtôkrere e ficava matando as mulheres. Mas um dia, uma mulher solteira resolveu matar Hitokrere.

## *Awxê Pyryre*



**Desenho e texto: João Lucas Cahhi Krahô**

Um homem caçador, que abandonou sua esposa por conta de um filho dele, foi se criar no mato com as duas filhas moças e uma caçula mais nova. Um dia, o homem foi caçar veado, porém, quando estava chegando à aldeia, olhou para frente e viu a filha caçula chorando no meio da estrada, e ele perguntou: por que você está chorando? A caçula respondeu: é porque o meu irmão e a mãe estão fazendo sexo e ele dormiu por cima dela. O homem chegou ao terreiro, sentou no pé de um urucu; lá mesmo começou a pensar, pegou o seu arco e flecha e caminhou para a roça.

No meio do caminho, olhou para trás e viu duas moças correndo atrás dele e perguntaram: papai, você vai para onde? Ele respondeu: vou procurar meu rumo. Nós vamos também, logo se transformou num cavalo e as três filhas caçulas não conseguiram alcançar Awxê Pyryre, que já estava batendo o cipó para tinguizar no córrego. Foram bem devagar, transformando-se em no pássaro pescador e pegaram os peixes, mas a filha caçula mergulhou no córrego e o Awxê Pyryre viu-a e falou para ela pegar para comerem assados. No mato, fizeram o moquém e assaram os peixes e o Awxê Pyryre foi embora. A caçula ficou, as outras foram comendo os peixes e subiram no pé de buriti. O Awxê Pyryre olhou para cima, viu as três e perguntou: Como vocês subiram? Elas responderam emendamos a fita de folha de buriti. Então, o Awxê Pyryre pegou na fita e foi subindo, quando chegou ao meio do pé de buriti, elas cortaram a fita, Awxê Pyryre caiu transformou-se em caranguejo. E foi assim começou o mito do Awxêpyryre.



## *Histórias dos Povos Indígenas*



**Desenho e texto: Cruimo Krahô**

Antes dessa terra ser descoberta, não havia homens brancos, mas havia muitas guerras entre as várias nações indígenas brasileiras

Segundo os mais velhos contam, nos territórios onde habitavam vários povos indígenas, não existiam brancos, cidades; só as aldeias de longas distâncias de vários povos diferentes entre eles, havia vários povos e aconteciam muitas guerras. Eles se matavam com flechas bordunas ou enforcados.

Existiam algumas aldeias onde havia guerreiros mais fortes e brigadores, além dos outros que vinham de aldeias diferentes.

Naquela época, havia dois guerreiros chamados de Ahtorkrã e Pànhi. Eram o pai e filho, porém eram os brigadores mais espertos na guerra. Então, havia um tempo que eles estavam matando muita gente.

Certo dia, uma pessoa foi avisar em outra aldeia, que os guerreiros não estavam matando muitas pessoas. Assim o grupo veio e se juntou com só índios da aldeia e mataram esses dois guerreiros fortes, que amedrontavam todas as aldeias. Essa história é contada pelos mais velhos, sobre o que acontecia noutros tempos antes de existirem brancos aqui no Brasil.



## *Pintura do Verão*



**Desenho e texto: Edivaldo Wakê Krahô**

Esta é a pintura de verão, chamada de Wacmêjê e a pintura do inverno é chamada de Catanjê. Essas pinturas só são usadas quando estão se dividindo os partidos.

A pintura de verão é vertical e a do inverno, horizontal. Portanto, quem usa a pintura de verão são apenas só Wacmêjê homens, mulheres e crianças. Assim, o olho de buriti representa o verão.

Já a pintura do inverno é usada somente pelos Catanjê homens, mulheres, crianças. Usa apenas a palha verde de buriti, que representa o inverno. Porém um partido sempre respeita o outro.

Para as pinturas, usamos pau-de-leite com carvão, jenipapo e urucu. Então as pinturas são de cor preta e vermelha para os dois partidos.

## ***Lenda da Onça e do Macaco***



**Desenho e texto: Ely Krijtas Krahô**

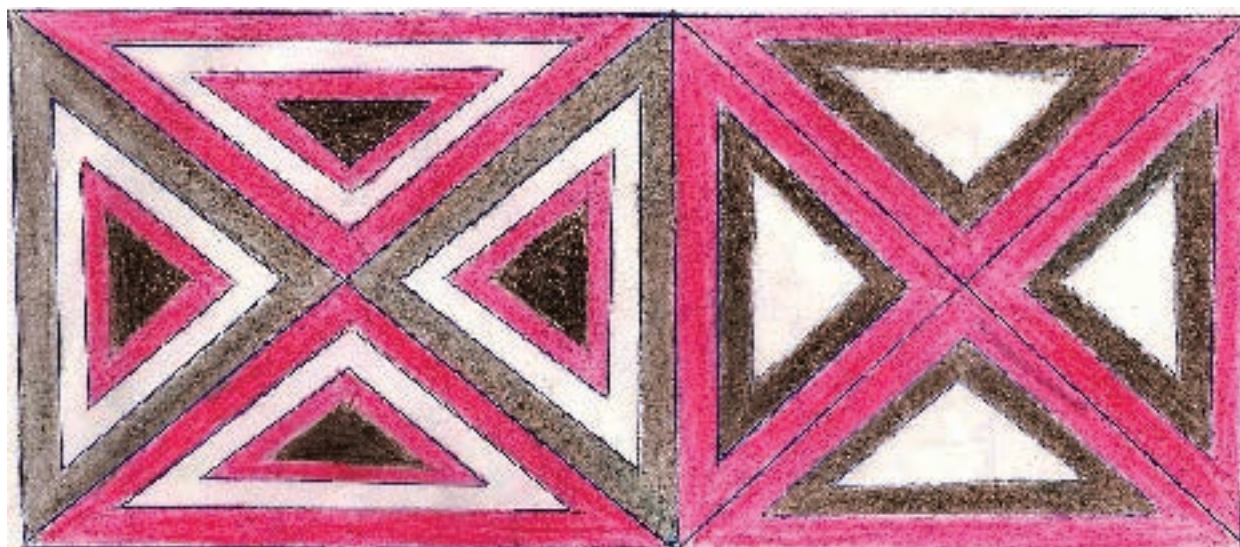
Uma vez uma onça bem grande havia chamado o compadre Mateiro para trabalhar numa fazenda e ganhar dinheiro para comprar roupas. Mas, o Mateiro foi morto pelo fazendeiro, porque a Onça tinha roubado o bezerro do curral do fazendeiro. A onça comeu bezerra todo, apanhou todo sangue do bezerro, com cuidado, levou até o mateiro. Coitado do Mateiro, que estava dormindo, e derramou todo sangue sobre o Mateiro, que ficou melado de sangue, e o Fazendeiro achou que tivesse sido ele que matou seu bezerro. Então a Onça foi embora da fazenda.

Uma semana depois, ela encontrou um Macaco e o chamou para trabalhar na mesma fazenda, mas o Macaco desconfiado por não ter costume nenhum de trabalhar, resolveu acompanhar a onça, seguindo pelo caminho da fazenda. Com muito cuidado, quando chegou à fazenda, a Onça perguntou logo se tinha trabalho. O Fazendeiro afirmou que sim e deu rancho e jantar. O Macaco armou a sua rede bem alta. Com medo da onça, mas depois da meia noite, a Onça chamou o Macaco, mas com medo não respondeu e a Onça saiu para, fazer ao mesmo trabalho de antes, que fez com o Mateiro. Comeu o bezerro apanhou todo sangue, mas não pôde fazer igual com o que fez com o Mateiro.

O Macaco, esperto, pegou a vasilha de sangue e derramou tudo em cima da Onça. Ela perguntou: por que você fez isso, Macaco? – Ele, enganando a Onça, falou que estava sonhando que o Fazendeiro botava cachorro neles, você subia na árvore, mostrava logo o peito e o Fazendeiro errava o tiro, você descia e ia embora.

Assim o Macaco combinou com a Onça. Pela manhã, o Fazendeiro logo sentiu a falta do bezerro e descobriu que ela já havia comido dois deles. Botou os cachorros atrás da Onça, logo ela subiu na árvore, como havia combinado, mas foi enganada. O esperto do macaco pegou a espingarda, a Onça viu, abriu o peito, o Macaco mirou bem no peito dela, atirou e matou-a.

## *Pintura das Moças*



**Desenho e texto: Aguinaldo Viera Hãka Krahô**

Esta é a pintura corporal Indígena Krahô. É uma pintura usada somente pelas Moças, pois serve para identificar as moças.

Somente a mãe ou a tia pode pintar a menina. Outras pessoas não podem e ela pode utilizar a pintura durante as festa, mas no dia-a-dia também podem usar.

Para essa pintura são utilizados urucu, pau de leite, jenipapo e carvão de cabaça.



## *Pintura Corporal*

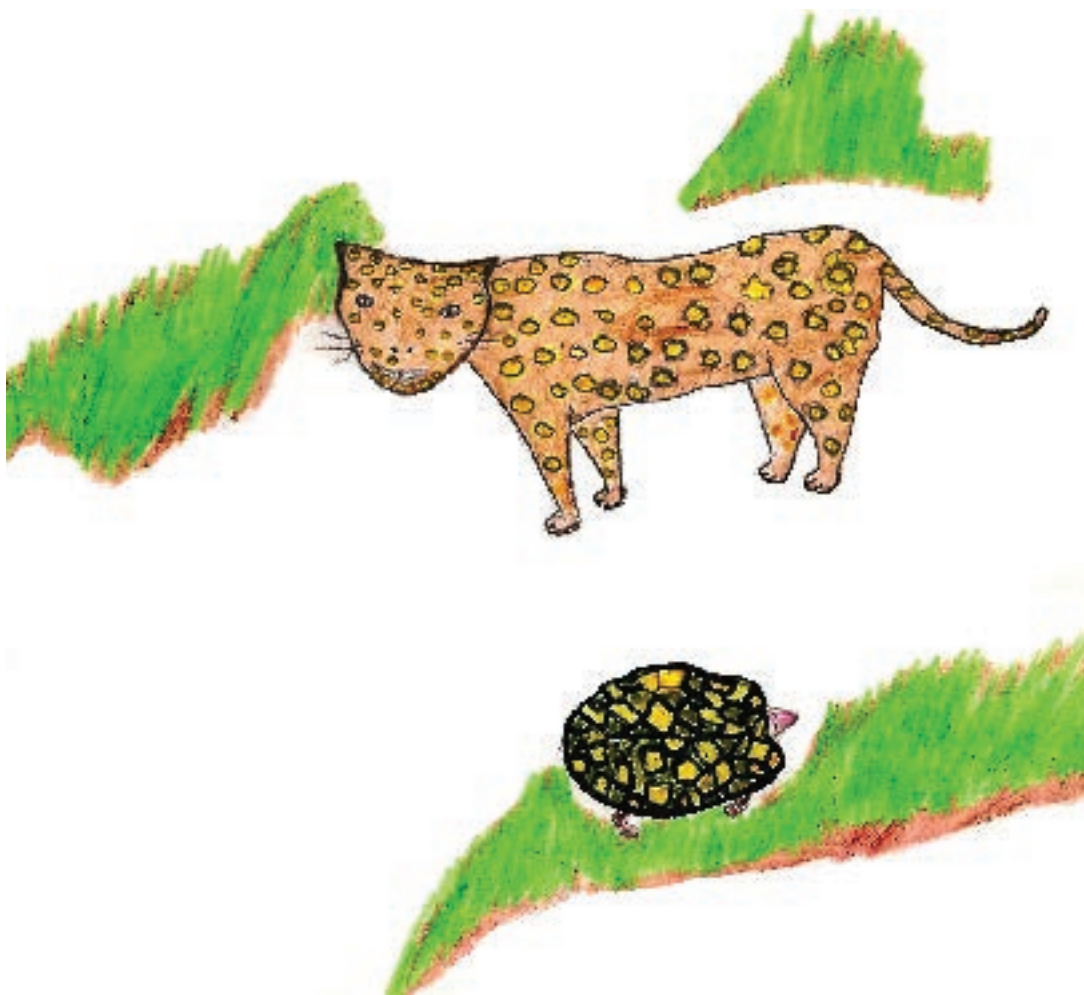


**Desenho e texto: Rogério Côtetet Krahô**

Esta pintura corporal Krahô é usada somente pelos homens nas festas tradicionais como: da batata, do paparuto, do milho e corte de cabelo, pois cada uma tem seu jeito. Na realidade, as mulheres usam as pinturas diferentes. Cada pintura representa seus partidos, como Inverno e Verão. Os homens Krahô nunca devem usar as pinturas das mulheres, que assim todos vão achar que aquele deve ser falso.



## *A História do Jabuti, da onça e da Mucura*



**Desenho e texto: Herminia Wôpàr Krahô**

Certa vez, o Jabuti saiu à procura de comida na estrada, porém ele encontrou o Macaco. O macaco perguntou para o jabuti: compadre, para onde você vai? Ele respondeu: estou à procura de alimentação porque já está faltando na minha casa.

Daí saíram os dois pelo caminho à procura de frutas, lá na frente encontraram um pé de puçá, quando chegaram debaixo do pé, o Macaco era mais esperto e mais ligeiro, rapidamente catou as frutas maduras, comeu-as e falou: olha compadre, não está tendo frutas maduras, mas lá em cima parece ter, vou subi e vou sacudir e você aproveita bem. O Jabuti respondeu, está bem. Mas o Macaco era tão sabido, subia e comia somente as maduras e jogava as verdes para ele e enganou o tempo todo.

O Macaco encheu a barriga, desceu e falou: olha, eu vou subir com você para você comer à vontade lá em cima e subiu com o Jabuti na árvore, ficou só um pouquinho, desceu, foi embora e o Jabuti ficou enganado em cima da árvore

Ao meio dia, uma onça-pintada passou debaixo da árvore, ele se mexeu a sombra dele deu na frente da onça, ela parou, olhou para cima, viu o Jabuti e falou: olha Jabuti, com você subiu nesta árvore? Ele respondeu: foi o amigo Macaco que me enganou e deixou aqui em cima.

A Onça falou para o Jabuti, mas você pode escapular daí que eu pego você aqui em baixo. Faça isso, você não vai cair. O Jabuti falou: você não vai me enganar também? Você me comer? Ela respondeu: não eu vou só te ajudar a descer da árvore, você desce e segue a sua viagem. Pode confiar em mim quero te ajudar a descer daí. Então o jabuti começou a se mexer até escapular dos galhos, mas o Jabuti escapuliu e caiu em cima da Onça e a matou.

O Jabuti verificou, percebeu que a Onça estava morta e falou: agora eu matei, vou embora para toca, entrou e deitou. Depois de muito tempo, o Macaco se lembrou, voltou para ver o Jabuti e pensou que ele já havia morrido de fome. Então foi ao local, onde o havia deixado. Chegando ao local, olhou para cima e não viu mais nada só o lugar. Falou para si mesmo, talvez alguém passou e o desceu da árvore.

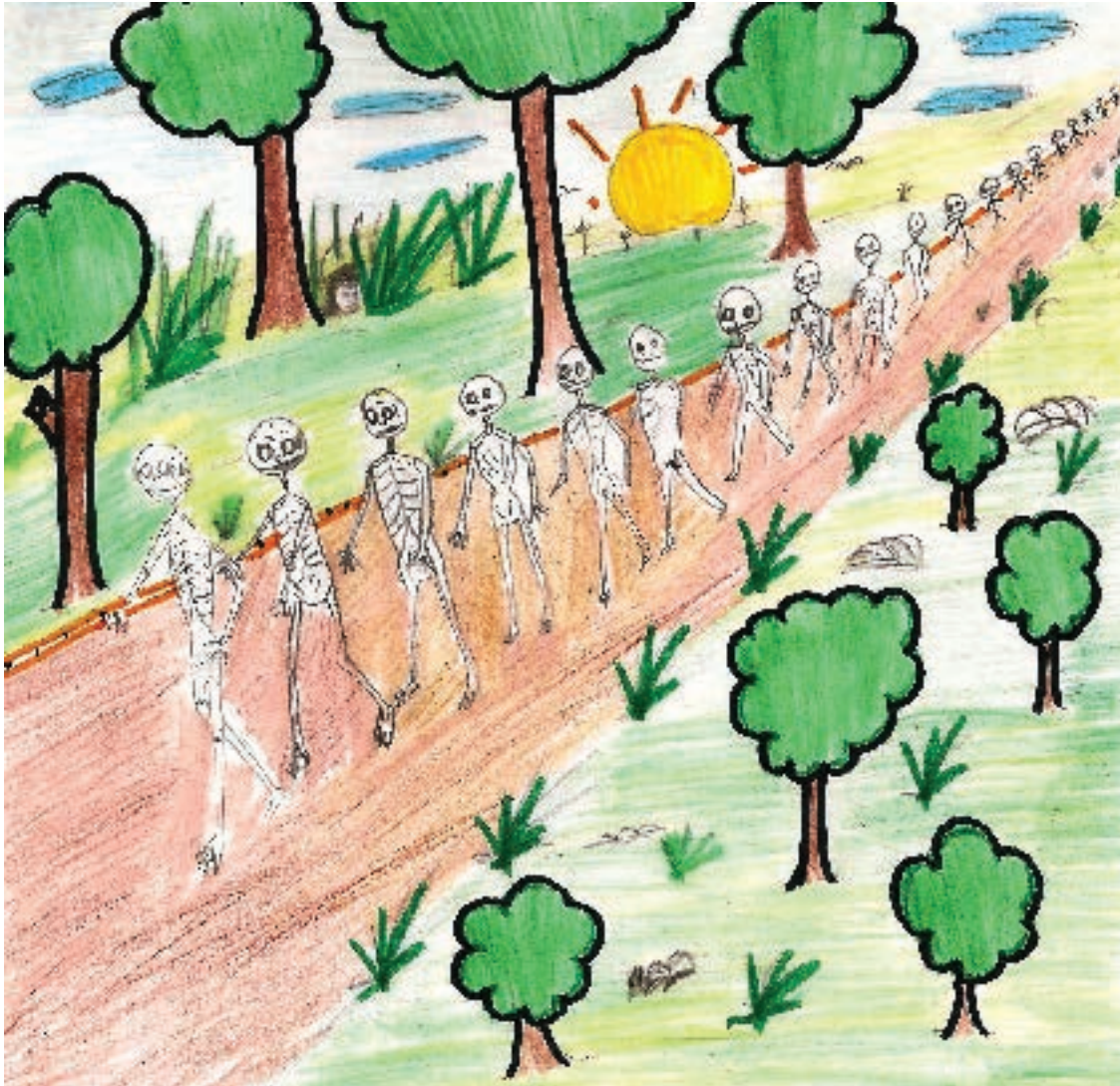
O Macaco foi embora sozinho, resolveu subir no morro e gritar o nome pelo Jabuti. Então pensou: se ele não me responder é porque está morto. Então, o Macaco subiu no morro e gritou: ôôô amigo, Jabuti. O Jabuti respondeu: ôôô, amigo. O Macaco se espantou e pensou: será que é minha bunda que está me respondendo. Então vou gritar mais uma vez se minha bunda me responder de novo, eu vou da uma surra bem grande nela, para nunca mais me responder. Preparou o cipó e foi sentar no mesmo lugar e gritou mais outra vez: ôôô amigo, Jabuti, ele respondeu ôôô, amigo. Então ele pensou novamente que era a bunda que respondia. O macaco pegou próprio rabo e bateu muito.

Enquanto batia no rabo, o Jabuti saiu da toca, foi rindo dele, que estava batendo no rabo dele mesmo. O Jabuti se vingou do Macaco, enganando-o para que ele pudesse bater em si mesmo, pois o macaco pensava que o Jabuti era fraco, mas não, ele era muito forte.

Além de o casco ser muito duro, o Jabuti também é muito resistente pode passar muito tempo sem comer e beber.

Passados alguns anos, ele entrou numa toca que era da Mucura, mas quando a Mucura chegou a sua casa, não gostou, pois viu que o Jabuti estava dormindo na sua. A Mucura fechou a porta da casa e foi embora. O Jabuti ficou preso na casa da Mucura alguns dias, a Mucura pensou e falou: vou tirar o Jabuti da minha casa senão vai feder. O Jabuti pensou e ficou por trás da porta, quando a Mucura chegou, abriu a porta e entrou. O Jabuti saiu, fechou a porta e foi embora. Passados seis meses, o Jabuti voltou para casa da Mucura, para ver se estava viva, mas quando ele chegou lá, viu que a Mucura já havia morrido e já estava fedendo. O Jabuti foi embora, deixando a Mucura morta para trás.

## *Os Esqueletos Humanos*



**Desenho e texto: Izaias Crirô Krahô**

Antigamente, os homens iam levar folhas verdes pra um lagarto bem grande. Ele comia folhas verdes, mas fazia cocô com as miçangas de várias cores, os homens catavam e levavam para suas mulheres.

Num certo dia, os homens resolveram levar folhas verdes para o lagarto comer e fazer cocô com as miçangas para eles. Então eles foram, atravessaram um rio na canoa. Chegaram ao local, onde estava o lagarto, deram muitas folhas verdes, cataram muitas miçangas de várias cores no cocô do lagarto, mas, como já estava ficando tarde, eles resolvem dormir na beira do rio.

Quando todos estavam dormindo, os Homens-urubus comeram os olhos deles, e todos ficaram cegos. No outro dia bem cedo, os homens cegos foram andando na mata sem enxergar nada. Quando chegaram à casa do Gambá, que estava com os seus filhotinhos, o pai dos Gambás estava trabalhando em volta da sua casa. E os homens cegos chegaram e disseram:

\_\_Bom dia! Tio.

\_\_Bom dia. Cuidado! Para não pisar no sobrinho e na titia, que eles estão dormindo ainda. O que acontece com vocês? Perguntou o Gambá

\_\_Então, tio, nós estamos perdidos e não enxergamos nada.

\_\_Sentem, deixe-me ver. Quem fez isso com vocês?

\_\_Não sabemos.

\_\_Fiquem à vontade que eu irei fazer olhos para vocês. Fiquem aqui, eu voltarei já.

O Gambá foi à procura de semente para fazer para eles. Achou uma semente chamada olho-de-boi, fez os olhos para cada um deles. Eles voltaram a enxergar, mas não voltaram para aldeia, transformaram-se no porco do mato e foram embora para sempre.

Passaram-se muitos dias, outro grupo de homens foi também levar folhas verdes para o lagarto comer, eles cataram as miçangas no cocô dele. Como já estava ficando tarde, eles resolveram dormir na beira rio; cada um fez uma fogueirinha para se esquentar. Porém, um rapaz muito esperto, deixou o grupo, subiu numa árvore bem alta, fez uma rede de palha de buriti e ficou quieta ouvindo o barulho. Quando era mais ou menos meia noite, todos os homens já estavam dormindo e os homens-cachorros vieram até eles e comeram a carne de todos eles, deixando apenas os esqueletos.

Quando o dia amanheceu, o rapaz, que estava em cima de uma árvore, desceu e foi ver os esqueletos de seus parentes. Voltou sozinho para aldeia, atravessou o rio na canoa e foi chorando para aldeia.

Chegando à aldeia, contou o que aconteceu com os parentes e falou para as mulheres, que os Homens-cachorros comeram seus maridos, e eles teriam que ir embora para aldeia nova do outro lado do rio. Quase todas as mulheres foram para aldeia nova, somente uma mulher ficou com a filha e um nenê, na aldeia velha, porque pensava que o rapaz estava mentindo.

Depois de muitos dias, a filha dela subiu numa árvore atrás da casa, viu-os chegando e falou para a mãe dela: Mãe! Eles estão chegando, estão todos vestidos de branco. Quando eles chegaram à aldeia, foram direto para o pátio e a mãe da menina olhou para eles e disse: Filha, pega sua irmã e corra na frente até chegar no rio, me espere lá que eu irei atrás.

Depois que os esqueletos chegaram ao pátio, cada um foi para sua casa visitar a sua esposa. Chegaram às suas casas e não viram nada e voltaram logo para o pátio.

A mulher ficou esperando o marido chegar, ele veio e disse: Bom dia! Onde estão as crianças? Ela disse: Estão brincando na mata.

A mulher falou: tem batata doce come uma, ele pegou as batatas, mas quando estava comendo, olhou para o pátio e disse: Vou voltar para o pátio, mas eu volto. Quando ele voltou para o pátio, a mulher foi atrás da filha.

Chegaram à beira do rio, sentaram na canoa, eles foram atrás delas, mas elas remaram muito rápido até chegar no outro lado do rio. Eles caíram na água, os peixes picaram todos, eles subiram e as mulheres foram embora para aldeia nova.



## *O Mito do Guerreiro*



**Desenho e texto: José Dilson Krahô**

Antigamente, havia um Guerreiro muito forte e valente. Ele se chamava Hêcahô, por isso, ele brigava com os animais mais bravos e ferozes. Não tinha medo de nada e não deixava os animais escapar de suas mãos, sempre os matava com sua lança.

Uma vez o pessoal foi caçar em grupo, encontrou uma anta muito brava, valente numa lagoa, bem no meio da mata, mas ninguém tinha coragem de chegar perto dela, todos correram com medo e subiram numas árvores.

Quando o guerreiro Hêcahô chegou e logo, o povo avisou para ele ter muito cuidado, pois a Anta era muito brava. Hêcahô! Cuidado! A Anta é muito valente.

Ele não se importava com isso, desceu na lagoa, a anta o viu e correu para o rumo dele. Ele lutou muito, brigaram, ele puxou a lança, atirou na anta, mas ele rodeou o Guerreiro e mordeu na coxa dele.

Ele matou a Anta, chamou os outros índios para ajudarem a tirar a Anta da lagoa. O outro índio perguntou se a anta não o havia mordido: ele não quis dizer que havia sido mordido pela Anta. Ficou escondendo o ferimento, não saiu da lagoa. Mas ele era sempre assim, aguentava todos os ferimentos e não mostrava para ninguém. Por isso era conhecido como um Guerreiro muito bravo e valente.

## ***História do Passarinho, da Raposa e do Urubu***



Certa vez, havia um Passarinho no ninho, a Raposa viu que já havia filhotinhos e, como estava com fome, pediu um para eu comer.

O Passarinho falou para a Raposa que não iria dar o filhote, pois só tinha quatro, eu não podia dar.

A Raposa falou para o Passarinho: se você não me der, eu subo na árvore e como vocês todos.

Com medo, o Passarinho deu um filhote para a Raposa, ela comeu e foi embora. Na manhã seguinte, a raposa foi pedir outro filhote novamente. O Urubu viu que a Raposa estava só em ganhando o Passarinho.

Então, o Urubu resolver contar tudo ao Passarinho. Ele ficou sabendo de tudo e não deu mais seu filhote para raposa comer.

O passarinho falou para a Raposa: amiga, você não vai comer os meus filhotes, porque eu já estou sabendo que você não pode subir, porque você tem as suas patas redondas e não consegue subir nas árvores.

A Raposa voltou com raiva e perguntou: Quem falou isso para você? Ele respondeu: foi o meu amigo Urubu que me falou que você não pode subir. A Raposa respondeu: então eu vou caçar o Urubu.

Quando a raposa viu o Urubu tomando banho, falou: agora eu vou te comer, pegou o urubu e falou para ele: agora você não escapa de mim.

O Urubu falou para a Raposa: você não vai me comer, porque eu não estou bom, pode me cheirar e ver que estou fedendo muito. Se quiser me comer, espera que eu vou ficar no sol, depois você me come.

A Raposa soltou o Urubu e ficou esperando-o. Depois de muito tempo, ele falou para ela: agora você pode me comer. Quando ela foi pegar o Urubu, ele voou bem alto, a Raposa não conseguiu pegar o Urubu e voltou.

## *História do Tyrkrê*



**Desenho e texto: Anízio Càpej Krahô**

Era uma vez o índio Tyrkrê e a esposa. Ele ficou doente do ouvido, porque uma formiga entrou no ouvido dele e doía muito. Daí, a comunidade toda se reuniu para fazer uma nova aldeia. Todos se mudaram, mas a esposa dele também resolveu ir para fazer uma casa nova. Só que ela não fazia casa, ficava sempre namorando os outros rapazes e não fazia a casa.

Um certo dia, o Urubu desceu na aldeia e viu Tyrkrê sozinho na casa, chegou mais perto e perguntou: quem é você? Ele respondeu que era Tyrkrê. O Urubu perguntou por sua esposa. Tyrkrê respondeu: ela foi fazer uma casa nova com o povo.

Então o Urubu perguntou se fazia tempo que ele estava sofrendo. Ele respondeu que sim. Faz muito tempo que eu estou sofrendo. O Urubu chamou todos os pássaros e descobriu que uma formiga estava dentro do ouvido e era muito grande, por isso Tyrkrê não estava mais aguentando a dor.

O Urubu retirou a formiga do ouvido dele e falou para Tyrkrê: agora você vai subir conosco para céu. Você vai sim, disse o Urubu. Ele foi para céu. Lá, A esposa dele ficou sabendo, foi lá e quis pegar nele de todo jeito. Mas, ele falou para esposa: você fica quieta, pois você está grávida. Ela respondeu: eu não estou grávida. Está sim, disse ele. Então, Tyrkrê falou para esposa: você quer mesmo saber? Tyrkrê soprou a barriga dela e menininha caiu da barriga. Ele falou novamente: você não estava grávida! Então, ela ficou sem jeito não falou mais nada para ele. Mesmo assim, ela estava continuando namorando o rapaz. Tyrkrê enfeitiçou a esposa e o namorado com formigão. Os dois choraram choravam muito. Tyrkrê curou os dois, eles ficaram bons, mas mesmo assim eles não se exemplaram.



## *Pintura das Mulheres*



**Desenho e texto: Marciana Amascy Kwúj Krahô**

Este tipo de pintura só as mulheres usam durante a festa. Está pintura não é diferente da pintura dos homens. Existem muitas pinturas, mas cada uma delas tem nome. Quando as mulheres querem se pintar, vão ao mato para buscar pau-de-leito para prepararem as pinturas. Esta pintura as mulheres todos usam, podendo ser crianças, velhos, moças, mas somente as mulheres. Esta pintura também pode ser usada, quando não tem festa.

Existem pinturas dos homens que são parecidas com as pinturas das mulheres, mas não as mesmas. Para fazer esta pintura, precisa ir ao mato para buscar pau-de-leito, quando volta para casa, queima cabaça para passar em cima do pau-de-leito, para ficar bem preto. Quando fica todo preto, passa o urucu para ficar bem vermelho. Primeiro, busca pau-de-leito que é branco, junta com a cabaça que é preta e o urucu que é vermelho.



## *Pintura Corporal do Wacmêjê*



Desenho e texto: Ovidio Krahô

### **Wacmêjê Pihôc Xá**

Wacmêjê pihôc xà. Ita mã wacmêjê pihôc xà. Mê ipihôc xà ita mã mê inquêtjê quêt mê ihtyctyre japry kôt amê aj hôc. Quê ahkrajre nõ ihpým nê hũmre quêt Cahãj mãn japên. Quê ha ahkrajre nõ ma mẽ hapry quê há ramã ipihôc xàaita to apu aj hôc, nê kãm ihwej.

Esta é a pintura corporal dos partidos do verão Wacmêjê, que é muito conhecida entre os Krahô. A pintura pode ser repassada pelo tio, conforme, as crianças nascidas, do gênero masculino ou feminino. Então depois do batismo, as crianças passam a ser de cada partido até ficar velhos.

## *Pintura Corporal Catãmjê*

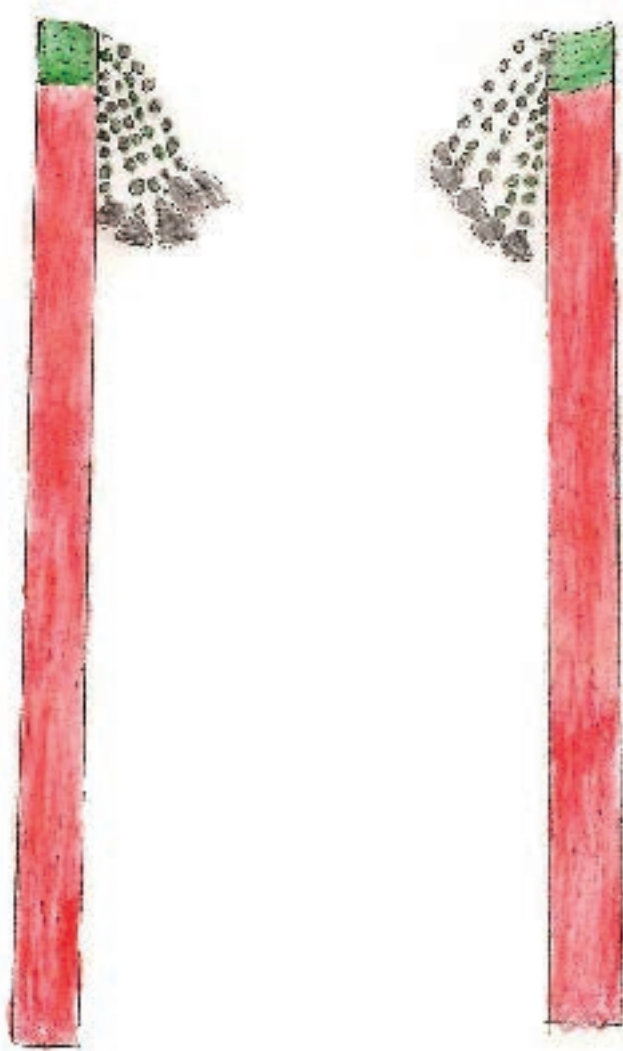


**Desenho e texto: Ovidio Krahô**

Esta pintura representa as crianças que, quando nascem, recebem o nome deste partido. Depois do batismo, do menino ou da menina, o tio ou tia, repassa o nome da criança para os pais.

Quando a criança cresce, chega à fase adulta, a pintura corporal representa o partido a que ela pertence até envelhecer.

## *A História da Flechinha*



**Desenho e texto: Carlito Rõrpàr Krahô**

Kôre é usado somente pelas pessoas que correm com as flechinhas. Através do resguardo, as pessoas são preparadas para correrem com as flechinhas.

Nem todos são corredores. Existem algumas pessoas que são preparados. Quando vai acontecer uma festa, a comunidade marca a corrida para a finalização.

A pessoa ouve a comunidade e se prepara bem, antes de acontecer a festa. Ela vai ter alimentação e água controladas, para aguentar correr. Quando a festa começa, a pessoa já está preparada para correr com as flechinhas.

## *Cabacinha*



**Desenho e texto: Ajtá Mehe**

Esta é a cabacinha que serve para fazer apito, para acompanhar as pessoas que vão fazer a festa nas aldeias. A pessoa, que apita, acompanha todos os participantes da festa. Quando ele começa a pitar, todos vão se alegrar demais na vida. Portanto a função do apitador é alegrar todos os povos da comunidade.



## *A Pescaria*



**Desenho e texto: João Lucas Cahhi Krahô**

Existe tempo bom e tempo ruim para pescar, bem como o lugar onde se pode pescar com minhoca.

O Povo krahô conhece e pratica a pescaria desde pequeno, quando os pais levam seus filhos para pescarem. Eles mostram o lugar onde existem peixes e os outros que não existem, como nos rios rasos e fundos.

Mostram também os lugares onde não há garranchos, pedras, paus e outros tipos de coisas que possam prejudicar a pescaria.

Às vezes no verão, tem dia que é melhor para pescar, pois se pega muitos peixes. Já no inverno, muitas vezes, não se consegue pegar nada.

Portanto, Os povos indígenas Krahô se alimentam de peixe e caça, mas, para se saber mais sobre isso, é importante conversar com os mais velhos.

## ***O Guerreiro Krahô***



**Desenho e texto: Cornélio Kóc Krahô**

Na tradição cultural do povo Krahô existe um homem forte, caçador e guerreiro, que mostra para os jovens Krahô pela primeira vez todas as coisas.

Ele reserva a mata, mas quando se passam dois anos, os guerreiros avisam para aqueles que querem participar. O caçador leva fogo, mas não pode queimar o lugar sozinho. Então os outros caçadores acompanham-nos, para matar os animais, que estão naquele mata.

Todos vão tocar fogo ao redor da mata, assim, os bichos tentam sair do lugar pela cabeceira, mas os caçadores conhecem a mata por onde os bichos passam com medo do fogo que vai destruindo tudo.

Os animais como cobra, jabuti, veado, anta, e tamanduá tentam escapar do fogo, mas os índios matam todos os animais com sua flecha. Quando termina a caçada, eles vão correr com a tora, do mata para aldeia.

## *Planta Medicinal*



**Desenho e texto: Guimo Parhy Krahô**

Esta planta é medicinal e cura picada de cobra venenosa. Os Pajés e outras pessoas também conhecem essas plantas. Eles conseguem pegar essa planta a qualquer hora do dia ou da noite. Eles pegam a planta, logo que a pessoa for mordida pela cobra, para não deixar o veneno fazer efeito e matar a pessoa.

Essa planta é muito importante para o povo Krahô, que vive nas aldeias, que caçam muito, pescam e andam colhendo frutas no mato.

O Povo Krahô conhece o nome de cada planta, que existe nas matas de seu Território.



## *Pé de Buriti*



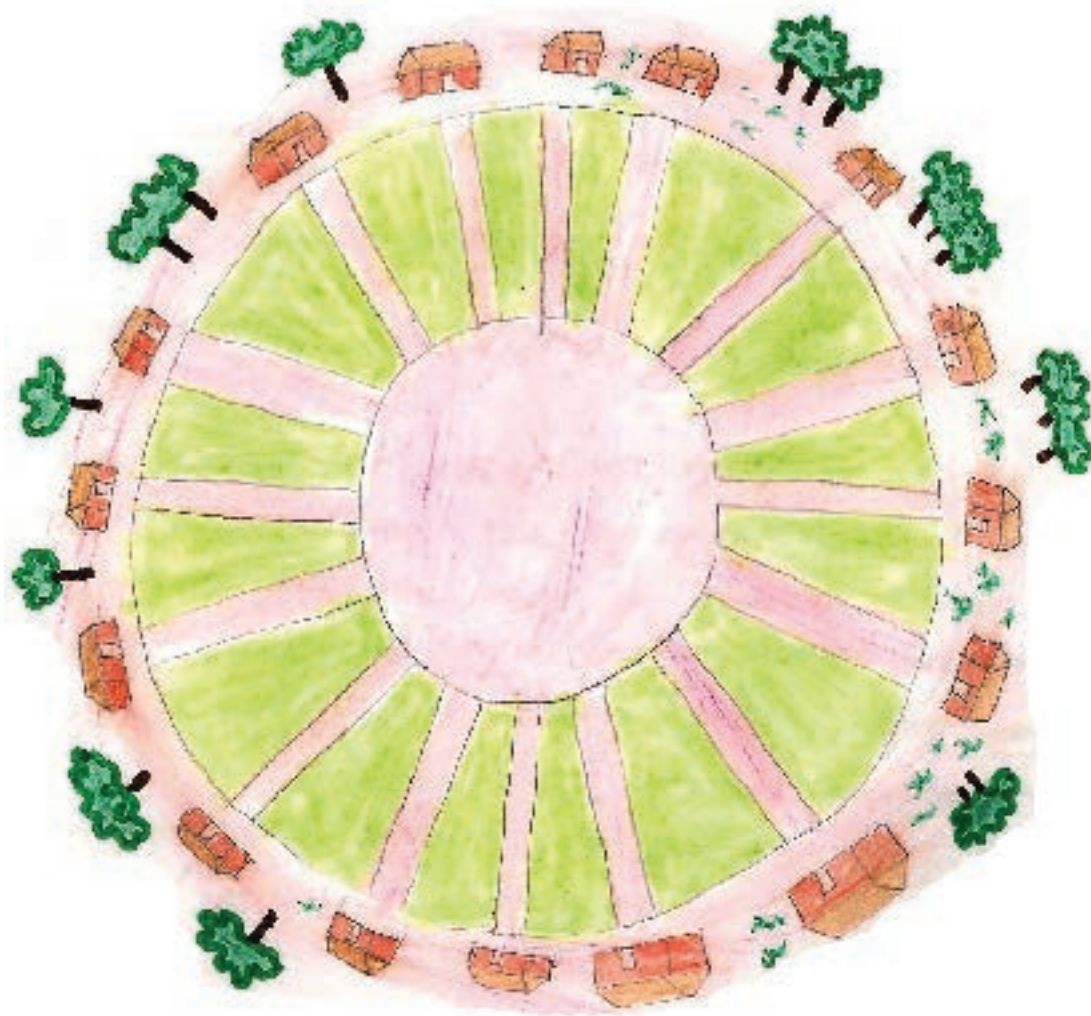
**Desenho e texto: Aguinaldo V. H. Krahô**

O Pé de Buriti é muito importante para nós indígenas. Da madeira retiramos o vinho para tomar, que é muito bom e doce como suco. Cortamos o pé de buriti para ser utilizado nas festas indígenas, fazer a tora, para correr na aldeia.

O miolo é usado para adubação dos canteiros e as frutas servem também para retirar o suco, que é muito saboroso. De cor amarelada, a palha é extraída para fazer cofô. O olho do pé de buriti é usado para fazer artesanato como esteira, mocó, dentre outros. As talas são usadas para fazer tapiti, abano. Já a fruta serve como alimento para os animais.



## *O Formato das Aldeias*



**Desenho e texto: Elton Hiku Krahô**

As aldeias do povo Krahô são em forma de círculo, arredondadas. São diferentes das aldeias de outros povos indígenas como as dos Yanomami e Macuxi.

Dentro dessa aldeia, os Krahô possuem vários tipos de realidade programática, reunião no pátio, brincadeira, danças, cantiga e corrida de tora na rua da aldeia.

Além disso, os Krahô trabalham na roça, caçam na mata e fazem a coleta de frutas do cerrado ou dentro da mata fechada.

Para essa programação, que o povo da aldeia prepara para se planejar no tempo ou no período, existem os representantes da aldeia, que são o cacique, vice cacique, lideranças e membros da comunidade.

## *Danças de Rua*



**Desenho e texto: Ely Kujj Tep Krahô**

Esta dança apresenta os dois partidos. Já as pinturas representam os dois partidos, Wacmêjê - Verão e Catâmjê - Inverno. Então, esta dança e uma animação, que os Krahô apresentam pela manhã.

Desta dança todos participam, tanto os homens como as mulheres, crianças e, principalmente, os cantores, Mêhkàre, para animarem mais a dança, circulando em volta da aldeia. Esta dança também ocorre depois de uma grande festa ou corrida de Tora.

## ***Pé de Cabaça***



**Desenho e texto: Anízio Capy Krahô**

O Pé de cabaça é plantado somente para usar como buzina na festa indígena Krahô. O Povo Krahô planta na época certa. A cabaça cresce e fica bem comprida e madura. O Povo tira a cabaça, bota de molho no córrego ou rio, depois retira da água, joga fora a água da cabaça, põe no sol, para secar. Quando a cabaça está pronta, os Krahô cortam uma taboca, preparam, para fazer a buzina.



## *O Cinto*

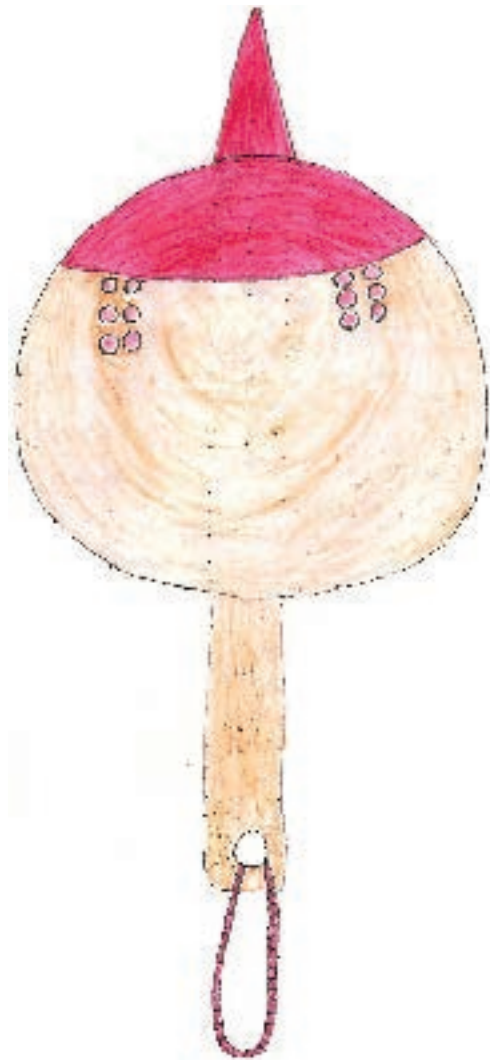


**Desenho e texto: Edivaldo Wakê Krahô**

O Cinto não é usado por todos, apenas pelo cantor e pelas pessoas que correm com a tora. Ele é feito de miçangas com cores diferentes, com grafismo escolhido pelas pessoas, que completam as pontas com bicos de cabaça. Para se fazer o Cinto, demora muitos dias. Ele é o adorno corporal dos índios Krahô. Nem todos sabem fazer o Cinto. Existem nas aldeias Krahô pessoas especializadas e preparadas para fazer o Cinto.



## *Maracá*



**Desenho e texto: Ovídio Krahô**

O Maracá é um instrumento usado na cultura indígena Krahô. Nem todos podem usar o Maracá, apenas os que sabem tocar esse instrumento. Portanto, as pessoas se preparam para usar o Maracá, que é o instrumento usado nas festas culturais do Povo Krahô.

O Maracá serve para finalização das festas indígenas Krahô. As Festas são as seguintes: do Verão, Inverno, Lontra e Peixes; além dessas, existem várias outras festas indígenas, que terminam com o Maracá.

Na cultura Krahô, desde pequenos as pessoas praticam as cantigas, para se tornarem cantores. Isso faz parte da cultura do Povo Krahô, para que isso seja repassado de geração em geração para não deixar nossa cultura e nossa língua enfraquecer. Portanto, a preservação da cultura de nosso povo é muito importante, para que a cultura Krahô seja preservada por muito tempo, para que as futuras gerações Krahô conheçam essa cultura tão rica e tão importante.

## *A colheita de Frutas do Cerrado*



**Desenho e texto: Tais Põcuhtô Krahô**

Na época das frutas, as mulheres se reúnem no pátio da Aldeia, pegam os cofos dos homens em casa. Depois elas deixam as frutas na pensão. No outro dia bem cedo, as mulheres se reúnem novamente no pátio, os homens levam o café e beiju para quem pegou o seu cofo.

Depois que as mulheres tomarem o café, vão, em grupo, pegar frutas Como: Cajuí, mangaba, maçaranduba e puçá. Aqueles homens que não tiverem nenhum cofinho, as mulheres fazem cofinhos e põem frutas para eles.

À tarde, as mulheres vão se juntar e ficam bem pertinho da aldeia. Depois, elas vão para o pátio, e cada uma delas leva consigo as frutas nos cofinhos. Quando elas chegam ao pátio, esperam os homens pegarem os cofinhos. Os homens levam comida em troca da fruta. Então é assim, que, em cada época de frutas, acontece a troca das frutas na cultura Krahô.

## *Machadinha*



**Desenho e texto: Simão Cajcàr Krahô**

A Machadinha é usada pelo guerreiro e cantador como ferramenta de ritual. Ela representa nossa História, Mito, crença, celebração e paz. Ela envolve um conhecimento científico das técnicas de transformação dos objetos, tais como: artesanato, Maracá, borduna, cocar, arco e flecha. Além, disso, ela envolve conhecimento dos locais de ocorrência do domínio territorial Krahô.



## *Ritual Fúnebre de Pessoas Adultas*



**Desenho e texto: Ivonete G. R. Gomes Krahô-Kanela**

Quando morre um alto, o corpo dele é colocado no pátio da aldeia. Os familiares fazem um círculo ao redor do morto e choram. O defunto é colocado no meio do pátio, numa esteira e coberto com uma palha verde de coqueiro ou de bananeira. Porém, quando um parente, que estava ausente, chega, ele não é obrigado a chorar, mas se os parentes chorarem, ai sim, ele também é obrigado chorar.

Ao ser sepultado, após sete dias, é realizada a Corrida de Flecha e de Tora, para acabar todo o sentimento de tristeza. Ao finalizar a corrida, acaba toda tristeza. Na aldeia voltam as atividades normais, como se não tivesse morrido ninguém, mas sim, com se ele estivesse presente novamente na comunidade.



## *Alimentação dos Krahô*

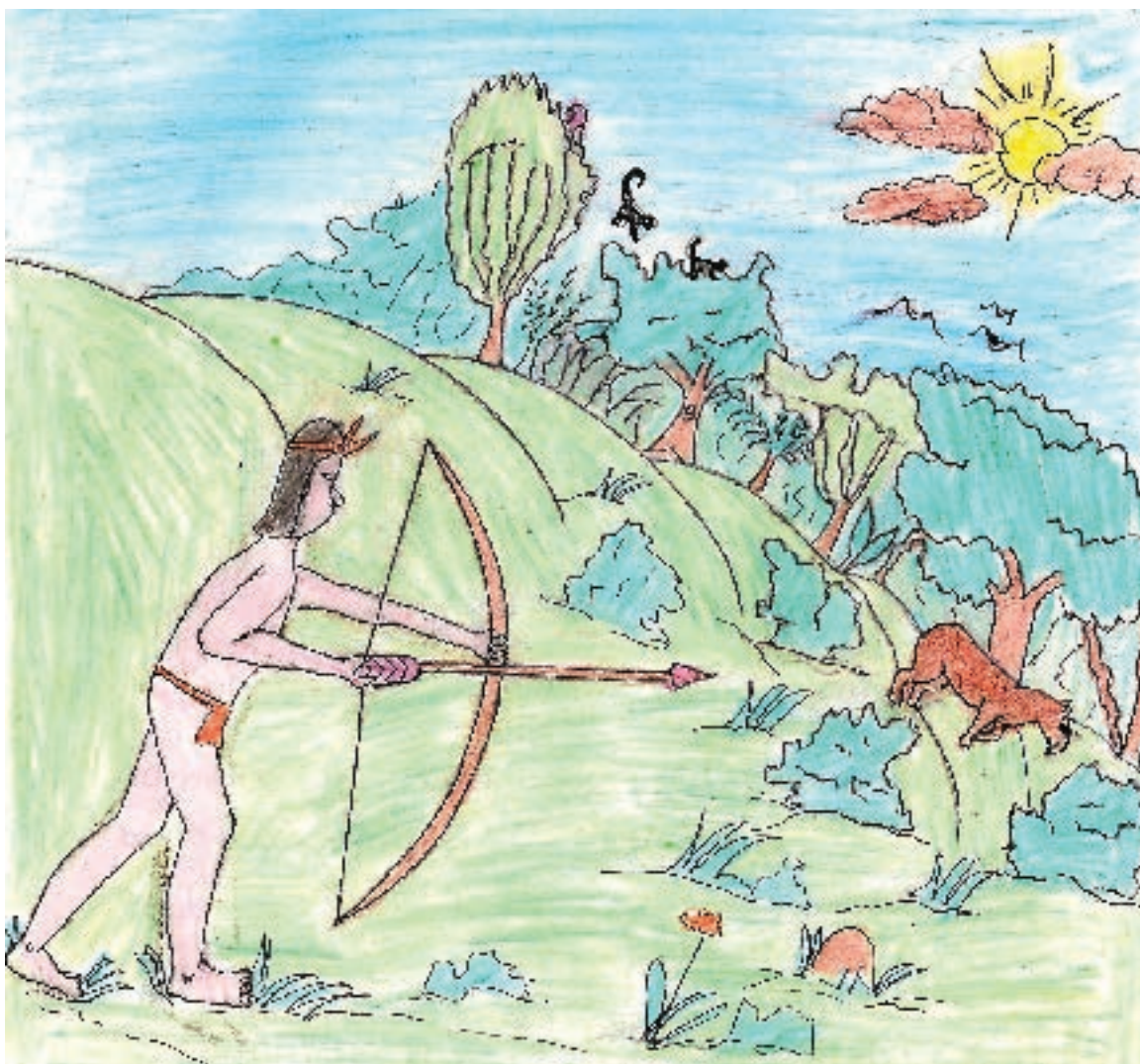


**Desenho e texto: Guilherma Krahô**

O Povo Krahô costuma plantar, nas suas roças, abóbora, inhame, milho, feijão andu, milho de pipoca, batata, fava, banana e macaxeira. Na época de fazer a roça, os homens vão escolher o mato que serve para eles fazerem suas roças. Eles marcam o dia e depois vão começar a broca, quando terminam de brocar, eles vão derrubar as árvores. Depois, eles vão fazer as coivaras, quando eles terminam de fazer as coivaras, vão cortar todos os tocos das árvores que sobraram do fogo.

Quando o roçado está pronto, as mulheres vão ajudar os homens a plantarem fava branca, batata, andu, abóbora, inhame, e os homens podem plantar macaxeira, milho, fio de bananeira e milho de pipoca.

## *A Caçada*



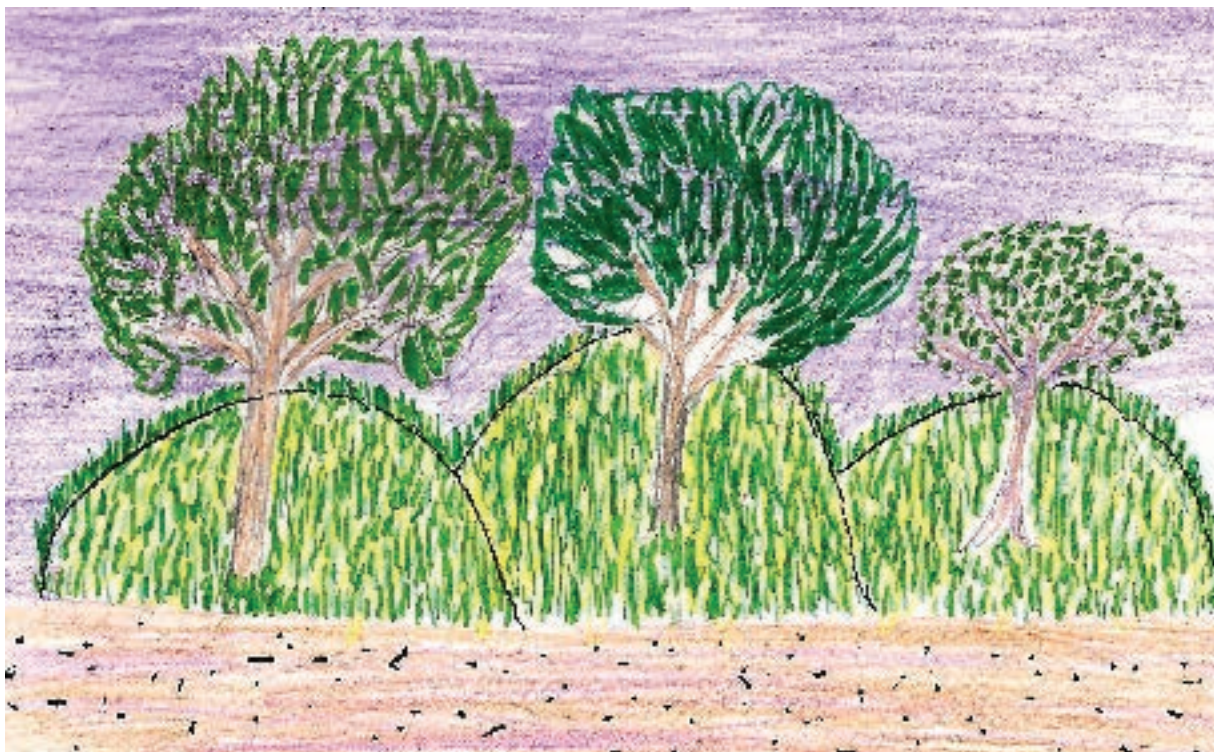
**Desenho e texto: Rogério Côtet Krahô**

A Caçada do Povo Krahô sempre ocorre, quando acontecem algumas festas tradicionais como: Festa de Paparuto ou, caso, alguma pessoa deseje caçar sozinho. A Caçada acontece, também, de forma coletiva, quando ocorre o início de alguma festa da cultura Krahô.

Mas antes de fazer uma caçada, os homens se reúnem no pátio para fazer uma caçada tradicional na cultura Krahô, de certa forma, a caçada Krahô acontece no período do verão.



## *Plantas Medicinais*



**Desenho e texto: José Dilson Krahô**

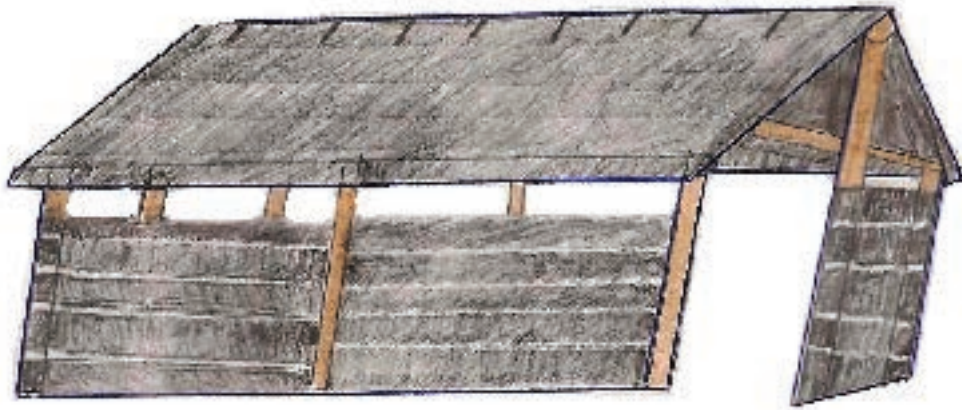
As Plantas medicinais são encontradas no meio do cerrado. Lá existem todos os tipos de plantas, como caraíba, imbaíba, candeia, caati, acare, folha-de-carne, dentre outras, mas somente algumas delas são medicinais.

Das plantas medicinais são usadas as folhas, cascas e raízes. A maioria das plantas medicinais do Povo Krahô foi descoberta pelos pajés, embora outras tenham sido descobertas pela comunidade.

Dentre essas plantas, que existem na reserva indígena Krahô, temos casca de Caraíba, que serve para febre e gripe. Quando alguém se encontra com dor muito forte e com febre, vai à mata tirar a casca, põe no fogo pra ferver, depois, bota num copo, espera esfriar para poder para criança beber. Se a pessoa for rapaz ou adulto, mistura com fumo e passa no corpo dele, para acabar com a febre.

A Água de imbaíba é usada para diarreia das crianças. Já a casca de candeia serve para feridas de crianças. Nesse caso, raspa a casca, esfrega bem até sair uma espuma, depois passa na ferida, que sara na hora.

## *A Casa Krahô*



**Desenho e texto: Dioclides T. Krahô**

Para fazer a casa na cultura Krahô, primeiro, o índio vai ao mato, tirar olhos de buriti, para amarrar as tabocas. Para isso, já tem escolhido o local, onde vai construir a nova casa. Corta as madeiras de sucupira ou cachamorra, para as forquilhas, depois corta as palhas de piaçaba, bate bem as palhas. Em seguida corta as travessas, os caibros e as tabocas.

Quando tudo estiver pronto, carrega todos os materiais da casa, para começar a construção. As casas são cobertas com palhas de piaçaba e as paredes feitas com palhas de bacaba. Então todos os Krahô constroem as casas assim.



## *Colar*

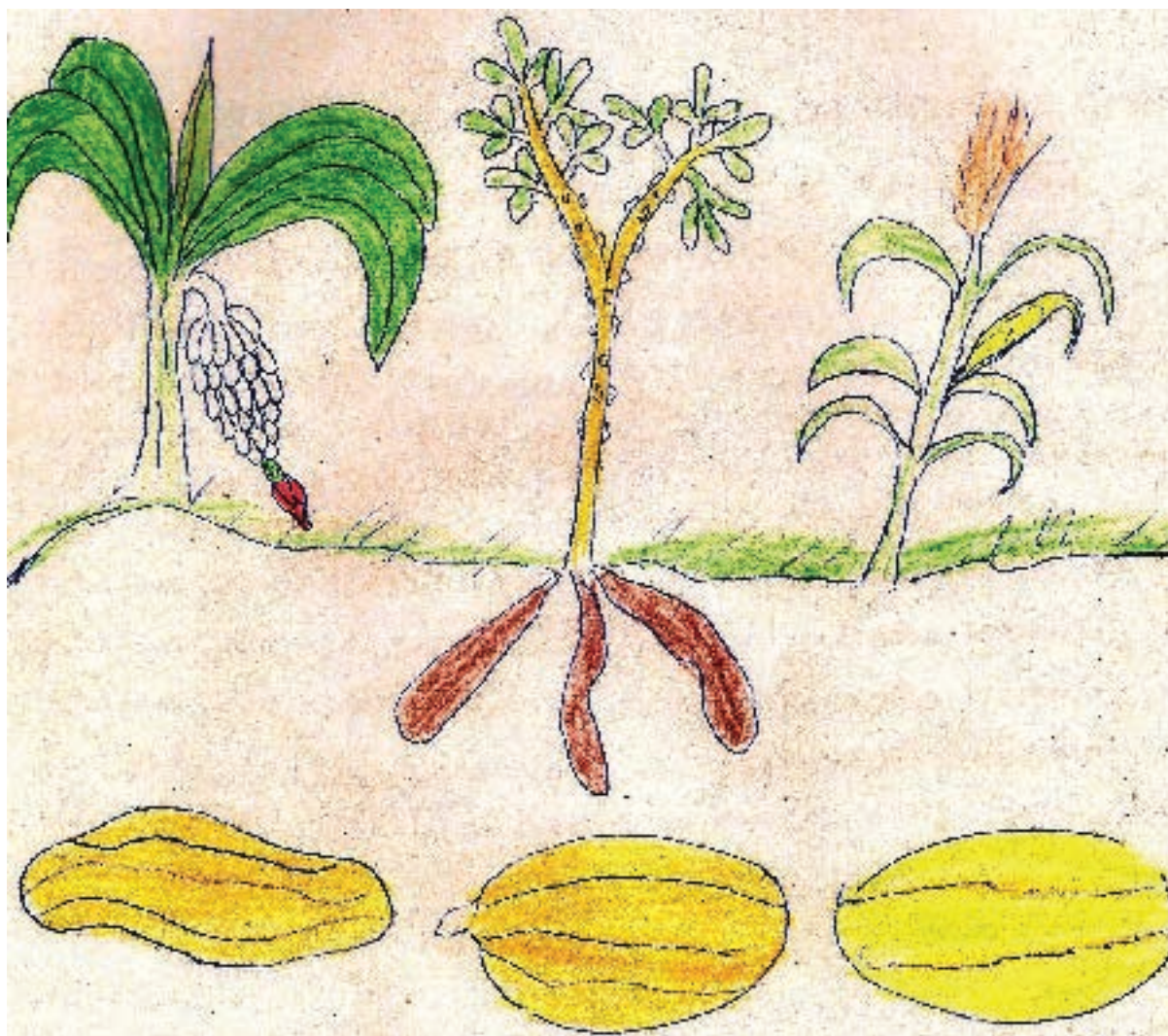


**Desenho e texto: Marciana Krahô**

Na cultura Krahô, somente as mulheres usam este colar durante as festas. Já os homens não podem usar, visto que ele é próprio das mulheres. Ele também é feito pelas mulheres. Este colar é muito importante para os Krahô, porque ele é muito usado na festa. Quando vai acontecer uma festa, as mulheres preparam os materiais para confeccionar os colares.

Na cultura Krahô, este colar é feito para as moças. Como o colar é muito grande, demora muito para terminar, por isso tem que começar bem antes da festa começar.

## *Roça de Toco*



**Desenho e texto: Roberto Kaxê Krahô**

O Povo Krahô dede pequeno aprende com os pais como preparar a roça de toco, pois tem tempo certo para a preparação. Não é em qualquer época do ano que se faz roça de toco. Para isso, os mais velhos levam as crianças para roça, ensinam elas a compreenderem e preparem cada atividade, dentro de seu conhecimento e acompanhar, desde o início do processo.

Para desenvolver o conhecimento de como preparar a roça de toco, elas são levadas para dentro da roça, para aprendam como fazer o plantio e a colheita. As crianças são ensinadas também, depois do plantio, que cada planta tem sua dieta, para que as plantas não peguem doenças e nem as pragas possam comer.



## *Estrada para o Pátio*

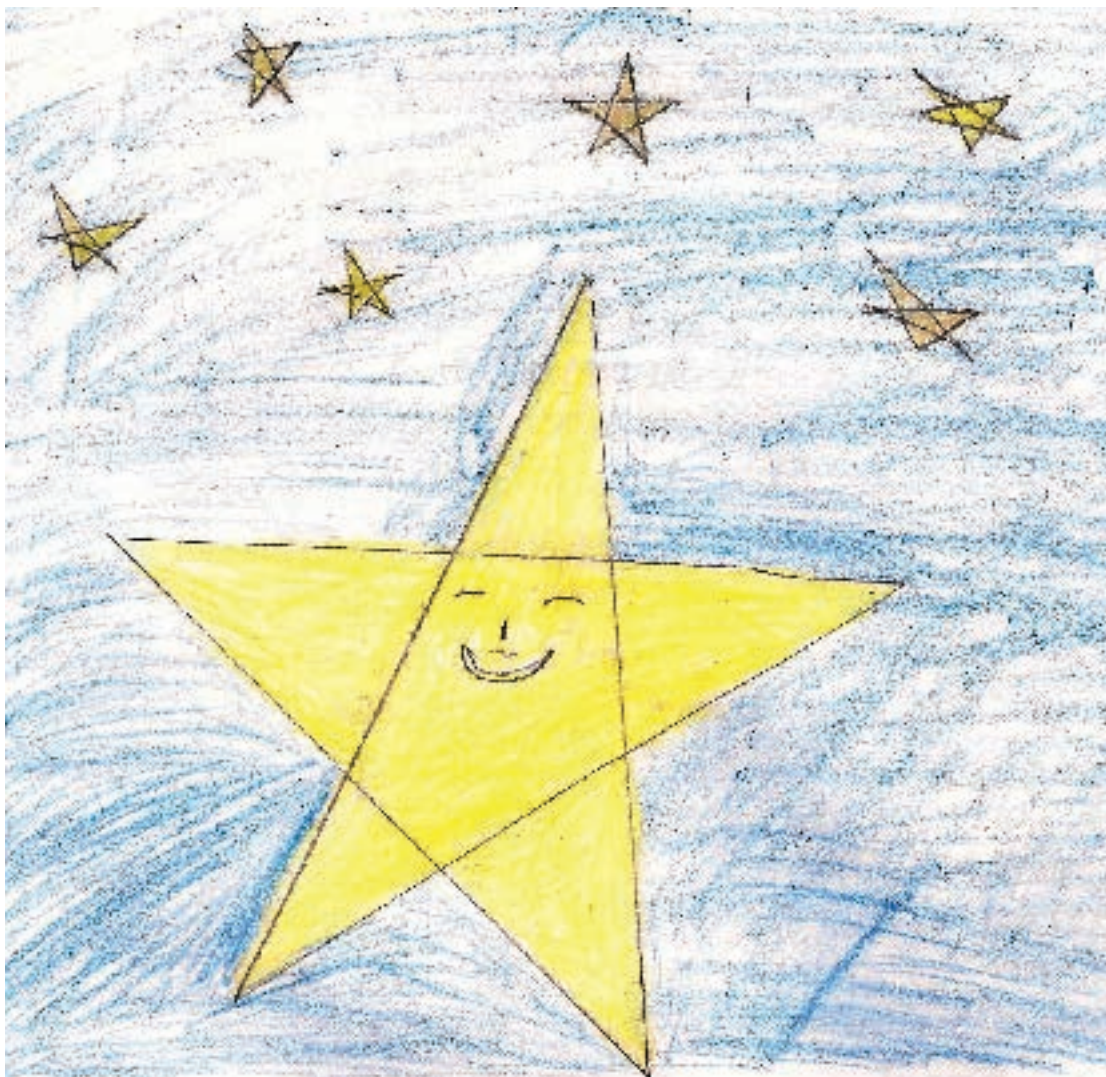


**Desenho e texto: Rubens Txuwô Krahô**

Sempre que acontece festa na aldeia, as pessoas de outras aldeias Krahô também vêm para participar e são recebidas no pátio. O cacique discute com a comunidade tudo o que vai acontecer durante a festa. Durante o dia, as pessoas pintam o corpo com jenipapo, pau-de-leite e urucu. Já os cortadores da tora saem de manhã bem cedo para o mato, para prepararem a tora. Ao meio dia, todos param para comer. À tarde todos se enfeitam, amarrando embira no pescoço e na cabeça.

Depois todos saem para correr. À noite o cantador toca maracá. Uns dançam com os amigos, outros brincam junto com o cantador e todos brincam até não querer mais. O cantador também canta junto com as mulheres, depois param para fumar e contar histórias. No outro dia, pela manhã, todos tomam café com os parentes. Quando a festa termina, todos se juntam novamente para discutir a volta dos parentes para suas aldeias.

## *A História da Estrela*



**Desenho e texto: Ariel P. Krahô**

Antigamente o povo Krahô não tinha este tipo de alimentação como mandioca, arroz, feijão, fava e inhame.

Mas a Estrela resolveu trazer esses alimentos para o povo Krahô. Ela trouxe lá do céu todos esses tipos de alimentos que hoje os Krahô possuem para se alimentarem.

Como antigamente os índios não tinham esse tipo de alimento, os primeiros índios comiam somente pau-pubo. Mas como a Estrela trouxe essas sementes para os Krahô plantarem, eles não podem se esquecer de plantar todas essas sementes.

Os Krahô atualmente continuam plantando essas sementes, que a Estrela trouxe da natureza. Assim, o povo Krahô deixou de comer pau-pubo. Então os Krahô se alimentam de mandioca, arroz, feijão, fava e de outros alimentos.



## *Carĩre mẽ Xore Jarẽn Xà*



**Desenho e texto: Ataulio wsathur Toro Krahô**

Ïhỹ pê Carõre hoh ket ahcaj He nõ ita kãm, nẽ ma ihtyj hapôj to mo, mãpẽ xore tahnã cato. Nẽ ajco hõt kêt nã hỹrmã pra nẽ pompêc e cormã apu into kryjre itajê pê ajco pjê kãm to hikwa itajê pê intore ku. Pean cute into kryjre itajê pin par. Pea ita caxu ma ra ihtor pej piti, nẽ ma apu ihcunẽ jo pir par nẽ apu hikwa. Mã hũmti ita apu Cuma ihcakoc quẽ xore ma ihhej caxu.

Mẽ panhõ cumã pahhej, Pea quẽ apẽ ca corman rihnã mẽ anõ awrÿc nõh kam mã. Pea mã apẽ mã ihtÿj apu hikwa. Pea mã ramã amcro-re mã ra ajpên tẽ, mã ajpên mã harã mã cute impar, nẽ cuma : ampo ca amẽ amjĩ mã harẽ. Mã carĩti Cumã : Wa amẽ amjĩ mã ampo jarẽn nare. Mẽhĩ ma ajpen hõ Rop to mõ mã Ra tapi mam pra.

Pea mã xore carĩti mã peã quẽ, Hamerẽ wa ha ma ra tẽ. Pea ma cariĩti Cumã, hamu pjê mẽ, peã ma cute pjê mẽn nẽ matẽ, nẽ inpictor, mã tahnã ahtũm mã apu irôrõc nẽ mã apu hopan ne apu ihtor, pean mã irom jikjêa kãm apu ihpÿpÿm pean apu hopàn to ipa mã pyt ma apu hopir ne apu ikwa. Mã apẽ mã tẽ amjĩ kõt hapê, mã nẽ ihtẽm nare.

## ***História da Galinha e da Raposa***

Certa vez, as Galinhas estavam andando muito nas matas, mas a Raposa as encontrou e falou: vim comer todas vocês. Muitas voaram, mas aquelas que estavam com os pintinhos ficaram, para cuidar de seus filhinhos, porém a Raposa não perdoou, comeu todas as mães com seus filhotes. Ela comeu todas as mães e os pintinhos. Quando a raposa acabou de comer todas as galinhas com seus filhotes, ele viu os frangos, mas esses foram espertos subiram nas árvores e se deitaram, pois sabiam que a Raposa não sobe nas árvores. Então o Galo começou a discutir com a raposa, com o objetivo de enganá-la. Então outro Galo perguntou: Como vamos enganar a Raposa? O Galo respondeu: vamos falar que um homem está vindo caçar com um cachorro.

O Galo falou, amiga Raposa, você tome cuidado, pois está vindo ai um homem com seu cachorro, ele vai lhe pegar e matar você, pois você sabe que cachorro não gosta de Raposa. Com medo, a Raposa foi embora.

Quando o dia amanheceu, todas ainda estavam nas árvores, mas eles viram que a Raposa tinha ido embora. A Galinha começou de falar sobre a Raposa, escutou e perguntou: Por que vocês estão cantando? Então eu já vou embora. A Galinha respondeu está bem corra. Ela correu foi embora e sumiu. Em seguida, todas as galinhas desceram e foram comer, no outro lado da mata, onde a Raposa não estava.

## ***O Esporte Krahô***



**Desenho e texto: Roberto Krahô**

O Povo Krahô prática vários tipos de esportes, voltados para a sua realidade cultural. Durante a festa dois partidos, eles disputam várias modalidades de corrida.

Corrida de pesos, corrida de flecha, corrida de pesos leves, e corrida de velocidade. Dois grupos são divididos em Catâmjê e Wacmjê, que costumam realizar a Festa de Batata todos os anos. Para competir, os dois partidos disputam para ver quem serão vencedores para próximo competir no próximo ano.

Eles costumam convidar aldeias, que ficam mais perto das suas aldeias, para aumentar o número do povo de seus partidos. Os mais velhos colhem os melhores dos atletas para competirem com seu adversário. Então este é o costume e a tradição do Povo Krahô, que sempre pratica o esporte cotidiano na aldeia.

## *O Jogo de Flecha*



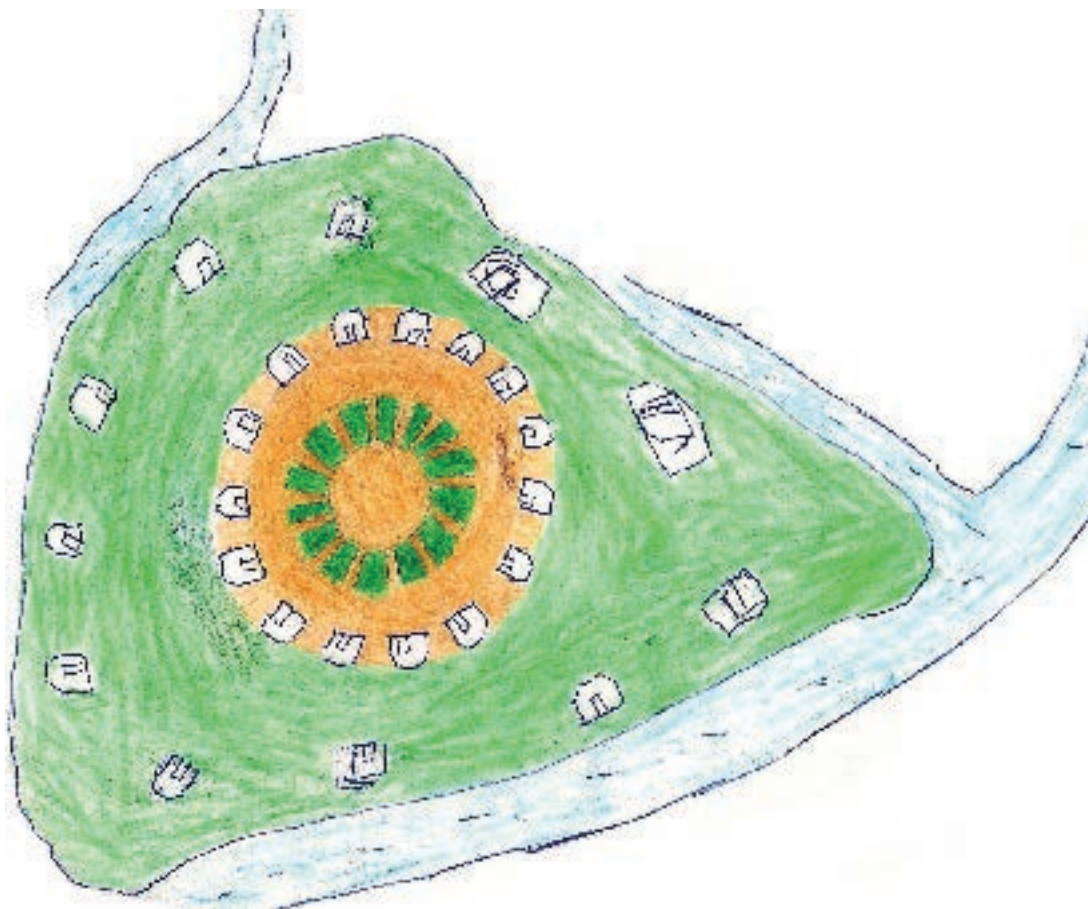
**Desenho e texto: Gregório Huhtê Krahô**

Na aldeia Cachoeira, o Povo Krahô pratica os jogos de flechas ainda vivo, e para sempre e sempre, mostrando para as crianças continuarem fixas realizando os jogos da cultura Krahô.

Assim, quando a comunidade precisa realizar o movimento de flechas, divide os dois partidos: Inverno (Catâmjê) e Verão (Wàcmêjê). Entre si, os profissionais vão disputar de dois em dois. Duas pessoas ficam em frente da casa, duas pessoas ficam ao lado do pátio. Todos eles vão estar com arcos e flechas nas mãos. Eles vão jogando no caminho que interliga o pátio e a casa. Aquele que for o melhor vai passando para o outro que está ao lado. O jogo começa às oito horas (8h) e vai até quando uns ganham dos outros, numa distância de 300 metros. Mas o jogo pode ficar empatado, conforme os profissionais. Chegando ao meio dia, o dono da pensão (Wÿhtÿ) vai fazer a grande comida, vai até o pátio, entregar para comunidade almoçar e depois voltar a jogar.



## *Descrição de Reserva Indígena Kraolândia*



**Desenho e texto: Iramar Irroia Wem Krahô**

A Reserva Indígena Kraolândia compreende os municípios de Goiatins e Itacajá, a nordeste do Estado do Tocantins, entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno. Os Krahô possuem uma população aproximada de 2.465 pessoas, distribuídos em 24 aldeias, numa área de 3.200 Km. Somos povo que moramos na reserva sem problemas de invasão, mas temos uma grande preocupação com os fazendeiros da região, que estão fazendo suas roças perto da reserva e temos medo de que queimem nossas terras, além dos caçadores que vivem caçando nas nossas terras, às vezes fazem fogo nas matas, o que representa um grande perigo.

A nossa reserva é constituída de chapada, poucas matas para fazer a roça, colher frutas do cerrado somente para consumo. Por isso temos cuidado com nossa reserva, pois temos medo de que ela seja queimada e invadida pelos fazendeiros e caçadores. O Povo Krahô ainda não perdeu a língua, os costumes, os alimentos, os rituais e suas tradições culturais. As nossas aldeias são redondas, em forma de círculo e maramos juntos, conforme o raio do sol.

Na nossa sociedade, o cacique, que for escolhido pela comunidade, toma todas as decisões. Depois de eleito, ele escolhe quanto pessoas dos partidos do Verão - Wacmêjê e do Inverno - Catâmjê, dependendo o tempo. O Pátio central é o local, onde os Krahô tomam todas as decisões.

## *A Importância de Pé de Buriti para os Krahô*



**Desenho e texto: Edivaldo Paraty Krahô**

O Pé de Buriti é muito importante para o povo Krahô. Dele os Krahô retiram toda riqueza como: folha, fruta, caule, talo, enfim, tudo. Fazemos nossos artesanatos com as seguintes partes: com a folha, fazemos cofo, esteira, chapéu, que é usado nas festas, mocó. Para fazer a construção e nossas casas, usamos a palha para amarrar as madeiras. Com a fruta fizemos sembereba, azeite, usamos o caroço para fazer remédio para quem está com problemas de vista.

Com talo fazemos tapiti, baralhas, abano, enfeites da borduna, peneira para peneirar a massa de mandioca. O Pé de Buriti não gosta de chapada; ele prefere ficar somente no brejo para retirar o seu alimento e sais minerais, que é a sua alimentação principal.

## *Mateiro e o Catingueiro*



**Desenho e texto: Gilvan Hitôpo Krahô**

Certa vez à tarde, o Mateiro e o Catingueiro se encontraram na divisa da mata com a chapada e começaram uma prosa: o mateiro perguntou para o catingueiro: Será que na chapada é mais seguro?

- Catingueiro respondeu: Sim, é mais seguro, e o inimigo não pega os animais facilmente.

- Catingueiro perguntou ao Mateiro novamente: E você o que acha? Será que na mata é seguro?

- Ele respondeu: Sim é legal, o inimigo não o pega. A mata é fechada e segura. Mas o Catingueiro queria saber mais e perguntou: será que você corre bem na mata?

- O Mateiro respondeu: sim, pois nenhum pé de árvore me atrapalha. E você?

- O Catingueiro perguntou: e na chapada como é? Conta um pouco.

- O Catingueiro respondeu: é muito limpo e a gente vê até uma onça vindo a seu rumo.

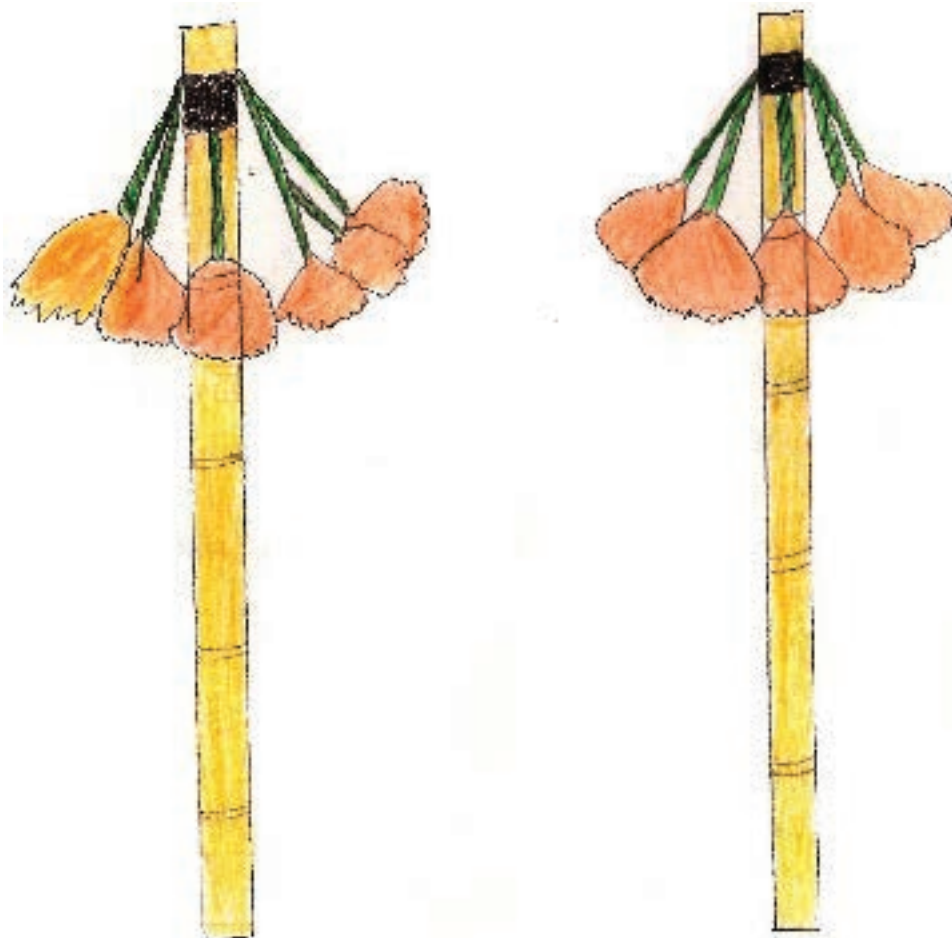
- Então, o mateiro soltou uma risada e disse: é mesmo? Você gosta muito de sua chapada?

- O Catingueiro respondeu: - Sim eu amo tanto.

- Então os dois começaram uma confraternização e respeito.



## *Kore*



**Desenho e texto: Ariel Pêphà Krahô**

Kôre ita mã mẽ to hohcukren xà caxuw mã. Quê ha jũm prar tỳj nã quê há krẽ cape mẽ to

Cumã pra. Pea quê ha kãm mễhkwỳ amễ hõmpu. Pea quê ha jũm prar tỳj ato to krẽ cape na to  
imprar tohhi nễ tễ hãm

## **A Flechinha**

A Flechinha é usada para corrida, que acontece ao redor da aldeia. A pessoa que corre muito vai correr ao redor da aldeia. Os outros companheiros ficam só observando do pátio. Então, quando o corredor cansa ou não quer mais correr, encerra a corrida da Flechinha.



## *Uma Caçada na Aldeia*

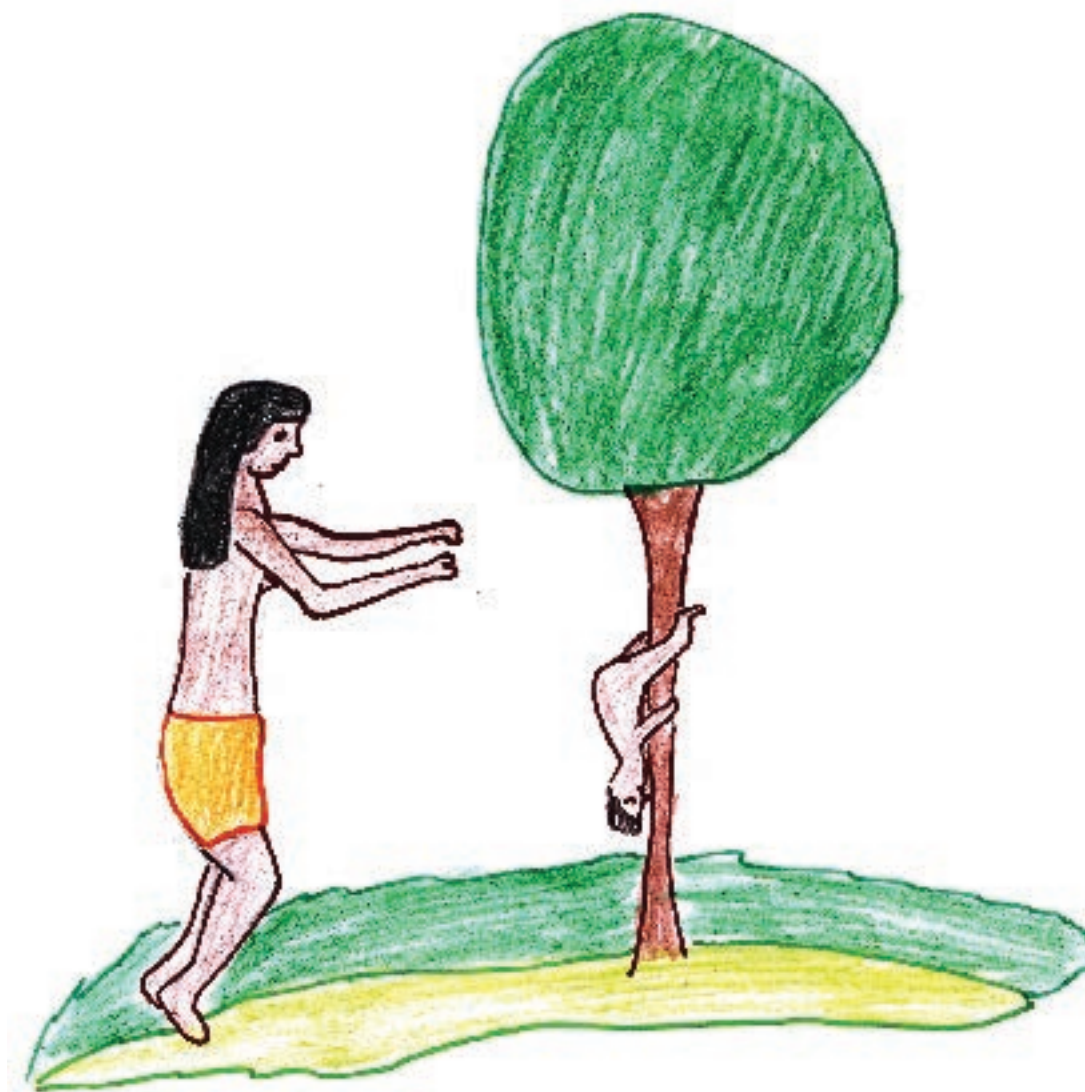


**Desenho e texto: Otamir Kaxêth Krahô**

Quando anoitece todos os índios Krahô se juntam no pátio para conversar sobre a caçada. Escolhem o local e levam os cachorros para espantar os bichos. Quando o dia amanhece, todos Krahô levam arcos e flechas para caçada. Lá na frente todos vão se juntar. Cada um deles vai ficar esperando os bichos passarem. As pessoas que estão com os cachorros, entram nas matas, gritam, gritam muito até espantarem os bichos, sejam eles, caititu, veados, ou antas.

Os bichos correm para fugir dos caçadores, mas todos os índios estão cercando os bichos. E se os bichos passarem perto de onde estão os índios, serão flechados e mortos. Quando isso acontece, todos gritam, gritam muito para todos se juntarem e dividir as caças para carregar até onde está a tora. Quando chegam ao local, todos vão moquear as carnes. Quando as carnes estão bem assadas, todos vão comer. Depois vão começar a correr com tora até chegar à aldeia do partido que ganhou a corrida, seja ele, Wacmêjê ou Catâmjê. Então, à noite na aldeia todos vão cantar no meio do pátio.

## *O Homem Morcego*



**Desenho e texto: Roberto Kaxê Krahô**

No início da história foi assim: havia muitos morcegos, homens, mulheres, crianças e todos se reuniam para matar os mehĩ. Só os homens morcegos que iam, mas as mulheres morcegos ficavam com as crianças morcegos. Todos os homens morcegos foram, ficavam bem perto da aldeia e ficavam até meia noite, começaram a matar os mehĩ. Mataram quase todos da aldeia. Mas quem estava na roça não morreu. Eles mataram o pai de duas crianças e levaram as crianças, para sua aldeia, onde foram criadas por eles.

Enquanto as crianças cresciam observavam todas as coisas lá, porque era tudo diferente. Eles dormiam de manhã e acordava seis horas da tarde. Eles também não dormiam no chão, dormiam nas travessas das casas, lá em cima. Todo mundo dormia do mesmo jeito. As crianças menores dormiam do mesmo jeito com as mães se abraçava bem forte e dormiam com a cabeça para baixo. Eles resolveram

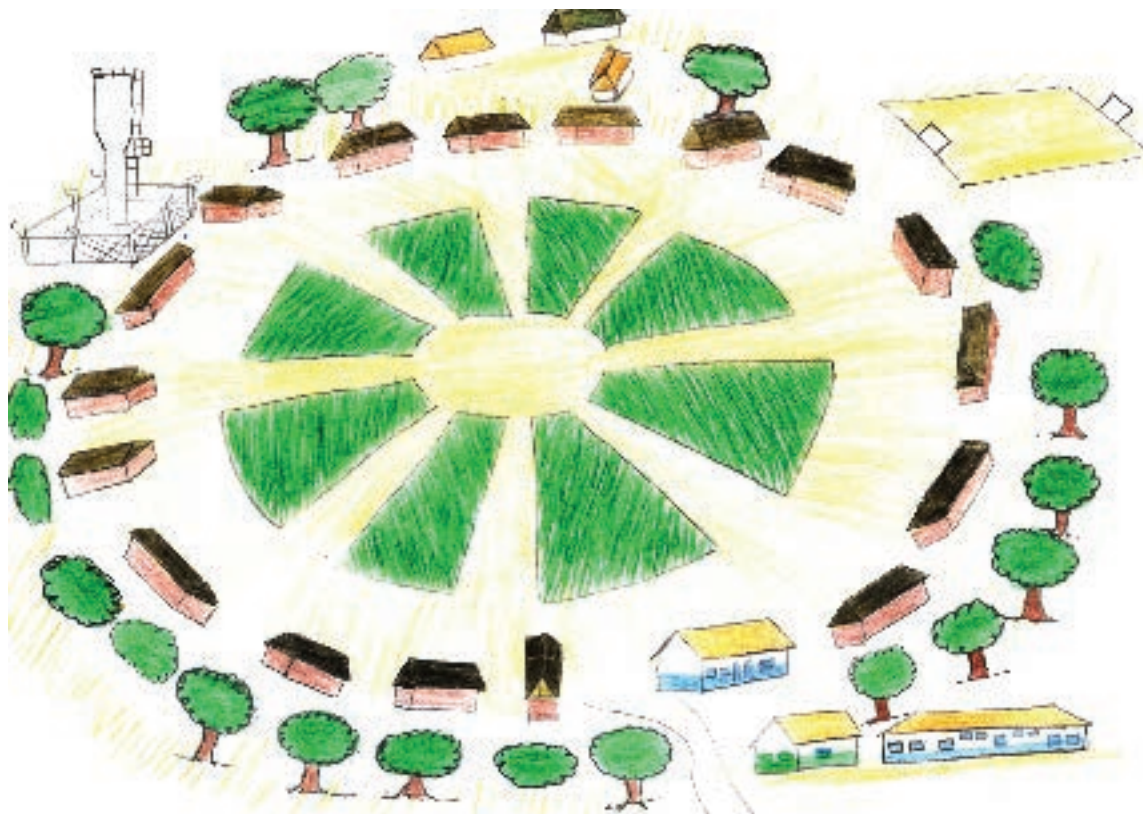
matar o mutum João grande e macho que o cacique da aldeia estava criando. Levaram para o mato, mataram, comeram lá e voltaram para aldeia.

Passados três dias, o dono começou procurar e perguntou: quem foi que matou o mutum? Mas ele não queria pagar, foi para casa dele, avisou para eles, para que eles fossem embora agora. No outro dia, eles saíram bem cedo e foram embora. Chegaram à aldeia e começaram a gritar pelos outros. Chegaram todos, cortaram uma vara, metiam lá dentro, batiam com força e cheiravam. Mas eles estavam na curva da toca e eles batiam bem perto deles.

Então ficaram com muito medo. Um deles falou para o outro: Eles não estão aqui. Talvez eles entraram, saíram e devem estar em algum lugar. Vamos procurar e todos foram embora. Na aldeia, contaram para todos os mehĩ e todo mundo se reuniu para acabar com os morcegos. Então todo mundo foi para roça e trouxeram sua comida. E quando chegaram no dia marcado, todos estavam pronto para irem. Todo mundo foi para a aldeia dos homens morcegos, chegaram lá ao meio dia, começaram a matar e mataram todos.

Uma das mulheres pegou uma filha dos morcegos e levou no braço, mas ele estava chorando muito e todo mundo estava reclamando. Joga este morcego ou mata, mas ela estava com muita pena dela, mas mesmo assim ela jogou bem devagar no pau. E quando ele bateu no pau, logo ele agarrou o pau e dormiu com a cabeça para baixo. A mulher ficou olhando, tirou ela, botou na esteira com a cabeça para baixo e dormiu até que ela chegou à aldeia. E quando acriança morcego cresceu, ela casou com o mehĩ e teve filhos, mas ele não dormia com eles, ele vivia caçando a noite ou trabalhando. Todo dia ela fazia a mesma coisa, dormia de dia e acordava à noite.

## *Aldeia Manoel Alves Pequeno*



Desenho e texto: Roberto Kaxêt Krahô

### **Krĩ**

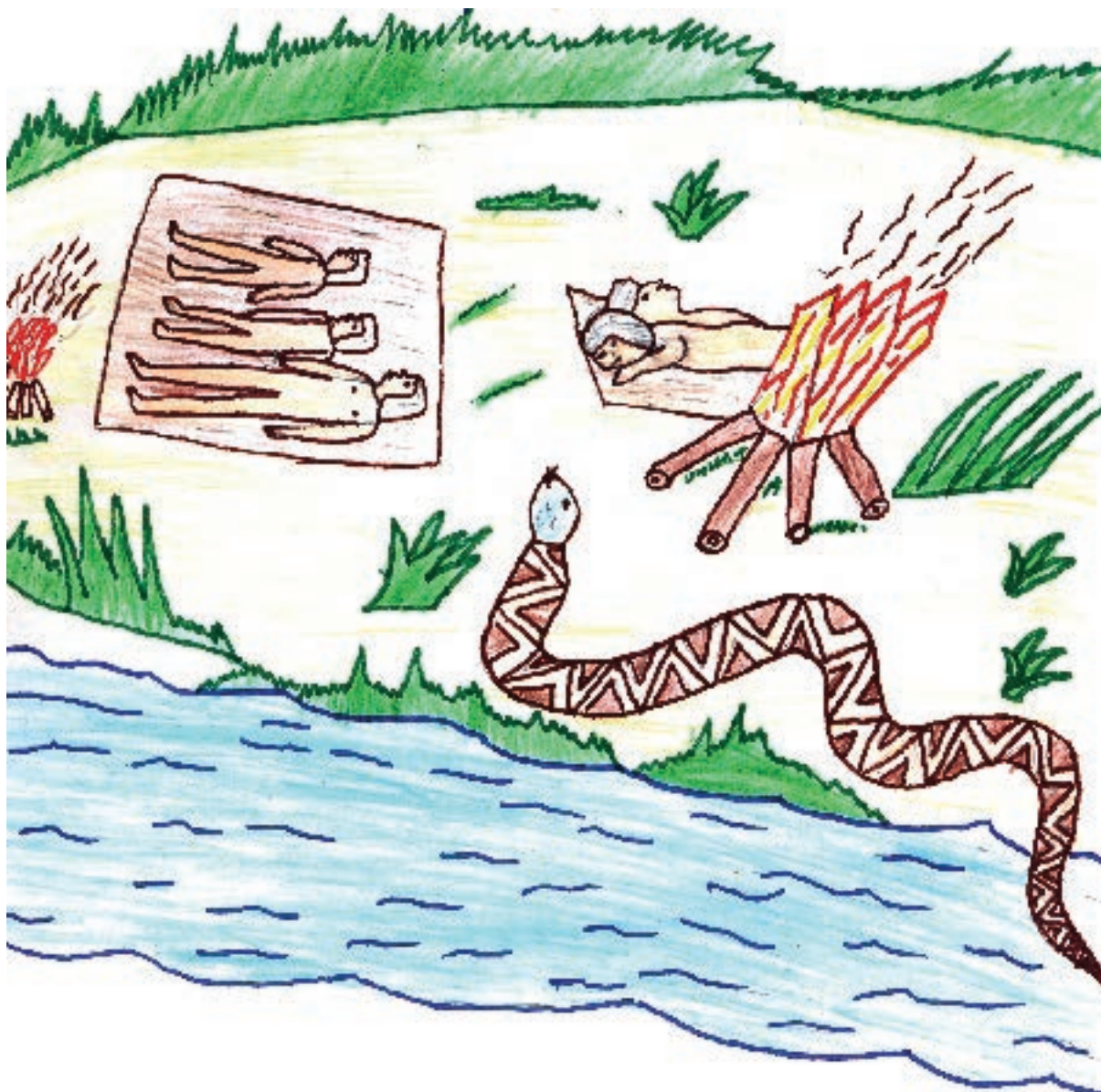
Krĩ ita mã mẽ ijõ pje kãm xà, cidade Capehnã hapry pê Itacajá, mã mẽ ipê município de Goiatins Catyê. Nê krĩ ita kãm cute mẽ 229 mã amẽ ipa ne krê te 34. Mã krê ita jacoti ne hipoc ri cà nê krĩ capeh jaka na ikre apu ihcuhê ne wÿr pry hikwa nẽ mã hapôj. Nẽ mẽ imã, escola, posto saúde, caixa d'água, nẽ Pahpãn jarkwa jarên catê mẽ ne hanê a krĩ ita kãm ahkrajre crinare. Nẽ mẽ imã pahhi py to impey nẽ ampo cuneã pej to impej krê ita kãm. Mã hamêa mẽ ijõ wy mã pê krĩ ita to ihkrãri cato mã rama mẽ hokêt tu ne hapry pê xicum. Pa wa hanêa krĩ ita kãm ihjakrÿ crinare.

A Aldeia Manoel Alves Pequeno está localizada na reserva Krahô, próxima à cidade de Itacajá, mas no município de Goiatins. A comunidade possui 229 pessoas, distribuídas em 34 casas.

O Krĩ possui formato circular, com estradas para o Pátio. Possui uma escola, posto de saúde, caixa d'água, campo de futebol e uma casa do missionário. Existe um rio perto desta aldeia. Nessa aldeia existem muitas crianças, um cacique. Esta aldeia está na frente de todas as outras aldeias. Foi fundada por Secundo Xicum Krahô. Eu estou muito feliz com essa aldeia.



## *História da Cobra*



Desenho e texto: Ovídio Krahô

### **Cagãti Jarên**

ÿhÿ, wa hà mẽ ama awjarê, cagãti te mẽ ijpin partw, cute mẽhcunêa krêr, mã nêê jũm cator nare. Hapy mẽihkrã nã jũm cator prãnte mẽ pra, mã mẽ cuku, nê cute mehkur to cõjkuva caprêc, nê mẽ ipin partu.

Nê iwryc nê mã krĩ mã tẽ, mehcahur wÿr tẽ, ne cator nê ame cumã awjarê, nê mẽ cumã.

Wa ijõpir nê kÿaj pê ajêt, mã nêê cute ipãr nare. Hẽ ikrea kõt cute tee hũm pãr par, jũm te jũ kãm ihtêm cãmji xã cute mẽ ipãr par, ne ma ikam maremã hamu cô wÿr mō nê mrôr.

- Hàpà, to jÿ nê ampo ita kampa – hane. Mã hapyti to pjê cabhy. Mã cute me amjê kujrôn par, mã hamêê ita wÿr jũm ita mō nê cute cagãti jiwryhti te nôr na hõmpũn. Nê mẽ amji mã harên, nê jũ nã que

jũm cato, nẽ tee cute mẽ hõmpũn to me ipixêr, ne tee apu mẽ amjẽ jahkre. Mã cagãti ita cuxya to cuxy, mã me ajpẽn mã.

- Jũ na cuha, mẽ api? - hamẽ. Mã jũm ita mẽ cumã pỹn, hamũ ita na, cu mẽ hõkre nõ ita nã, cu mẽ pajapôj - hanẽ.

Pêa, cute mẽ ajpẽn ma mẽ ãnkrer jicu, nẽ amẽ hõt, pê amã ra mẽ wyr cagãti ita mõi, cute ampo tu cõakãm amẽ ihcuhõn cucyrjapê, mã cute ipãr, nẽ ihkõt hopir, nẽ cute me ipẽn par.

Yhỹ, pê mam menxujê me, mam me qêtjê mẽ, me hy ne me ahtwỳ, cõ cati ita na. Nẽ cute mẽ ahtuti pôc, ne cute mẽ carà mẽ, pát me crõre mẽ, mehkwỳ curan, nẽ mẽ cator. Ma mehprõ mẽhcucac, cute amehcucac, nẽ mẽ to kryj ne kãm amêhcupu nẽ amẽ harte. Nẽ pêa cute mẽ amjĩ mã ãnkrer kãm ihtẽm, nẽ mẽ amjĩ ma cre, nẽ cute mẽ amjĩ mã ãnkrer jicu nẽ amẽ hõtpar.

Bom, eu vou contar a história. A Cobra comeu tudo. Ela comeu todos e ninguém saiu, pois o rabo, a cabeça, a garganta são é muito baixos; então eles querem sair pela garganta, andavam perto, mas a Cobra pegava e comia novamente. Ela ficou comendo-os até de manhã cedo, comeu quase todos, apenas uma pessoa escapou.

Ele desceu, foi embora para aldeia, andando para o resto da comunidade, chegou e contou como era a cobra, que foram engolidos e disse assim. Eu subia, ficava bem alto, ela nem me viu, e também nem me cheirou. Ela foi a todas as casas e chegou, mas não viu ninguém. Foi embora para o rio, caiu no rio. Eu fiquei olhando, ela era muito grande. Ele se levanta e escuta alguma coisa. Era a cobra batendo na terra com o rabo. Todo mundo começou acordar uns aos outros. Alguém foi andando e viu a cobra deitada com brilho. Ele viu tudo e falou para os outros: agora não tenho o jeito de sair e todos eles foram ver por onde poderiam sair. Todos circularam; a cobra fez uma roda grande e todo mundo ficou imaginando como ia sair dali. A cobra tinha um cheiro bem forte, e aí eles disseram assim: como vamos nós vamos sair? E por onde vamos subir? Vamos ali, neste canto tem jeito de sair, falaram para os companheiros, andando bem perto de cabeça de cobra, estão andando, mas ela pega e come. Ninguém escapou todo mundo foi de volta para a barriga de serpente. Então pararam no canto e foram dormir. A cobra andando com eles na barriga. Eles lavavam os buchos de animais, porque sentiam um cheiro muito forte. Eles chegaram, subiram, mas a cobra comeu todos eles.

Naquela época, nossos bisavôs e bisavós foram andando e ficaram na beira do rio. Eles colocaram fogo no capim-joão, matavam catingueiro, mambira, caititu, pegavam os bichos, sapecavam no moquém, depois começam cortar os pedaços, faziam o paparuto, ficaram com a barriga bem cheia. Começaram a cantar, finalizavam as cantigas também e dormiam.

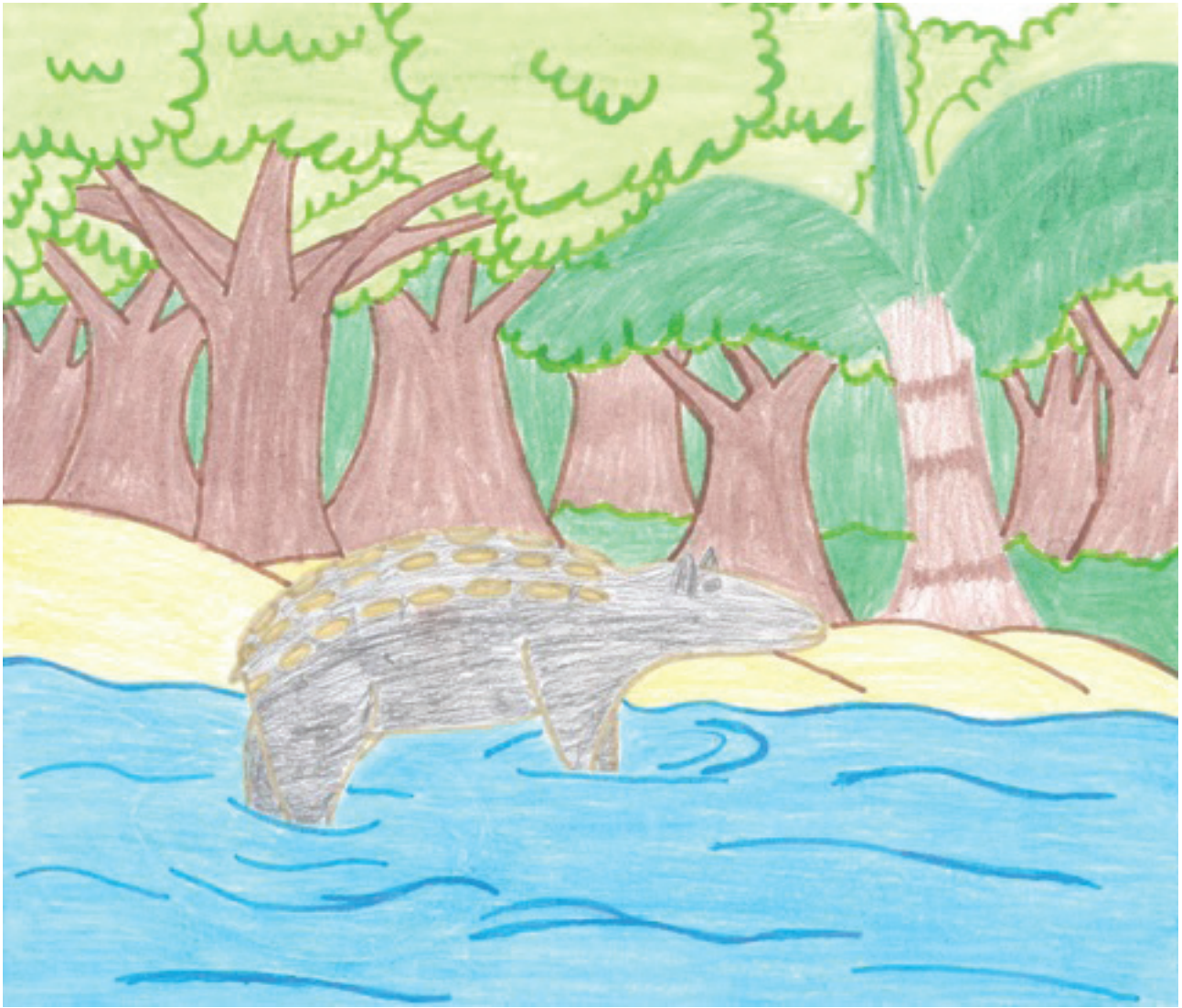
## *Cantigas do pẽp Cahàc*



awa ri re nã wajêt tê  
xà kôt tô wa tẽm mã mã  
hà rà rà ti hô mã  
xà xy cumã jarẽ mãã wajêt tê

**Jucilene Muxà krahô**





Wa jaj pê tonô xy hy re

Wa jaj pê pêpê kucà curom mo re

Wa jaj pê caa re xy hy re

**Desenho e Cantiga: Jucilene Muxà krahô**





Cỳjpê mō hõõ hõõ  
Cỳjpê mō hõõ hõõ  
Hô Pàt tà hà pare ja prũn ma  
Hô Pàt tà hà pare ja prũn ma  
Cỳjpê mõõ  
Cỳjpê mõõ

**Edinaldo Krahô**



Hô xãm mã quê jã jã jã tê  
Hô xãm mã quê jã jã jã tê  
Icÿn nẽ to tẽ ikrã caquê  
Hô xãm mã quê jã jã jã tê  
Icÿn nẽ to tẽ ikrã caquê

**Edinaldo Krahô**